A LINGUAGEM MÉDICA

DE PORTUGAL E BRASIL

164/4 FMP

Tip. a vapor da "Enciclopedia Portuguesa,,
Rua Cândido dos Reis, 47 a 49 — Pôrto

ANTÓNIO VIEIRA BARRADAS

A Linguagem Médica

DE

PORTUGAL E BRASIL

Apontamentos e comentários
para um Dicionário dos Termos Técnicos de Medicina

DISSERTAÇÃO INAUGURAL

APRESENTADA À

Faculdade de Medicina do Pôrto

PÔRTO
Julho, 1915

Faculdade de Medicina do Pôrto

DIRECTOR

Cândido Augusto Correia de Pinho

LENTE SECRETÁRIO

ÁLVARO TEIXEIRA BASTOS

CORPO DOCENTE

Professores Ordinários e Extraordinários

1.ª classe — Anatomia	Luís de Freitas Viegas Joaquim Alberto Pires de Lima
2.ª classe — Fisiologia e Histologia	António Plácido da Costa José de Oliveira Lima
3.ª classe — Farmacologia	Vaga
4.ª classe — Medicina legal e Anatomia Patológica	Augusto Henrique de Almeida Brandão Vaga
5.ª classe — Higiene e Bacteriologia	João Lopes da Silva Martins Júnior Alberto Pereira Pinto de Aguiar
6.ª classe — Obstetrícia e Ginecologia	Cândido Augusto Correia de Pinho Álvaro Teixeira Bastos
7.ª classe — Cirurgia	Roberto Belarmino do Rosário Frias Carlos Alberto de Lima António Joaquim de Sousa Júnior
8.ª classe — Medicina	José Dias de Almeida Júnior José Alfredo Mendes de Magalhães Tiago Augusto de Almeida
Psiquiatria	António de Sousa Magalhães e Lemos.

Professores jubilados

José de Andrade Gramaxo
Pedro Augusto Dias
Maximiano Augusto de Oliveira Lemos.

A Escola não responde pelas doutrinas expendidas na dissertação e enunciadas nas proposições.

(Regulamento da Escola, de 23 de Abril de 1840, art. 155.º).

Outros trabalhos do autor

Em colaboração com João Saavedra:

Dicionário dos Termos Técnicos de Medicina — Publicado o 1.º tomo (fôlhas 1 a 10). — Pôrto, 1913-1915.

Palestras Médicas — Pôrto, 1914.

*

* *

Nomenclatura Anatómica Portuguesa — *Vocabulário Anatómico em três línguas, latim, francês* e *português* — **1. Osteologia** — Separata dos n.os 8, 11 e 12, 4.º ano da *Gazeta dos Hospitais do Pôrto* — Pôrto, 1910.

Pequeno Vocabulário Ortográfico — Pôrto, 1911.

TRADUÇÕES

O Rádio e a Pedra Filosofal, de *Ferruccio Rizzatti,* vertido do italiano e acrescentado com notas e um apêndice bibliográfico, por *António Barradas* — Pôrto, 1910.

Viagens Pitorescas: PORTUGAL, de *Inês Goodall* (tradução do inglês) — Rio de Janeiro, 1913.

Viagens Pitorescas: CHINA, de *Lena E. Johnston* (tradução do inglês) — Rio de Janeiro, 1914.

Viagens Pitorescas: INGLATERRA, de *John Finnemore* (tradução do inglês) — Rio de Janeiro, 1915.

As Doenças da Memória, de *Teódulo Ribot* (tradução do francês) — Lisboa, 1915.

Medicus sum,
Nihil a me alienum...

Le vrai vaincre a pour rôle le choc et non l'estoc, et consiste l'honneur, à combatre, non à battre.

MONTAIGNE.

Nisto de nomenclatura é hir com todos, novos e velhos; se houvesse vontade d'ater-nos ao nosso, ...

A. F. BRAGA.

O conhecimento das palavras conduz ao conhecimento das coisas.

PLATÃO.

A nomenclatura scientífica, mais que nenhuma outra, precisa e deve ser rigorosa.

PLÁCIDO BARBOSA.

INTRODUÇÃO

Êste trabalho, que hoje apresentamos à Faculdade de Medicina do Pôrto como dissertação inaugural, é o esbôço e o começo de uma mais larga obra que amanhã teremos de apresentar a público.

O estudante, ao fim do seu 5.º ano escolar, não sai, infelizmente, das nossas escolas (e creio que o mesmo se dá nas estrangeiras), com cabedal scientífico e filosófico para apresentar e defender uma *tese*.

Tese, em sua primitiva etimologia, significa um princípio novo que alguêm apresenta e se propõe defender.

Ora é uma célebre ilusão, esta que as faculdades se teem alimentado, de suporem os seus alunos aptos a sustentar e defender um princípio novo, alguma coisa de valioso e útil para o progresso scientífico e para o bom nome da faculdade.

Chama-se também à tese *dissertação*. O aluno tem que dissertar sobre qualquer assunto.

Em seu artigo 154 diz o velho Regulamento de 23 de abril de 1840, por que ainda hoje em parte a

Escola se rege, e que ainda está virtualmente radicado no espírito de alguns mestres:

«Servirá de objecto do Acto grande uma Dissertação sobre qualquer materia de Cirurgia, escolhida pelo Candidato e seis proposições Medicas ou Cirurgicas, igualmente de sua escolha, escritas no fim da Dissertação.»

O aluno desenvolverá qualquer matéria por êle escolhida. Ora é sempre difícil tal escolha.

É, desde estudos de crítica histórica vista pelo prisma do critério médico, até um breve estudo sôbre a ventriloquia ou qualquer chinesice de igual teor, tudo nos passou pela cabeça...

Acalentámos durante muito tempo a ideia de escrever uma nosografia do nosso grande Fialho, mas... mais essa ilusão tombou como tantas outras que cria e logo derruba o nosso incorrigível temperamento de meridional.

De há muito o nosso espírito se sente inclinado, — como curioso apenas, é bem de ver, — para os estudos filológicos.

Leve é a bagagem de conhecimentos de tal matéria de que êle se possa jactar. Mas assim mesmo muito e muito o feriu o abandôno a que há tanto tempo se vota a pureza do nosso idioma. E uma vez ingressado nos estudos médicos, foi para êsse departamento da linguagem — *A Linguagem Médica* — que as minhas atenções mais se voltaram. Não fiz estudos profundos, quási não tomei apontamentos, mas observei, vi e fui comentando.

Hoje, mal chegado ao fim do meu curso, encontro-me com a consciência perfeita de não poder sustentar uma *tese* na verdadeira acepção da palavra, isto é, um princípio novo que á medicina dê

nova luz e novo brilho.

Não me padeceria o ânimo ir ofender o prestígio que tanto ambiciono para o meu nome, e mais, ofender o espírito do legislador quando decretou que se defendesse tese com uma dissertação original, e por fim ofender o prestígio que eu tanto ambicionaria imarcescível para a Faculdade Médica da terra que me foi bêrço — não me padeceria o ânimo, repito, ofender êsse prestígio, apresentando como tese uma tradução mascavada de algum mau trabalbo francês.

E assim, deixando-me vogar nesta ordem de ideias, concebi um trabalho que, por muito pouco valioso, representasse o *meu esfôrço, original, próprio,* em assunto em que, à mingua de cultores, de há anos me venho ocupando, com o interêsse que sempre dá o trabalho gostosamente feito.

E foi assim que elaborei um trabalho sôbre — *A Linguagem Médica* de Portugal e Brasil.

*

A Escola do Pôrto, velho organismo com os seus 90 anos de existência passada, tem nas 1.465 teses

apresentadas ao seu douto *veredictum*, assuntos tratados desde o vinho do Porto (que até parece um título roubado a Camilo) e os vinhos sofisticados até ao vómito ou à influência de religião cristã sôbre o desenvolvimento físico e intelectual dos povos.

Mas nada tem ainda sôbre o assunto que o signatário destas linhas escolheu para dissertar.

Perdão! Em 1886 o sr. dr. José Leite de Vasconcelos, hoje tido na justa conta de um dos raros mestres da filologia em Portugal, defendeu a sua tese — *A evolução da linguagem — Ensaio antropológico* — que a escola premiou com louvor. Mas êsse trabalho é na sua índole, bem diferente do nosso.

*

Tão diverso é êste nosso estudo de tudo quanto a Escola conta no catálogo das suas teses que por momentos hesitei sôbre se seria bem cabido o apresentar a uma Faculdade de Medicina semelhante trabalho.

Mais próprio pareceria de uma Faculdade de Letras. Se, porêm, nesta fôsse apresentado, lá aplicariam o mesmo argumento, dizendo-a mais apropriada à Faculdade de Medicina.

Em alguma tem de o ser pela primeira vez. Seja nesta Faculdade de Medicina do Pórto.

Dois exemplos, pelo menos, há já de trabalho desta espécie defendido perante uma Faculdade de Medicina.

Em 29 de Março de 1904 foi apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, e aprovada com distinção, a tese inaugural do Sr. Dr. Pedro António Basílio sôbre os *Vícios da nossa Linguagem Médica.*

Igualmente na Baía o Sr. Dr. Vasconcellos de Queiroz defendeu tese com outro estudo intitulado *Vícios da nossa Linguagem Médica.*

Em Portugal um trabalho desta natureza é pouco menos que original.

Necessário é que não esqueçamos a publicação que em 1910 o sr. Cândido de Figueiredo, muito ilustre vulgarizador de conhecimentos lingüísticos e operoso organizador do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa,* fêz do seu livro — *Vícios da linguagem médica — Anotações morfológicas, fonéticas e sintácticas.*

Êste livro, por não ser de um médico, tem jus a lugar distinto a par dos trabalhos que citamos. É certo que ao percorrermos o seu indice não se nos deparam só termos da linguagem médica, porquanto *cauchu, batráchio, alcool, amido, bôrdo, proeminente, oxigênio,* etc., etc., tanto são da linguagem médica como de qualquer outra. É certo que um ou outro êrro de facto por lá perpassa; e ¿que admira isso, se ao sr. Cândido de Figueiredo falta o que é condição que quási se impõe para de tal assunto se ocupar *de cátedra:* a de ter freqüentado durante 5 anos os bancos de uma escola médica?

*

* *

Poderíamos dividir êste trabalho em tantos capítulos quantos aqueles em que se dividem os estudos médicos e assim faríamos primeiro o estudo da linguagem anatómica para depois empreendermos os dos diferentes distritos da medicina.

Publicámos já, sôbre *Nomenclatura anatómica portuguesa* um pequeno trabalho, em que dizíamos:

«Parece-nos de uma necessidade urgente a organização de uma nomenclatura anatómica portuguesa... empreendemos a adaptação do trabalho do Dr. P. Rodet. — «Reparando nos inconvenientes da múltipla sinonomia dos termos anatómicos — diz Rodet — foi que os alemães tomaram uma medida radical e chegaram a uniformizar a sua linguagem anatómica. Em 1895 reuniu-se em Basileia um congresso e elaborou uma nomenclatura em latim. Esta é desde então usada em todos os países da raça germânica ou que deles sofrem a influência. Apresenta ela duas consideráveis vantagens: 1.° não existem sinónimos; 2.° foram completamente excluídos da terminologia os nomes próprios. — O latim que figura nesta obra é o desta Nomenclatura, actualmente em uso em quási metade da Europa, e adoptada parcialmente em países não germânicos. É pois de grande importância para todos os povos possuírem a correspondência dos termos desta Nomenclatura com os empregados por êles».

«... servindo-nos de base e guia para a nomenclatura portuguesa o *Tratado de Osteologia Humana* de J. A. Serrano (Lisboa, 1895, 1897)...

O trabalho do Dr. P. Rodet, que adaptámos, na parte *Osteologia,* intitula-se — *Nomenclature anatomique en quatre langues: latin* (nomenclature de Bâle), *français, anglais, esperanto* (Paris, 1906)».

*

Preferimos traçar para esta obra, que teve de ficar reduzida a simples apontamentos, um outro plano.

Pretendemos demonstrar que ainda os melhores dicionários gerais fraco auxílio poderão prestar para quem neles procure qualquer têrmo técnico de sciências médicas ou de quaisquer outras sciências.

Bastarão dois ou três exemplos para disso certificarmos o leitor.

Choco, *m.* Peixe, o mesmo que *siba.*

* **Atheroma**, ou **ateroma**, *m. Med.* Nome, que se dava ao cisto sebáceo, formado no pescoço *ou* nas artérias do pescoço.

Fígado, *m.* Víscera volumosa, parte da qual produz a bile, emquanto a outra parte produz a substância açucarada que passa aos pulmões, servindo aos actos respiratórios.

Nestas circunstâncias torna-se absolutamente ne-

cessário um Dicionário de Termos Técnicos de Medicina.

Foi essa obra que, eu e o meu condiscípulo e grande amigo João Saavedra, concebemos e entregamos à publicidade. Está a obra ainda na letra *D*. Lentamente se irá publicando o resto, com a boa vontade e consciencioso empenho de acertar com que até aqui tem sido elaborada.

Para esse *Dicionário* escreveram os seus autores êste *Prólogo:*

«Desde o início do seu curso de medicina os autores dêste Dicionário vinham sendo impressionados pela falta de uma obra que ao público médico de Portugal e Brasil fornecesse a significação dos inúmeros termos a cada instante ignorados ainda pelo mais aplicado estudante e alguns até pelo mais douto profissional; muitas vezes foram obrigados a deter-se na leitura de um expositor ou de uma revista para elucidar o significado de termos que lhes eram absolutamente desconhecidos.

E ¡quantas vezes a sua curiosidade só parcialmente ficava satisfeita!

Um outro facto ainda lhes feria a atenção: o abandôno a que era votada a pureza da linguagem médica, o pouco ou nenhum cuidado na tradução dos termos respeitantes a todos os ramos da medicina e da cirurgia.

Foi assim que lhes nasceu a ideia da organização de um dicionário; ponderadas as dificuldades de tão árdua tarefa, afoitaram-se a encetá-la, crentes de que

o seu esfôrço seria compensado pela utilidade que de tal publicação adviria.

Largos meses de colheita de materiais, vasta consulta da literatura médica portuguesa e brasileira, o estudo cuidadoso dos dicionários congéneres das línguas latinas, produziram a pequena obra que vai entrar no prelo, modesta sim, mas produto conscienciosо de um trabalho honesto. E quemquer que a êste dicionário lance olhos generosos de bem intencionada crítica não esqueça que tivemos de desbravar caminho bem eriçado de dificuldades.

*

É de justiça confessar que para o nosso trabalho encontrámos um guia de valor; uma parte do nosso objectivo está realizada nas suas linhas gerais pelo Dicionário de Garnier & Delamare, que tão preciosos serviços vem prestando à medicina francesa, principalmente aos estudantes.

Faltava a terminologia médica portuguesa.

Após cuidadosa leitura da obra dos mestres da medicina portuguesa e brasileira, e da freqüente consulta aos dispersos subsídios que se encontram nos trabalhos de Ricardo Jorge, Fragoso Tavares, Pedro Basílio, Plácido Barbosa, Francisco de Castro, Cândido de Figueiredo e tantos outros, sôbre a nomenclatura médica, procurámos harmonizar num corpo único os ensinamentos colhidos.

E, se o Garnier & Delamare nos serviu de precioso guia e orientador, pois que sob o ponto de vista scientífico êle realizava o nosso objectivo, isso não

quere dizer de modo algum que não tivéssemos aumentado consideràvelmente o número de termos que nele se encontram e não tivéssemos refundido e ampliado a grande maioria das suas definições.

Esta obra terá muito maior número de vocábulos, e ao lado da terminologia portuguesa, encontrar-se há a correspondência em francês quando esta não seja usualmente conhecida e os termos em ambas as línguas não sejam similares.

Foi pôsto o maior cuidado na precisão e rigor scientífico de muitas definições incompletas ou defeituosas que se encontram na última edição (5.ª ed., 1912) daquele Dicionário».

Com efeito, publicados 10 fasciculos ou sejam 160 páginas, desde a letra A até à letra D, o *Dic. Term. Tecn. Med.* tem cumprido as promessas feitas. Das suas cêrca de 2.300 palavras só aproximadamente 90 foram tiradas *ipsis verbis* do Garnier & Delamare, mas pôs-se-lhes a indicação de origem. As restantes teem sido fruto de paciente estudo e porfiada investigação, feita sempre que possivel é, nos livros da medicina portuguesa e brasileira.

No decurso do *Dic. Term. Tecn. Med.* são freqùentemente citados, alêm de vários estrangeiros, os seguintes autores portugueses e brasileiros: Aleixo de Abreu, Azevedo Neves, Aragão, Bensaúde, Carlos Chagas, Eduardo Mota, Egas Monis, Garcia da Orta, Geraldino Brites, Júliode Matos, Lopes Vieira, Plácido Barbosa, Ricardo Jorge, Silva Lima, Sousa Martins e Zacuto Lusitano.

*

Dicionários de Termos Técnicos de Medicina existem em várias línguas.

Por direito de primazia citaremos o *Dictionnaire des Termes Techniques de Médecine* de Garnier & Delamare, concebido sob um plano irrepreensível e executado de modo a poder servir de modêlo a trabalhos congéneres.

Foi realmente sôbre êste trabalho e nos seus moldes que vazamos o nosso *Dicionário*.

Apenas quisemos dar-lhe uma feição bem portuguesa; isto é, fomos, sempre que pudemos, buscar as nossas definições e os informes que com elas se prendem, aos escritores da medicina portuguesa e brasileira.

De um cotejo, feito a largos traços, entre o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* de Cândido de Figueiredo e o nosso *Dicionário de Termos Técnicos de Medicina,* ressaltará melhor a vantagem da existência dêste; ver-se hão as deficiências e êrros de um e de outro, explicar-se hão mesmo preferências que no *Dic. Term. Tecn. Med.* se deram a esta ou àquela forma, far-se há o comentário de várias outras.

Em alguns dos apontamentos que aqui deixamos exarados mostramos a nossa falta de concordância com a opinião antiga que nos levou a deixar registados no *Dicionário* formas que hoje nos parecem menos plausíveis. Em todo o caso trata-se quási sempre de divergências de pequena monta.

A Itália fornece-nos a sua *Terminologia clínica* de Ferrio, ordenada por ordem alfabética à laia de

Dicionário, mas sem ter a seqüência dêste, pois o autor não se preocupou de compôr todos os termos da tecnologia clínica, mas apenas alfabetou o grande número dos que colheu.

Publicou-se a 2.ª edição desta obra em 1909. Nela o seu prefaciador, o douto director de clínica médica geral de Turim, o Professor Bozzolo, aponta e lamenta o grave êrro em que a terminologia clínica tem caído, o hábito «cada vez mais difuso de indicar muitas doenças, sintomas, regiões anatómicas, reacções químicas, etc., pelos nomes de autores». Foi contra êste péssimo hábito que pugnou a reforma da nomenclatura anatómica do Congresso de Basileia quando decretou que fôssem absolutamente banidos dessa terminologia os nomes próprios.

Como se não fôsse já bastante — diz ainda Bozzolo — o facto de que «a noção dos termos técnicos, dia a dia mais numerosos, constitui para o estudioso das sciências médicas uma das maiores dificuldades, e a recordação de muitos deles foge bastantes vezes ainda ao médico mais culto».

Já o nosso bem conhecido Roger, ao prefaciar o *Dict.* de Garnier & Delamare, repreendia: «Não há bacteriólogo que tenha descoberto ou julgado descobrir um micróbio que não lhe tenha dado um nome novo: único processo de estabelecer o seu direito de paternidade. Mais tarde ir-se há dar à bactéria, já denominada, o nome do que pela primeira vez a viu. Repararemos, quando mal nos precatarmos, que o micróbio era já de há muito conhecido e estava já

classificado. Resultado: será êle descrito com diversos nomes. Concebe-se a confusão do leitor. Suponhamos, por exemplo, o *colibacilo:* Não serão poucas as dúvidas que se oferecem ao principiante para o reconhecer entre os quinze ou vinte nomes com que é designado . . . . . Fácil seria fazer as mesmas considerações a respeito de outros ramos da medicina. Quantas doenças se não conhecem com diferentes nomes! A *febre tifoide* recebe também os de *febre contínua, tifo abdominal, dotienenteria;* a *paralisia infantil* designa-se também com os de *paralisia espinhal infantil, tefromielite* ou *poliomielite anterior aguda, paralisia atrófica gordurosa da infancia, paralisia miogénica.*

De igual modo se empregam indiferentemente as expressões clínicas, anatómicas ou patogénicas de *icterícia grave, icterícia maligna, tifo hepático, atrofia aguda amarela do fígado, icterícia inficiosa, febre amarela nostras,* etc. Não terminaria nunca se me propusesse citar as afecções que se designam ora com nome anatómico, ora com nome clínico, ou com um ou vários nomes históricos. Tal acontece no *bócio exoftálmico,* chamado por uns *doença de Basedow,* por outros *doença de Graves,* e segundo Tapret deve-se-lhe-ia chamar doença de Marsh.

Há ainda numa mesma doença alguns sintomas que recebem diversos nomes. Os exemplos abundam especialmente na patologia do sistema nervoso. São tam complexas estas doenças, que quem queira examinar com cuidado os seus doentes não deixará de encontrar algum sinal, por insignificante que pareça, que tenha passado despercebido ao seu predecessor

e aplicar-lhe há um nome, geralmente derivado do grego, que em breve será substituído pelo do seu inventor. Poderá isto ser favorável aos que publicam; é, porêm, sumamente desfavorável para os que estudam.

Eis aqui pois a actual situação dos estudantes. Possuem excelentes obras, mas a cada passo se vêem obrigados a deter-se ante os termos técnicos e os nomes próprios com que tropeçamos».

Outras considerações faz ainda o Prof. Roger; e, citando-as, a propósito escrevi há tempos algumas considerações (*Pôrto Médico,* Maio, 1912) que, por terem talvez cabimento, peço vénia para recordar aqui.

«Nesta terra em que abundam acumulações e fervilham músicos que tocam vários instrumentos não encontrou o *Pôrto Médico* para dedilhar a lira da terminologia do ofício outrem que não eu, músico desafinado na aprendizagem da arte de Esculápio reforçado de amador fracote de coisas filológicas.

Bem sei que o meu crime é ter no meu passado escorregado em publicar umas desataviadas notas sôbre a terminologia anatómica, em que começava sentenciosamente por dizer:

«Parece-nos de uma necessidade urgente a organização de uma nomenclatura anatómica portuguesa».

E não é só nesse distrito médico que a linguagem cinca.

Por toda ela, por todo êsse vasto campo da medicina borbulham na sua linguagem mais erros do que tortulhos vicejam por pinheiral no inverno.

E como não há de ser assim se a coisa mais ruim de encontrar neste rincão lusitano é doutor em medicina que ainda acredite em que «não fazem dano as letras aos doutores» se quisermos parafrasear o asserto do velho poeta quinhentista.

Médico que os ócios seus dedique ao estudo aporfiado da língua pátria ou que dos termos clínicos procure extraír a razão última na sua grega ou alatinada origem, é coisa que entre nós já hoje não medra nem viceja.

E depois é de ver como os clínicos adjudicam nomes o mais disparatados que é possível a toda a casta de sintomas e doenças, de órgãos e aparelhos que a fortuna determinou que os tivessem por padrinhos.

Não que eu queira afirmar que isto é mal que só cá por casa apoquenta. De mais sei eu que em França o Roger se queixa há muito:

«... il est vrai, que nos études classiques nous permettent facilement de remonter à l'etymologie. Mais la plupart d'entre nous ont quelque peu négligé le grec. Ceux qui ont continué à le cultiver ont dû éprouver bien de mécomptes en voyant comment les régles de l'étimologie sont souvent maltraités dans le langage médical.»

La plupart d'entre nous ont quelque peu négligé le grec (!) ¡Que diremos nós então cá na nesga ocidental onde os governantes se teem esquecido de mandar ensinar grego aos aspirantes á medicina, de modo que o grego *grego* continua a ser para toda a gente, se exceptuarmos o sr. Padre Correia e o

sr. José Caldas, e mais dois eruditos que o sabiam mas que aqui há anos se transferiram à vida eterna!

De modo que o mal existente lá fóra agrava-se entre nós. Se «tous les termes mauvais, inexacts ou erronés qui abondent en médecine commandent une revision complète de nos expressions techniques» por cá é preciso ainda fiscalizar êsses termos e expressões afrancesadas que forçam a raia, sobraçados por êsses contrabandistas da tradução que chamam *ralas* aos *sarridos* e não sabem que *sévrage* quer dizer *desmame*.

O galicismo, que como uma grande chaga alastra por todo êste belo português, nestes domínios da medicina tem então seu retoiço predilecto.

E' que nós não curamos de conhecer o que sôbre medicina produzem a flux êsses prelos da bela Itália, já em obras suas originais, já em traduções acuradas de todos os bons trabalhos estrangeiros.

Nem da vizinha Espanha importamos (dela que na sciência bem nos vai levando as lampas) não importamos, dizia, nada que nos dê ensejo a procurarmos para a nossa linguagem médica mais aconselhável modêlo do que êsse francês já fervido e refervido que há de eternamente ser pai e mãe dos nossos pecados linguísticos.

Mas não se me aponte a pecha que o grande dramaturgo inglês repreende quando põe na boca dêsse Hamlet louco e filósofo a conceituosa exclamação: Words! Words! Words! Palavras e mais palavras!

Não, eu não quero apenas gotejar plangências sô-

bre o estado caótico da nossa terminologia médica. Pretendo também apontar o caminho que nos há de levar a pôr um pouco de nexo e de ordem neste caos.

Mas como êste arrazoado já vai longo de mais para bem corresponder ao favor generoso da gazeta que assim concede hospitalidade a matéria tam pouco acareadora de leitores, eu atrevo-me a solicitar que quando acaso uma das laudas lá do jornal não tenha ainda recheio adrede preparado, me seja reservada para dizer a algum hipotético confrade que acaso eu tenha no amor por estes derriços, quais os elementos com que podemos contar para a beneditina tarefa da remodelação da nossa linguagem médica».

Em língua espanhola não há, ou, pelo menos, eu não conheço, dicionário algum original de termos técnicos da medicina. Conheço sim, duas traduções espanholas (uma das quais tenho presente, e pertence a D. Joaquín Pí y Arsuaga; está em 2.ª edição, Madrid, 1912) e uma argentina, do Garnier & Delamare.

Em língua inglesa posso citar *A Practical Dictionary* de Th. L. Stedman, e publicado em Londres, 1911.

Em Portugal houve em tempo uma tentativa de Dicionário de Sciências Médicas. Colho êsse conhecimento da leitura da *Gazeta Medica do Porto,* 1845, não que eu tenha conhecimento *de visu* de tal obra, que, ao que parece não chegou a têrmo e conclusão.

Aqui transcrevo, da *Medicina Contemporânea* de 1892 o *"Prólogo provisório do Dicionário das Sciências Médicas"*. — «A imperfeição pertence por natureza aos Dicionários, isto na razão inversa do número de suas edições. Com êste princípio, ou antes axioma, que reconhecem todos os Filólogos, respondo àqueles que pretenderem ser injustos para comigo exigindo perfeição no Dicionário, que começo a submeter ao juizo público; mormente sendo êste Dicionário da primeira edição, de várias sciências, sem modêlo em nossa língua, e trabalhado por um só homem. Sabe-se que ao génio quási nada cabe em obras destas: alguma fácil erudição, árduas fadigas e paciência de ferro, eis o tudo: mas a estas circunstâncias acham-se anexas o cansaço e a impaciência de que repetidas incúrias são os resultados infalíveis e naturais. Por todas as razões ditas, sou eu o primeiro a dizer que neste Dicionário haverão muitíssimas imperfeições e incorrecções apesar do muito esmêro que emprego para evitá-las; porêm delas tambêm se não isentam os varões que tanto e em tudo me excedem, e em cujas copiosas fontes tenho principalmente bebido para compor êste meu trabalho, quais são Castelli, Blancardi, Capuron, Nysten e seus sucessores, Bégin e seus companheiros, Klein, Grant e seus antecessores.

Ninguêm deixava de conhecer a necessidade que havia em Portugal de um Dicionário ou antes um Vocabulário da Arte de Curar: os que há em línguas estranhas não podem cabalmente servir na nossa, tanto para os homens da Arte já feitos e mui principalmente para os Alunos. A língua portuguesa, levada

de certo à perfeição na Poesia, na História e mesmo na Eloqüência Sagrada por Camões, Barros, Vieira e alguns poucos mais, ficou fora do impulso que as Sciências, todas renovadas, e algumas como criadas de novo, tem prodigiosamente dado às principais línguas da Europa há um século a esta parte: em português não se tem escrito original e clássicamente sôbre Sciências; nem por isso podia ser quando elas teem estado e estão ainda entre nós tam abandonadas por nosso mal e vergonha. Assim os que as professam, mormente nós que nos ocupamos dos ramos da Sciência de Curar, lendo-as em livros estranhos, e quási exclusivamente nos franceses, enchemos de galicismos, insuportáveis e muita vez ininteligíveis, os nossos escritos e discursos, arruinamos a pronunciação, a pureza e o génio do nosso idioma, adquirimos e emitimos muitas noções em falso por não entendermos o genuíno sentido de muitas frases e termos, e não possuirmos frases e termos com que expressemos muitas noções novas dado que as compreendamos.

Eis aqui pois em português o núcleo dêsse Dicionário ou Vocabulário das Sciências Médicas, para ser corrigido e aperfeiçoado pelo tempo e por mãos mais hábeis que em tal fadiga me sucedam; não se podendo negar contudo que essas correcções e aperfeiçoamentos, que de tanta honra e proveito devem ser para a nação portuguesa, não existiriam sem êste núcleo pôsto que incorrecto, imperfeito e humilde. Tambêm espero que êle venha a ser a base do aperfeiçoamento da língua portuguesa na sua aplicação às Sciências Médicas.

. . . . . .

Tenho a língua portuguesa pela mais latina e mais grega de quantas se derivam dos idiomas de Cícero e de Demóstenes: assim, esforço-me eu para dar às suas palavras o mais possível aquela *rotunda sonoridade,* segundo seu *ore retundo,* tam própria da língua grega, e que êle tanto queria ver imitada na latina, *parce detorta.* Por isso à imitação dos gregos, faço esdrúxulas todas as palavras que posso sem afectação: nisto não me servem de regra as sílabas breves ou longas de suas raízes, como elas no grego para tal não serviam; mas sim o meu ouvido, o meu gôsto, ou a analogia que guardam com outras semelhantes palavras já em uso na língua portuguesa. Deixo os nomes de Sciências ou de fracções delas acabadas em ...*ia* com a predominante na penúltima, como *Fisiologia, Patologia,* pôsto ser isto contra o génio do nosso idioma, do latino e do grego; mas sacrifique-se esta racionalidade no inveterado abuso que tiramos da língua francesa, na qual são impossíveis os esdrúxulos do grego e do latim. Escrevo pois *v. g. anoréxia* ou *anorexe, syndésmose, hemátose, diártrose, epilépsia* ou *epilepse, cardiálgia, cárdia, epigénese, epiplérose, sarcócele,* etc. — Estas matérias prosodiais serão tratadas com a precisa extensão no Prólogo definitivo.

A redacção de cada artigo não é constante em sua referência a êste ou àquele autor: tirei ora de um ora de mais, ora de todos, conservando a ordem que ali estava ou dando-lhe outra. Assim, mui poucos artigos se acharão tais quais os teem seus autores

originais na respectiva língua; quási todos os de um autor estão modificados por matéria de outro ou de outros também muitos há em que a redacção e mesmo a matéria me pertencem, já de todo, já mais ou menos. As etimologias e os equivalentes das diversas línguas só faltam ou quando não os há, ou quando eu não os achei; isto mesmo sucedeu a Blancardi, que me deu exemplo desta adição, e até ao próprio Calepino das sete línguas.

Lisongear-me hei muito se os Alunos da Escola em que tenho a honra de ensinar, e sem os quais não se faria esta obra, poderem tirar dela os frutos de instrução que eu lhes desejo. — Lisboa, 15 de Março de 1839. — *Lima Leitão*„.

Não conheço êste Dicionário, nem me foi possível vê-lo.

A êle fêz referência o redactor da *Gazeta Médica do Pôrto*, J. F., nestas palavras:

«A lingua portuguesa, tão rica de vocabulos, tão ornada de idiotismos e anexins, tão louçã e melodiosa, como filha primogenita, que é, da latina; de palavras técnicas, e termos scientificos é, pelo contrário, pobre, mal ornada, indefinida e torpe. — Provem isto de, pouco depois da epoca da restauração das letras, se fechar para nós a longa era, tão brilhante como gloriosa, dos nossos memoraveis descobrimentos, e emprezas aventureiras .....

Prostrados da maior altura, caídos em infimo abatimento, mergulhados em letargica abjecção,

por muito tempo não inventámos cousas; por onde tambem não creamos palavras que as designassem.

Entretanto lá por fora os descobrimentos e invenções scientificas e artisticas multiplicavam-se de dia para dia; e a cada qual se impunha um nome próprio. E depois quando nós despertamos do *coma* em que jazeramos, ouvimos cá falar nessas ideias e termos novos, quizemos apropriar-nos assim destes como daquelas. — Isto foi um erro. — Que nós aceitassemos da mão alheia a esmola dos factos, e dos principios, embora; que os não tinhamos da nossa lavra; mas agora; aproveitarmo-nos tambem das migalhas de termos estrangeires, foi abjecção, por que nunca deviamos nem careciamos de passar; pois tinhamos uma lingua mais rica do que nenhuma dessas que quizemos parodiar; e fertilissima em raizes e desinencias, que muito bem se ageitavam á formação de termos tecnicos, genuínos; e foi um barbarismo inquiná-la de francezias hibridas, e de palavras macarronicas, que se não casam com o genio dela.

. . . . . .

Já que houve o desmazêlo e vergonha de deixar inçar de tanta corruptela a formosa lingua dos Camões, dos Barros, e dos Sousas; trabalhemos nós agora não só por obstar á introducção de mais este contrabando de moeda ligada, senão tambem conspiremo-nos todos contra a circulação da que anda em giro; que vá lá para onde carecerem dela; que nós temo-la nossa quanta queiramos, e sempre pura e boa como ninguem.

Para alcançar este desideratum temos que os meios

mais eficazes são os livros classicos elementares e os dicionários; — assim em geral como os tecnologicos de cada uma das artes e sciencias; — escritos em portuguez genuino e castigado. Pois, a nosso ver, é por carecermos duns e outros que tão mal-baratada tem andado a nossa lingua e a nossa escritura. Por onde, serão os mais benemeritos entre os benemeritos das letras e da patria, os que empregarem as suas lucubrações na fabricação dalgum livro dos da especie dita; e tanto mais quanto raros são eles; a despeito de sôbre muitos pesar por lei esta obrigação.

Entre os poucos, sobre-sae conspicuo o snr. Lima Leitão. Das muitas e diversas obras trabalhadas por este eximio medico, literato, e todas excelentes, achamos que a mais necessaria, a mais prestadia, indispensavel até, é o seu Dicionario das Sciencias Medicas.

. . . . . .

O Dicionario do snr. Leitão é delineado por o de Nysten; mas em ponto muito maior, os artigos avultam muito mais não só pelo numero, mas tambem pela extensão de cada um; .....

— Isto pelo lado médico. — Pelo filológico, algumas singularidades oferece êste livro; sôbre a conveniência das quais não nos atrevemos a julgar. Respeitamos muito a apurada literatura e sisuda crítica que reconhecemos no ilustre Autor: por onde cremos que essas singularidades serão bem fundadas; pôsto que algumas provávelmente, não chegarão a obter a sanção do *uso,* que nestas cousas governa muito.

Aqui rematamos, havendo por muito recomen-

dada aos nossos colegas a leitura deste Dicionário; e por muito rogado ao snr. L. Leitão que não largue mão duma obra, cujos primeiros lanços estão tão bem, e elegantemente, acabados; e a qual, se se chegar a ultimar, ficará sendo um padrão de eterna glória para a pátria de Zacuto; e um monumento de celebridade entre os muitos, que, para a sua fama, coeva e póstuma, tem alevantado o snr. L. Leitão». —*Gaz. Med.*, Porto, 1850.

*

Além dêste artigo encontro na mesma gazeta, tômo I, 1843, pag. 39, êste outro sôbre *Filologia médica:*

"*Impropriedade dum têrmo.* — Não foi só o filósofo inglês o que recomendou que na escolha dos vocábulos houvesse o maior escrúpulo; Clerc, Condillac, e todos os que teem tratado da arte de pensar, insistem na importancia que a precisão e a propriedade das palavras teem sobre a exactidão, e clareza das ideas, assim do que diz ou escreve, como do que ouve ou lê. Verdade é que elas não teem significação real, senão representativa; e que o uso, *penes quem jus et norma est dicendi* (Horacio), é autoridade que as pode cunhar, e marcar-lhes arbitrariamente o valor; e que em sciencias, artes, e oficios podem os vocabulos girar com significação mais restrita, e diferente mesmo do uso comum; uma vez que préviamente se lhes haja limitado o valor; se hajam definido. Ha todavia — julgamos nós — casos em que

alguns termos, com quanto estejam definidos, e tenham figurado como technicos, não devem continuar a ser recebidos.

Como quando se descobre que era falsa, no tempo em que aqueles foram cunhados, a ideia que os homens formavam do objecto que por eles queriam exprimir, e a significação vulgar e etimologica do vocabulo repugna com a idea nova: por exemplo a palavra — *solitaria.*

É para notar, e respeitar, a sagacidade, o engenho, e a fortuna dos medicos antigos em achar vocabulos tão imaginosos, tão onomatopaicos, e que tanto ao vivo pintavam os objectos. Sirvam de prova — *febre, crise, schirro, pulso,* e centenares doutros. O que dependeu assim da influencia que, sobre a fantasia, tinha o céu aprazivel sob o qual eles viviam, como da atenção com que espreitavam os fenomenos de que é teatro a economia humana; no que — força é confessa-lo — nos levaram muita vantagem.

Foi por estas circunstancias aliás muito contribuintes para a exactidão da termologia; que — por excepção — eles introduziram na medicina o vocabulo *solitaria,* o qual pela sua significação usual, e etimologica induz uma ideia falsa.

Foi sim bem aplicado então; porque os antigos viviam na hipotese de que a tenia era um verme que mora sempre sózinho, e exclue a conveniencia de congeneres. Mas depois que se observaram casos de coexistencia simultanea duns poucos, em um só individuo; o vocabulo *solitaria* deve ser degradado do catalogo dos termos proprios de medicina; e substi-

tuido por aquel'-outro de tenia; o qual, com ser menos expressivo, pois pinta bem a figura do entozoario, — *fita* — é exacto e genuino.

Que ha exemplos de tenias multiplas é certo; a historia médica menciona alguns. Citaremos apenas um, que, por ser mais recente, é mais autentico. Em Janeiro de 1840 foi Mongeat consultado a respeito de certos padecimentos do ventre, por uma Senhora, a qual, depois, veio a expulsar um novelo de tenias, que ele verificou serem doze, e somarem todas a extensão de 49 varas e 1 pé. — *J. F.*„

*

Entre êste meado do sec. XIX e os tempos modernos, por 1890, nada conheço que revele interesse por questões de linguagem médica.

Aqui surge-nos agora por Dez. de 1901 na *Medicina Contemporânea,* um Prof. Teotónio da Silva a ocupar-se de *Questões filológicas* a propósito da palavra *raspagem* e outras, como *embalanço, rala, morgue, astrágalo,* etc. Veio depois João Semana Junior ocupar-se de *marcha, defervescência, fervores,* etc.

Continua (Jan. 1892) o Prof. Teotónio a ocupar-se do *Vocabulário Médico,* discutindo termos como *viável* e *vitável, livores, legra* ou *raspador,* etc.

Satisfeito com o incremento que a questão ia tomando, um dos redactores da *Medicina Contemporânea,* Fragoso Tavares, exulta e diz:

«Graças a Deus que podemos considerar duradoura esta nova secção — vocabulário. Além do prometido

artigo de João Semana, a que par *droit d'ainesse* pertence esta primeira página, chegou-nos outro».

Assinava-o *A. Cirrhado.*

O *A. Cirrhado* era, se a nossa conjectura não falha, o brilhante espírito de Ricardo Jorge que começava então a fazer-se ouvir nesse capítulo das sciências médicas — o da linguagem — para que não possa hoje percorrer-se qualquer distrito da Medicina, sem que a citação do nome de Ricardo Jorge se imponha, como o de alguêm que aí deixou qualquer conceito novo e valioso.

Novo artigo (III) sôbre *Vocabulário Médico* do Prof. Teotónio em o n.º de 24-Jan. Artigos vários de permeio e nova série (II) de *Medicina litteris* do A. Cirrhado no jornal de 11 de Fev. com referências a *crossa* da aorta.

Perde-se agora o gôsto destas coisas e todo o mês de março passa sem que os colaboradores médicos-filólogos voltassem a dizer de sua justiça.

No *Pôrto Médico,* vasta colecção de 7 ou 8 anos de brilhante jornalismo médico, apenas lá apareceu um artigo de um professor brasileiro sôbre *impigem, impetigo,* etc., e o meu, que há pouco ficou transcrito.

Na *Gazeta dos Hospitais do Pôrto* além do artigo sôbre *Nomenclatura anatómica* que escrevi, há a citar as considerações do Sr. Prof. Pires de Lima a respeito do livro *Vícios da linguagem médica* de C. de Figueiredo.

A *Vida Médica e Scientífica* publicou apenas sôbre o assunto dois artigos meus e o *Portugal Médico* publicou além de um artigo meu, outro, em aditamento e esclarecimento ao meu, do Sr. Prof. Pires de Lima e um curioso estudo *Linguagem Médica Popular* do meu prezado amigo Alberto Saavedra, artigo que mereceu as honras de ser transcrito pela *Gazeta Clínica* de S. Paulo; além de outros do Dr. Cláudio Basto.

A *Medicina Contemporânea,* de Lisboa, já há muito que deixou de se ocupar de assuntos médico-filológicos e na *Medicina Moderna,* do Pôrto, só me lembro de ter visto há tempos considerações sôbre o termo *ergastenia,* proposto como tradução de *surmenage.*

*

* *

Assim deixamos esboçada a largos traços a *História* do que teem sido entre nós êstes estudos de linguagem médica, tanto quanto ao nosso conhecimento chegou. Em seguida damos um *Vocabulário,* análogamente ao que fêz o sr. Gonçalves Viana nas suas *Apostilas aos Dicionários Portugueses.*

É isto também uma Apostila aos Dicionários Portugueses, mas apenas no distrito da tecnologia médica.

Nesse vocabulário atendemos à *Fonética* dos termos médicos, fonética que é nuns errada; noutros, finalmente, varía nos três centros médicos do país — Lisboa, Pôrto e Coimbra. O mesmo se dá em relação à *Morfologia.* Por fim, e é esta a parte do nosso tra-

balho que consideramos como mais original, talvez porque é a que tem sido alvo de menos estudos, a *Sintaxe* dos nossos livros de medicina e da expressão corrente dos nossos médicos, tam eivada do sabor e jeito francês, será estudada com minúcia.

E terminaremos o nosso livro com uma série de *Conclusões* após todo o caminho percorrido e com os votos que formulamos para que se comece a saír deste caos filológico em que os médicos dos tempos modernos se teem deixado escorregar, mas de que o clínico do futuro, ilustrado e patriota, deve incontestávelmente forcejar por ser liberto.

Prestam-se as considerações que vimos fazendo ao ensejo de deixar aqui exarada a minha estranheza e o meu protesto pelo facto de há tantos anos estar proscrito em Portugal o ensino do grego das escolas secundárias. Numa época em que os povos não novi-latinos estudam afincadamente o latim e o grego, por conhecerem de quam alta valia como propedêutica mental é o manejo das literaturas clássicas, grega e romana, nas línguas originais, numa época em que à cultura humanista se está prestando a atenção que ela merece, é o povo português, cuja língua com pouca corrupção se crê que é latina, que reduz miserávelmente o estudo do latim e vai abolir o do grego, privando assim os médicos de um alto elemento de compreensão da sua tecnologia, alêm do mal já apontado da falta de cultura humanista.

Os apontamentos que vão ler-se em seguida, são,

na verdade meros, simples, comezinhos apontamentos, que tal como estavam, a lápis, nos meus canhenhos, tiveram de ser apressadamente vazados para caixotins de tipografia. Sirva de explicação para êste facto e para a escassez da messe — pois os termos comentados não são a décima parte dos que tenho colhido para futura e mais demorada glosa — sirva de desculpa ao facto a necessidade em que me vi de defender tese nesta época de Julho quando tinha pensado sempre em fazê-lo em Outubro.

Em rápidos dias, sete ou oito, teve de ser escrita, composta e impressa esta tese, em momentos roubados ao sono reparador que reclama uma vida entrecortada de outros trabalhos e canseiras.

Imperiosa urgência impõe a necessidade de iniciar de vez a carreira tam obrigante de clínico, de finalizar aqui e pôr termo a uma vida descuidosa de estudante, de que me despeço com saudade, apagando e diluindo na recordação saudosa e fagueira a mágoa dos desgostos que passei . . .

A uma praxe não quero desobedecer, porêm, neste momento de comoção extrema em que me transfiro da vida de sonho e de esperança para a de realidade e desilusão: é uma praxe de afecto e por isso me é simpática: é uso que o novel clínico rememore os entes que lhe foram queridos durante a vida de estudantado e a êles efereça as suas primícias de escritor. A ninguêm oferecerei êste trabalho, que não vale a honra; não é esta, demais, a minha estreia na carreira de escritor, se escritor se pode chamar a quem só tem rabiscado, a torto e a direito, as escassas reser-

vas do seu saber, as parcas exteriorizações do seu pensar.

*

Mas deixarei aqui exarada toda a satisfação que me vai na alma por ter a assistir a esta minha entrada na vida de médico as duas para mim venerandas criaturas que são meus pais; por ver junto de mim uma irmã querida a quem devo, bem como a seu marido, dedicado auxílio e carinhoso incentivo nesta luta de viver; quatro adoráveis criancinhas, que são meus sobrinhos, e para quem vai todo um enternecido afecto e receosa inquietação, com que as vejo crescer e medrar, na aspiração insaciável de que venham a ser alguêm; e a par de tudo isto, vejo em volta de mim um núcleo de bons e dedicados amigos, em cujo espiritual convívio me dessedento e busco refrigério para a sequidão das materialidades desta vida.

*

É-me grato recordar aqui também a história desta formatura. Feita à custa de um labor insano supõem alguns dos que me conhecem apenas dos anos de medicina; iniciada pela mais simpática das homenagens, que consistiu no mais generoso dos auxílios — o da luz, o da instrução, — sabem-no os que me conhecem desde os bancos do liceu.

Mal encetara eu ainda a carreira liceal quando a necessidade de prover à sustentação dos seus atirou

meu pai para longes terras em busca de melhor fortuna; constrangido a abandonar o curso, eu senti que a minha alma infantil se doía da inércia a que ficava condenado o meu cérebro ávido de saber. Compreenderam-no dois dos meus condiscípulos, os filhos de um grande homem de sciência e de carácter, coração diamantino aliado a uma cerebração de raro privilégio e vigor — o dr. Ricardo Jorge —, e ao pai comunicaram o seu bom sonho, de continuarem a ver na Escola a seu lado o condiscípulo que já lhes merecera as bem-querenças. Não soube o pai negar-lhes a satisfação de desejo tam lídimo e, com o aplanar de dificuldades várias que facilitaram pessoas de generoso intuito, reentrava na escola o moço de poucos anos a quem um destino malévolo ameaçara de cortar a carreira incipiente. Alguns anos se passaram em que à família de Ricardo Jorge se agregou como que mais um filho, quando a êste lar de aconchêgo carinhoso e de acalentadora beleza moral veio salteá-lo a mais descaroável, e mais truculenta e mais iníqua tormenta, bem idêntica àquela que só a pena magistral do Ibsen saberia traçar, como o soube, no *Inimigo do Povo*. Refiro-me ao ciclone de hostilidades que envolveu Ricardo Jorge, quando êle, com rara honestidade scientífica e desusada coragem moral e na mais nobilitante das renúncias, soube cumprir íntegramente o seu dever difícil de dizer a verdade toda e de a manter inabalável e prestigiosa no meio do mais inulto escachoar de ódios, do mais vilipendioso entrechocar de paixões. Só quem viveu íntimamente e teve de auscultar de perto o estertoroso redemoinhar de tru-

culências dos dias de 99 a 900, quem assistiu, como eu, criança quási ainda então, de cérebro atreito a receber como cera mole a impressão indelével dos factos que o impressionam, é que pode provocar-se a revivescência da visão nítida do que seria um tal inferno trágico e dantesco.

Bálsamo e lenitivo a iniquícias tais só o pôde encontrar Ricardo Jorge nas homenagens que unânimes lhe prestaram os sábios estrangeiros que aqui vieram, e nomeadamente o grande Calmette; na acolhida alvoroçada que lhe fêz a Escola de Lisboa, no saudoso despedimento que lhe endereçaram os colegas do Pôrto. E foi numa dessas festas de despedida, que, depois de já vários terem panegirizado o vigor de inteligência e de vontade de Ricardo Jorge, alguêm se ergueu a pôr em relêvo a sua alma afectiva e sensível, citando o facto de êsse homem, para quem a fortuna se não desabrochava em opulências, não ter pôsto dúvida em acrescentar os seus encargos com o subsídio a um estudante pobre. Êsse estudante era um rapaz de 13 anos, e, se a Sociedade de Medicina e Cirurgia, promotora da festa de despedida a Ricardo Jorge queria prestar-lhe a homenagem mais grata ao seu espírito afectuoso, nada de melhor tinha a fazer do que tomar sôbre os seus ombros a tarefa de que até aí Ricardo Jorge se incumbira. Tal foi a proposta que os lábios de Maximiano de Lemos pronunciaram entre aplausos e que só a sua alma cheia de bondade teria podido saber ditar.

E assim foi que durante meia dúzia de anos os homens que constituíam a Sociedade de Medicina e

Cirurgia do Pôrto souberam honrar o compromisso tomado, até que os proventos auferidos numa vida de trabalho começaram a permitir ao subsidiado passar sem o benefício.

É a página que acaba de ser lida uma das que mais gostosamente aqui fica exarada, e dela se deduz como corolário qual o sentimento do discípulo para com a Escola, cujos professores foram na sua quási totalidade membros da Sociedade de Medicina e Cirurgia: livre, independente e altivo, como sempre pretendeu manter o seu carácter, irreverente até talvez de seu temperamento, e dele um pouco escravo, agreste às vezes quiçá na maneira como exterioriza os seus reparos, o antigo expensário da medicina portuense é incapaz de uma falha de sinceridade, e julgar-se hia injustamente avaliado, se nas suas apreciações ao *statu quo* do ensino, do ensino médico, por exemplo, outro móbil se lhe visse que não o desejo de o ver melhorado. Esta justiça pretende lhe seja feita, nada mais.

Se neste entrechocar de ideias e pensares se intromete muitas vezes o torvelinhar de paixões, se às vezes os homens teem confundido as diferenças e divergências de *pensar* com as diferenças de *querer,* e respondem ao que supõem um *mal-pensar* com a manifestação do seu *mal-querer,* não será êle que por isso lhes queira mal, se o fazem numa afirmação de sinceridade e coerência perante a consciência que lhes norteia os actos.

Ao abandonar a Faculdade êle não traz consigo

ódios, que os não tinha; traz, sim, algumas doloridas lembranças, mágoas que o confrangeram, mas que o tempo e o bom hábito que a si próprio se impõe de rechaçar inexorávelmente a desilusão e a descrença, o pessimismo e a desconfiança, embora não façam por inteiro desaparecer, irão lentamente apagando e docemente diluindo...

VOCABULÁRIO

ãã *ou* àná

Esta cifra que os médicos usam em suas receitas quando querem significar que *cada um* de dois ou mais medicamentos deve entrar em partes iguais, é completamente desconhecida dos nossos dicionaristas antigos.

C. de Figueiredo regista-a como termo de *Pharm.* (!), assim:

Aná, *adv. Pharm.* Em partes iguais. — Us. em receitas.

Mas não cita a primeira forma *ãa.*

Esta vem explicada, por ex., nas *Lições de Pharmacologia e Therapeutica Geraes* do Prof. Ed. Mota, a pág. 225:

As substâncias, que numa fórmula são prescritas nas mesmas doses, podem reunir-se por uma chave, escrevendo adiante os sinais — *aã* ou *aná* — que significam — *de cada uma.*

Numas *Nótulas ao "Novo Diccionário„* do Dr. Cláudio Basto, nosso muito prezado colega e amigo, proficiente investigador e já erudito conhecedor dos segredos da língua portuguesa, encontramos

aã

«O mesmo que *aná.*

«Quando numa receita há duas ou mais substâncias prescritas na mesma dose, unem-se por uma chave adeante da qual se escreve a dose comum antepondo-se-lhe *aã* ou *aná* que eqùivalem a *de cada uma.*

Ex.

Xarope de éter . . . . . } aã vinte gr.»
» de flores de laranjeira. . }
» de beladona . . . . . }

Finalmente o *Dic. Term. Tecn. Med.* define-a com mais desenvolvimento.

O *Dicionário completo de la Lengua Española* por M. Rodriguez-Navas define-a tambêm.

O *Vocabulario Etymologico, orthographico e prosodico* de Ramiz Galvão manda pronunciar *ána* e deriva-o da forma grega *ἀνὰ* que exprime repetição.

O *Dictionnaire des Termes Techniques de la Médecine* prefere *ana* a *ãã.*

* abarticular (reumatismo)

A forma *abarticular* não vinha ainda arquivada nos

Dicionários portugueses; não a aponta o *Dict.* de Garnier & Delamare.

Registou-a o *Dic. Term. Tecn. Med.* e, logo a seguir, nos *Aditamentos* ao *Novo Dicionário* do Sr. Cândido de Figueiredo apareceu também o mesmo registo, sem citação da fonte de onde fôra colhido, muito embora o autor, na *Resenha* dos escritores e obras que se citam no decurso do *Novo Dicionário,* cite o *Dic. Term. Tecn. Med.*

abatimento

Esta palavra virá definida no termo *prostração* do *Dic. Term. Tecn. Med.*

Ela pode talvez fornecer uma tolerável tradução da palavra francesa *courbature.*

abceder *ou* absceder; abcesso *ou* abscesso

O latim *abscedere* dá directamente *absceder.* Esta forma simplifica-se em *abceder.* Daí vem *abscesso* ou *abcesso.*

A primeira forma era antigamente muito usada. Hoje quási se não ouve senão a segunda (1).

O cirurgião Antonio Ferreyra *(Luz verdadeyra e recopilado exame de toda a cirurgia,* Lisboa, 1705), diz — *abscesso,* assim como Antonio d'Almeida *(Tra-*

(1) Ouvi muitas vezes ao Sr. Prof. Cândido de Pinho pronunciar *abscesso,* o que é legítimo.

tado de medicina operatoria, Lisboa, 1824), e Manuel de Sá Mattos *(Bibliotheca elementar chirurgico-anatomica,* Porto, 1788). — Cit. pelo sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. Hosp. P.to*, vol. IV, p. 22.

Como deturpação da forma *ab(s)ceder,* cujo pretérito perfeito seria *ab(s)cedeu,* ouve-se muito mais a forma *abscedar,* cujo pretérito perfeito é *ab(s)cedou.*

Compare-se o que se dá com o termo matemático *ab(s)cissa,* do latim *abscissa.*

Antonio Gomes Lourenço *(Cirurgia classica lusitana,* Lisboa, 1790-1194) emprega o termo *abscedar.* — Cit. pelo sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. Hosp. P.to*, vol. IV, p. 22.

abdome

Regista o *N. Dic.* esta forma como preferível a *abdômen* (aliás, *abdómen* como vem no *Vocabulário* de G. Viana).

Não nos dá o Sr. C. de F. nenhuma documentação do emprêgo daquela forma, o que me faz supor que talvez aquele registo represente uma preferência pessoal, por amor da coerência com as formas *lume, regime* (de *lumen, regimen)* (A. B.). *(A Montanha,* 16-10-12).

«Adopto o têrmo *abdome;* pois *abdomen* é puramente latino, e a desinência em *en* não quadra com a índole na nossa língua.

Nós quando queremos aportuguesar vocábulos latinos acabados em *en*, costumamos suprimir a última consoante; e assim como de *nomen, inis*, fazemos *nome*, semelhantemente, *d'abdomen, inis* devemos fazer abdome.

Ainda mais. Esta regra não é só para os vocábulos acabados em *en;* é quási regra geral, quando queremos dar aos nomes latinos um arredondado português, suprimir-lhes a última consoante. Assim, de *depositarius* fazemos depositario, de *tentamen* tentame, de *feltarum* feltro, de *pulsus* pulso, de *digitalis* digital, de *morbus* morbo, etc.

Segundo a índole na nossa língua, os substantivos terminam, a máxima parte deles, em vogal, e até adjectivos acabados em consoante, não temos muitos, porque para aportuguesar os latinos, costumamos torneá-los da mesma maneira que os substantivos, suprimindo-lhes a ultima consoante. Assim de *celebris* fazemos celebre, de *lascivus* lascivo, etc.» Artigo de *A. Briere de Boismonte* in *Gaz. Med. Pôrto,* 1853.

aberrações sexuais

Neste têrmo deu o *Dic.* a classificação proposta pelo Prof. Júlio de Matos nos seus *Elementos de Psychiatria.*

ablactação

Consideramos o têrmo *ablactação* como referente à mãe ou ama, como nos ensinam Garnier & Dela-

mare, o têrmo *desmame* como dizendo respeito à criança.

* ablepsia

O têrmo *ablepsia* não vem registado nem em C. de Figueiredo, nem em Ramiz Galvão, nem em Garnier & Delamare.

Encontrámo-lo no *Dicionário da língua espanhola* de R.-Navas e demos-lhe a pronúncia que tem naquela língua.

A praxe, porêm, da nossa língua manda preferir para êstes vocábulos a acentuação de graves, e assim nós dizemos *epilepsia* e não *epilépsia,* como os espanhóis.

Ablepsia, portanto, e não *ablépsia,* v. entretanto as considerações que fazemos sob a rubrica ...*ia (a terminação).*

abrasão

Raspagem dos ossos cariados. (C. F.).

Tambêm me não parece que seja feita só aos ossos a abrasão.

Êste têrmo suponho-o sinónimo perfeito de *raspagem* ou *legragem,* ou ainda, como se diz muito afrancesadamente, *curetagem.* E toda a gente sabe que as raspagens se não fazem só aos ossos. (A. B.) *(A Montanha,* 20-10-15).

abre-boca

Instrumento com que os alveitares abriam a boca dos animais. (C. F.).

É possível. Aquele *abriam* dá a entender que já não abrem.

Porque, valha-nos isso, o que eu posso garantir é que muitas vezes me tenho servido daquele instrumento e, francamente, não gostava muito que por êsse motivo me chamassem alveitar. Não é por mim, mas pelos pacientes.

No Hospital de Santo António toda a gente chama *abre-boca* ou *abre-bocas* ao instrumento com que se abre a boca de qualquer doente anestesiado ou a que se não consegue abri-la senão forçadamente. (A. B.) *(A Montanha,* 20-10-15).

abortamento

Avortement. Abortamento como traduz Lima Leitão que acrescenta: «Êste termo é criado por mim. Até agora tem-se tomado entre nós a palavra tanto pela acção de abortar como pelo objecto abortado. Abortamento é a acção, aborto o paciente» *(Medicina Contemporânea,* 50-13-XII ano 11.°).

abôrto

Definimos o abôrto como sendo a «expulsão do produto da fecundação durante os seis primeiros me-

ses do seu desenvolvimento, isto é, antes que seja vivedouro.»

C. de Figueiredo incorrectamente diz no seu *Novo Dic.: Abôrto* — Parto prematuro.

Fiz notar em um artigo de jornal noticioso (¹) que «não é bem a mesma coisa. O *abôrto* ou «mau sucesso» consiste na expulsão do feto «antes de 7 meses». O *parto* prematuro dá-se entre os 7 e os 9 meses, «antes de tempo *ou* de termo», mas quando já a criança é vivedoira».

Acudiu o Sr. C. de Figueiredo à chamada e nas Erratas acrescenta e corrige:

«... *ou* antes expulsão do féto antes de nove meses de gestação», ... o que do mesmo modo continua a ser errado.

abulia *ou* * abulomania

acalmia

Remissão principalmente nos fenómenos de excitação nervosa. V. *remissão.*

Êste têrmo, que não aparece nos Dicionários portugueses, vem registado como novo por C. de Figueiredo, citando como fonte a *Nosographia de Anthero* por Sousa Martins.

Realmente Sousa Martins lá diz (pag. 232): «a

(¹) *A Montanha*, de 20-10-12.

acalmia e coordenação mentais que reaparecem no período descendente . . .»

Mas o termo *acalmia* foi passando da linguagem clínica para a jornalística e até mesmo para a linguagem corrente e já se ouve falar hoje, por exemplo, na *acalmia* política...

Não encontro porêm o têrmo no *Dict.* Garnier & Delamare, nem no de R.-Navas, etc., apesar de ser corrente nos livros franceses o termo *accalmie.*

* acantopelve

A palavra *acantopelve,* quási se torna escusado notá-lo, é um dos numerosíssimos erros linguísticos com que os médicos teem enriquecido o léxico, pois é um hibridismo de grego e latim.

acariase *ou* * acariose

V. . . . *íase* e . . . *ose (os sufixos).*

Acarus scabiei

«Sin. *Sarcoptes hominis, ácaro da sarna, sarcopto da sarna.* Ácaro que produz a sarna.»

No *Dic.* saiu, por lapso, *acarus scabiei* quando é certo que um Congresso de Sciências naturais orde-

nou que os nomes latinos scientíficos, do género, fossem escritos com letra maiúscula.

* acefalocisto, acefalociria *ou* acefaloquiria

Vejam-se as considerações que fazemos a respeito da letra *C.*

acetolado, acetolato.

acetonúria

V. *...úria.*

* acianoblepsia

Será preferível escrever e pronunciar *acianoblepsia.*

V. *ablepsia* e *...ia (a terminação).*

acidente de trabalho

A definição que apresenta o *Dic. Term. Tecn. Med.* é, mais ou menos, a da lei portuguesa de 24 de Julho de 1913. Ei-la textualmente, conforme se encontra na lei:

«Art. 2.º Considera-se acidente de trabalho para os efeitos da aplicação desta lei:

1.º Toda a lesão externa ou interna e toda a perturbação nervosa ou psíquica, que resultem da

acção duma violência exterior súbita, produzida durante o exercício profissional.

2.º As intoxicações agudas produzidas durante e por causa do exercício profissional, e as inflamações das bôlsas serosas profissionais.»

* acidófilos

Têrmo híbrido, mal formado, do português *ácido* e do grego *φιλος* amigo.

* acidrito

* acinético *ou* * acinésico

Tem-se oscilado entre *t* e *s* nesta palavra e em muitos casos análogos. Do grego *κινησις* tiramos *cines*... mas a par desta forma temos *cinético:* v. g. energia cinética, etc.

Compare-se: de *apoteose, apoteótico* ou *apoteósico;* de *apocalipse, apocalíptico* ou *apocalípsico; eclampsia* e *eclâmptico, eclipsar* e *eclíptica, pepsina* e *peptona, dispepsia* e *dispéptico,* etc., etc.

acistia

Vejam-se as considerações a respeito da letra *C.*

acne *ou* * acnea

A forma *acnea* encontra-se em escritores antigos.

Os sin. ant. *sarabulhos, gotarosada,* citados no *Dic. Term. Tecn. Med.*, encontram-se em Bernardino António Gomes — *Ensaio Dermosographico.*

* acne rosácea, rósea *ou* eritematosa

Sin. lat. *Gutta rosacea* (Zac. Lusit.).

Citado em B. A. Gomes — *Ensaio Dermosographico,* pag. 113:

Gutta rosacea. Zacut. Lusit. Prax. Hist. Obs. 74.

acognosia *ou* * acologia

O *Novo Dic.* de C. de Figueiredo, no texto, aponta apenas o primeiro dêstes vocábulos; no *Apêndice,* publicado já após a saída das primeiras fôlhas do *Dic. Term. Tecn. Med.*, arquiva já o segundo vocábulo.

acoriose

V. . . . *íase* e . . . *ose (os sufixos).*

acória

A acentuação *acória,* fome canina, tem a vantagem de distinguir esta palavra de *acoria,* falta de pupila.

* acrocordon

Aliás *acrocórdon.*

acrodínia

Esta é a acentuação espanhola. Em português deverá ler-se *acrodinia.* V. ... *ia (a terminação).*

acromatópsia

Por analogia com *autópsia* preferimos acentuar *acromatópsia.* Entretanto V. ... *ia (a terminação).*

actinomicose

V. ... *íase.*

açoites

V. *maçagem.*

* adenoide *(facies)*

A expressão *facies adenoide* deveria querer dizer *face em forma de glândula* (αδην glândula, ειδος semelhante). E não é isso. *Adenoides* se chamam *(vegetações adenoides)* as hipertrofias do tecido adenoide (semelhante a glândulas) que constitue o círculo faríngeo de Waldeyer.

Do nome *adenoide,* já de si adjectivo ¿poderá ou deverá derivar-se outro adjectivo? Parece dizer-nos o uso que sim.

Sôbre a terminação *oide* v. a discussão que fazemos em especial sôbre a rúbrica ... *oide.*

Veja-se também o que dizemos sob a rúbrica *facies.*

adenoide

V. ... *oide.*

* adenoidismo

Conjunto de perturbações locais e gerais que se observam nos indivíduos com vegetações adenoides.

adipogenia

O têrmo *adipogenia* não se encontrava no *N. Dic.* de C. de F. Registou-o o *Dic. Term. Tecn. Med.* e nos *Aditamentos* àquele *Dic.* foi transcrito aquele registo.

* adissonismo

O *Dic. Term. Tecn. Med.* criou a palavra *adissonismo,* que equivale a *addisonismo* (de Addison) que é corrente hoje empregar-se com a significação de «sindroma de Addison atenuado».

* adjuvante

«O preparado, que pode reforçar a acção do medicamento principal.» (Ed. Mota).

V. *correctivo.*

administrar *ou* ministrar

Empregam-se indiferentemente, como sinónimos perfeitos, os dois vocábulos *ministrar* ou *administrar* um remédio, por exemplo.

Assim se diz *administração* de medicamentos, embora seja mais vulgar dizer-se que se *ministram* medicamentos.

A palavra *ministração* (por ex., de medicamentos) não existe, que eu saiba.

adnata

Túnica exterior do globo ocular. (C. F.).
Esclerótica?

adonidina *ou* crategina

Tanto a *adonidina* como a *crategina* são princípios activos extraídos de vegetais e que, ambos, servem como tónicos cardíacos. A propósito V. *combreto*.

adrenal *(re)*

Anat. Diz-se da glande ou cápsula, que está sôbre o rim.

adrenalina *(re)*

Farm. Substância medicamentosa, ... extraídos das cápsulas supra-renais». (C. F.).

Ninguêm hoje pronuncia entre nós *adrrenalina,* como quere o sr. C. de F., mas sim *adrenalina,* como é corrente.

Realmente de *adrenalis* = *suprarenalis* poderia vir a pronuncia do *r* forte, mas não se usa. Diga-se, alêm disso, que a cápsula, que está sôbre o rim, ou *suprarrenal,* é uma glândula, e não *glande.*

* aerocolia

Registado pela primeira vez no *Dic. Term. Tecn. Med.* aparece depois nos *Aditamentos* ao *Dic.* de C. de Figueiredo, em definição resumida.

* aerofagia

Acção de fazer penetrar voluntária ou involuntáriamente uma certa quantidade de ar no esófago ou no estómago... *(Dic. Term Tecn. Med.).*

* aeropiesia

* aeropiesismo

* aeropiesotermoterapia

* aeropletismógrafo

* aerostaterapia

Foi Beck que, em 1907, chamou assim, por

abreviatura de *aerostatoterapia,* à «cura de altitude em balão cativo, aplicando-se quer à tuberculose pulmonar quer à psicastenia».

Este têrmo foi tirado pelo *Dic. Term. Tecn. Med.* do *Dict.* de Garnier & Delamare.

* aerotermogénio

Aparelho que produz ar quente.

* aerotermoterapia

Emprêgo terapêutico do ar quente.

* aerotonómetro

Aparelho destinado a medir a tensão dos gases nos líquidos orgânicos...

* afagocida (acção)

Acção bactericida produzida pelos leucocitos vivos...

* afalgesia

Nos *Elementos de Psiquiatria* do sr. Prof. Júlio de Matos, a pag. 449, aparece a palavra *aphalgesia,* que à moderna poderemos escrever *afalgesia,* e que não vem ainda registada no *Novo Dicionário* do sr. dr. Cândido de Figueiredo.

Significa êsse termo, segundo explica o sr. dr. J. Matos, a «dôr determinada pelo contacto de certas substâncias, como o ouro, a prata, o sumo do limão e outras».

Foi Pitres quem primeiro estudou êste estigma hiperestésico das histéricas.

No *Dic. Term. Tecn. Med.* aparece o têrmo registado, com a nota «v. melhor escrita *hafalgesia*». Para êste envio, pois, o leitor.

afaquia *ou* afacia

Ausência de cristalino. Do gr. α priv., φακος lentilha (?).

O *Dic. Term. Tecn. Med.* preferiu o forma *afaquia*, que é como dizem os espanhóis.

C. de F. e Ramiz Galvão preferem *afacia*, que tem justificação no facto de haver em grego um κ e não χ.

V. considerações sôbre a letra *C*.

* afelquia

* afemestesia

afemia

O mesmo que *afasia*. (C. F.)

afonia

O mesmo que *afasia.*

Assim define o Dic. de C. de Fig. Não é verdade.

Ao passo que na *afemia* e na *afasia* há para o doente «impossibilidade de adaptar a *palavra* à ideia», embora o doente pronuncie *sons,* na *afonia* o doente perde completamente a *voz,* i. é, a faculdade de proferir qualquer som.

* afrasia

afrontamento

1.º (med.) Sin. *enfartamento.*

Sensação demasiada no estómago após as refeições . . .

* 2.º (cir.) Acto de aproximar os lábios de uma ferida para fazer a sutura.

Esta ultima significação que o *Dic. Term. Tecn. Med.* dá de *afrontamento,* e, implícitamente do verbo *afrontar,* é nova para os nossos dicionários, embora seja velha na linguagem médica.

* aftenxia

Sin. de *afemia.*

* aftongia

Perturbação simultânea da palavra articulada e da fonação.

ageustia

V. agueusia.

agressinas

Substâncias particulares segregadas por certas bactérias e que possuem uma acção agressiva para as células do organismo..... (G. D.).

O *Dic. Term. Tecn. Med.* arquiva êste têrmo, que tirou do *Dict.* de Garnier & Delamare.

O *Dic.* de C. de F. nos seus *Aditamentos* insere *agressiva,* o que é, evidentemente, lapso.

agripnia

Este têrmo vem registado no corpo do *N. Dic.* do sr. C. de F. com a grafia *agrypnia* ou *agripnia,* como é praxe nesse *Dic.*

Nos *Aditamentos,* publicados após a saída das primeiras folhas do *Dic. Term. Tecn. Med.* reaparece, como se fôsse outra palavra, a forma *agripnia,* tal qual como aparece no *Dic. Term. Tecn. Med.,* que segue a ortografia oficial.

agueusia

Outra forma, apenas citada pelo *Dic. Term. Tecn. Med.*, de *ageustia*. Os espanhóis usam *ageusia* ou *ageustia*, mais vezes esta última forma.

Cf. *amnésia* e *amnistia*.

ainhum

Na definição desta doença o *Dic. Term. Tecn. Med.* cita o nome do dr. Silva Lima, ilustre clínico brasileiro, o primeiro que dessa doença deu uma descrição completa.

alantoide

«*Allantoide* ou *alantoide*, *f.* Membrana do féto dos mamíferos, durante os dois primeiros meses de vida intra-uterina, e da qual ao depois se forma a bexiga e a placenta.»

«*Alantoídea*, *f. Veter.* Vesícula, situada entre o chórion e o amnios. M. Pinto, *Comp. de Veter.*, II, 230.» (C. de F., nos *Aditamentos*).

Lidas estas duas definições, uma no Dicionário, outra no seu Aditamento, fica-se com a impressão de que o Sr. C. de Figueiredo nem ao menos suspeita que as duas coisas são ... uma e a mesma coisa.

A indicação de *Veter.* na segunda definição pa-

rece deixar depreender que não existe membrana *alantoide, alantoideia* ou *alantoídea* senão nos animais.

alastrim

Têrmo novo, quando foi inserido no *Dic. Term. Tecn. Med.*, nele se citaram palavras textuais do médico brasileiro Dr. Aragão.

Mais tarde, os *Aditamentos* ao *Novo Dicionário*, registaram: «*Alastrim*, o mesmo que *varíola mansa*».

O *Dic. Term. Tecn. Med.* diz:

«*Varíola mansa, pipoca, varicela, varioloide; milk-pox* ou *amaas:* denominações que teem sido dadas indistintamente a uma febre eruptiva que há alguns anos vem grassando em larga escala no Brasil e que é muito semelhante à varíola, mas distinta desta doença por vários caracteres. Deve criar-se um grupo variólico abrangendo a varíola como tipo, e duas *para-varíolas*, o *alastrim* e a *varicela*, como foi já criado o grupo tífico.» (Aragão).

albugem *ou* albugo

O *N. Dic.* de C. de F. apresenta êste termo como sinónimo de *belida*, ao passo que o *Dic. Term. Tecn. Med.* considera, como deve ser, êste termo como sinónimo de *leucoma*. O *leucoma* tem origem traumática, a *albugem* da córnea é devida à acumulação de granulações gordurosas.

Além desta significação o *Dic. Term. Tecn. Med.* consigna-lhe outra: pequenas manchas brancas das unhas.

* albumoptisia

* albumosúria

alcaptonúria

V. ...*úria.*

* alectuamento

Esta palavra que o *Dic. Term. Tecn. Med.* não encontrou registada em qualquer dicionário, encontra-se nos *Elementos de Psiquiatria* do Sr. Prof. Júlio de Matos, de onde a aproveitou, cômo boa apropriação portuguesa do termo italiano *alettuamento,* ou mesmo do francês *alitement,* e por ser bem formada do latim *lectus* leito.

Júlio de Matos define (p. 200):

«O *alectuamento* como processo curativo na loucura não é uma conquista de hoje; Guislain aplicou-o com excelentes resultados em algumas formas de alienação mental e preconizou o seu uso. Todavia, só contemporâneamente se sistematizou êste meio de tratamento, muito generalizado na hora actual... é vantajoso na *mania* aguda, na *melancolia* e na *confusão mental,... delírio onírico,...* os melancolicos

não só aceitam, mas procuram a permanência no leito; tendo observado êste facto, já os antigos lhes davam o nome de *lectuários*. Dêste nome deriva o neologismo *alectuamento*, que me parece traduzir bem o *alitement* dos franceses».

* alegragem

Empregado na *Medicina Contemporânea* com a mesma significação de *legragem* ou *curetagem*.

Álgebra

Ortopedia. — Manuel de Sá Matos (1788). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

algia

Só nos *Aditamentos* ao *N. Dic.* se encontra esta palavra, após ter sido registada no *Dic. Term. Tecn. Med.*

* álgica

Só o *Dic. Term. Tecn. Med.* regista êste têrmo.

alíbil

O *Dic. Term. Tecn. Med.* estende um pouco a

definição que o *N. Dic.* dá dêste adjectivo. Cp. *lábil, termostábil,* etc.

alienação mental

«Têrmo genérico que compreende todas as alterações da inteligência, congénitas ou adquiridas, quer revelem ou não lesões apreciáveis.» Roger, *Introdução ao estudo da medicina.*

¿Será suficientemente compreensiva esta definição? Não me parece. A loucura moral, por exemplo?

alociria *ou* aloquiria

A forma *alociria* (*αλλος* outro, *χειρ* mão) é justificada pela analogia *cirurgia* ← *χειρ* mão, *εργον* trabalho; a forma *aloquiria* tem justificação pela analogia *quiromancia* ← *χειρ* mão, *μαντεια* adivinhação.

V. considerações sôbre a letra *C.*

* alogia

alopatia

Um dos exemplos mais característicos da falsa analogia é, por ex., o facto de uma farmácia do Pôrto, que avia fórmulas homeopáticas e alopáticas, inscrever nas suas tabuletas: *Homeopatia — Aleopatia.*

* alopsicose

* aloquezia

* alorritmia

alopecia

Do gr. *αλοπηξ* raposa; porque esta é sujeita a uma doença que lhe faz cair os pêlos.

alporca

Escrófula. — Joam Vigier (1745) — Informação do sr. Prof. Pires de Lima.

Ainda hoje é popular, conforme registou o *Dic. Term. Tecn. Méd.*

* alquidador (sinal do)

Fr. *signe du maquignon.*

* alternâncias mórbidas

Sin. *suplências mórbidas.*

* amamentado

Trad. do fr. *nourrisson.*

amamentar

Aleitar. — Cit. pelo sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. Hosp. P.to*, vol. IV, p. 22.

amarela (febre)

«Quem primeiro rastejou a *febre amarela* foi João Ferreira da Rosa, o escritor da *Constituição pestilencial de Pernambuco.*

No Congresso Internacional de Lisboa em 1906, numa discussão a propósito de *febre amarela,* aludi a esta prioridade do português Rosa. Não foi perdida a menção, pois que no Congresso de Berlim, Agramonte a repetiu ». — Ricardo Jorge, *O mal do bicho*, Lisboa 1909, pag. 4.

amarílico

Bras. Relativo à febre amarela. — É forma arbitrária, devida ao zoologista italiano Sanarelli. (C. de F.)

amarilígeno

Bras. Que produz febre amarela. — Outra forma errónea, devida a Sanarelli. (C. de F.)

É de notar, porêm, que também os franceses usam a expressão. *Typhus amaril* é sin. de *febre amarela.*

* amassadura *ou* * amassagem

V. *maçagem.*

amastia

Sin. de *amazia.* Vem nos *Aditamentos* ao *N. Dic.*

* amaxofobia

* amboceptor

* ambulatório (tifo)

* ambulatório (tratamento)

ameaço

Sintoma ou começo de um ataque de doença. Cp. *Peregrinação,* c. XI; Usque, *Tribulação,* 12. (C. de F.).

amebíase

O mesmo que *amibíase*

amelia

A acentuação grave desta palavra distingue-a, na pronúncia, do nome próprio Amélia.

Só aparece registada nos *Aditamentos* ao *N. Dic.* de C. de F., depois de ter vindo no *Dic. Term. Tecn. Med.*

* amência

Aparece no *N. Dic.* como sin. de *demência.* Júlio de Matos, porêm, nos *Elementos de Psiquiatria* considera-a sin. de *confusão mental.*

amenorreica

O *N. Dic.* arquiva o subst. *amenorreia,* mas não regista o adj. *amenorreica,* que é freqüente ouvir-se na linguagem médica: uma mulher *amenorreica,* i. é, que sofre de *amenorreia.*

* amibíase

V. ...*íase.*

* amibocito

amiboismo

É como diz o *N. Dic.* e como registou o *Dic. Term. Tecn. Med.*

Usa-se também a forma *amiboidismo,* por influência de *amiboides (movimentos).*

amibíase

V. ... *íase.*

* amicose

* amicrobiano

* amielencefalia

* amielotrofia

* amigdalectomia

amilase

V. ... *ase (o sufixo).*

amiloide

O *N. Dic.* de C. de F. regista *amiloide* como *subst.*, têrmo botânico.

O *Dic. Term. Tecn. Med.* define a *degenerescência amiloide* ou *amiloidismo.*

amnesia

Perda de memória. (Do gr. *amnesis*, de *a* priv. + *mnaomai*). (C. F.).

Gonçalves Viana nos seus Vocabulários manda ler *amnésia.*

Os espanhóis dizem *amnésia*, ao passo que pronunciam *amnistía.*

amnio

Amnios. — Cit. pelo Sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. Hosp. P.to*, vol. IV, p. 22, forma preferida por C. de F. que, no entanto, escreve *amnio* e não *âmnio* ou *âmnios*.

amolecimento

O *N. Dic.* de C. de F. define o *amolecimento cerebral* como um *enfraquecimento do cérebro*.

A explicação tem o defeito de... não explicar nada. ¿Que se deve entender por um enfraquecimento do cérebro? Nada e tudo.

É como esta outra expressão: — F. tem o *sangue fraco*. — Tanto pode referir-se a uma *anemia* ou a uma *clorose*, como a muitas outras perturbações da crase sanguínea.

— F. tem o *sangue estragado*. — Esta expressão tanto se refere a um sifilítico, como a um artrítico com erupção furunculosa.

O *amolecimento cerebral*, a que o *Dic. Term. Tec. Med.* dá os sin. *cérebro-* e *encefalomalácia*, é uma coisa muito diferente de um *enfraquecimento cerebral*, que pode designar uma *anemia cerebral* ou uma *demência incipiente*, etc., pois designa a «necrobiose da substância cerebral, provocada as mais das vezes por embolia ou trombose de uma artéria».

amoniúria

V. *...úria*.

amorfia

* amorfismo

Este têrmo, que o *Dic. Term. Tec. Med.* colheu do Garnier & Delamare, significa a «modificação da forma dos dentes, geralmente de origem sifilítica», os *dentes de Hutchinson.*

A palavra *amorfismo* não aparece em C. de F.; aparece porêm *amorfia,* com a mesma significação de «deformidade, carência de forma determinada».

ampeloterapia

Cura de uvas.—Sôbre *Ampeloterapia* já se defendeu na Escola do Pôrto há já bastantes anos uma tese. Foi seu autor o Sr. Dr. Eduardo A. M. Costa Freire e, atenta a maior voga que hoje vai tendo a ampeloterapia, fêz daquela tese uma 2.ª ed. a Sociedade Vegetariana de Portugal em 1913.

* amplexação *ou* ampléxion

«Palpação do tórax que consiste em abraçá-lo com as mãos alternadamente de um e outro lado...»

* anacroasia

* anacrotismo

* anafiláctico

* anafilaxia

Aumento de sensibilidade que se obtêm da parte do organismo para as substâncias tóxicas, quando se injectam essas substâncias em doses fraccionadas.

* anaglicosúria

analepsia

Restabelecimento das fôrças num convalescente...

Diz-se também *analepse.*

Cp. *epilepsia* e ant. *epilepse.*

De *analepse* vem o adj. *analéptico* (como de *epilepse* vem *epiléptico). Analéptico* é também subst. e significa «medicamento empregado com o fim de restaurar as fôrças».

anamnésticos

O pl. *anamnésticos* corresponde ao sing. *anamnese.*

Investigam-se os *anamnésticos* de um doente ou investiga-se a *anamnese.*

* anapirástica (paralisia)

* anapnógrafo

* anaspádia

* anastáltico

anátomo-patológico

O Sr. C. de F., que no seu *N. Dic.* não define a expressão *anatomia patológica*, define do seguinte modo o adjectivo *anátomo-patológico:*

Anátomo-pathológico, *adj.* Que ao mesmo tempo diz respeito à anatomia e à pathologia.

Isto, se não é erróneo, é pelo menos pouco explícito.

V. no *Dic. Term. Tecn. Med.* a definição de * *anatomia patológica*, o «estudo das modificações estruturais dos tecidos e dos órgãos, resultantes das acções e das reacções mórbidas».

* anaudia

anazotúria

V. ... *uria.*

ancil.....

«*Ankyl*... não deve prevalecer, porque κ grego passa para *c* em português segundo as regras usuais de derivação; assim o demonstram todos os compostos em κεφαλὴ, κέρας, καπὸς, κήλη, κόρος, κύων (KEP'ALE, KERAS, KAKOS, KELE, KOROS, KUON), etc., etc.,. O mesmo portanto cumpre aplicar a ἀγκύλη (AGKULE). —Ramiz Galvão, *Vocabulário*, p. 48.

Anquílops, porêm, e não *ancílops*, pois vem do grego ἄγχι, em que há χ e não κ.

ancilostomíase

O mesmo que *uncinaríase*. V. ... *iase*.

ancilóstomo

Ankylostôma. — Cit. pelo Sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. Hosp. P.to*, vol. IV, p. 22.

ancilobleíaria

ancilobléfaron

Ao que o *N. Dic.* de C. de F. chama *ancilobleíaria*, dá o *Dic. Term. Tecn. Med.* o nome de *ancilobléfaron*.

Alêm disso o *N. Dic.* considera *ancilobleíaro* como adj. significando «que tem ancilobleíaria».

* anciloftalmia

anciloglosse

* anciloglossia

Ao que o *Dic. Term. Tecn. Med.* chama *anciloglossia*, chama o *N. Dic.* de C. de F. *anciloglosse*.

* anciloquilia

* ancilorrinia

* ancilostomíase

Doença produzida pelo *ancilóstomo duodenal.* V. *...íase.*

androginia

Qualidade do vegetal andrógino. — C. de F.

Hermafroditismo do homem, ... — *Dic. Term. Tecn. Med.*

andrógino *ou* * androginóide

* anectasina

anemia

Em rigor devia escrever-se, pela ortografia antiga *anhemia,* do gr. ᾰ priv. + ἅιμα sangue, como se escrevia *anhematopoiese, anhydrido,* etc.

O que é certo é que já há muito se havia abandonado aquele *h,* e hoje a ortografia oficial em Portugal tanto manda escrever *anemia* como *anematopoiese, anepatia, anidrido,* etc.

anepatia

Do grego ᾰ priv. + ἧπαρ, ἥπατος fígado, significa insuficiência hepática, como *anemia* significa *insuficiência hemática.* Nenhuma das palavras é rigorosa,

mas o uso consagrou a primeira e virá talvez a consagrar a segunda.

aneurisma

Tumor, formado no trajecto de uma artéria..... —C. de F.

Dilatação de uma artéria *(a.* arterial circunscrito) *ou* tumefacção produzida pelo sangue derramado fora de uma artéria e comunicando com ele *(a.* difuso), e ainda dilatação do coração. — *Dic. Term. Tecn. Med.*

* anepatia

V. *anemia.*

* aneritropo(i)ese

* aneritropsia *ou* * aneritroblepsia

V. *ablepsia* e *acromatopsia.*

* anermenia

* anestia

* aneurismorrafia

aneurostenia

Adinamia, *courbature.*

* anexectomia

anexite

* anexos

Em anatomia chamam-se *anexos* aos órgãos que ficam realmente anexos ao utero, a saber *ovários* e *trompas*. Daí, os nomes *anexectomia,* ablação dos anexos do útero, e *anexite,* inflamação da trompa e ovários. Esta ultima palavra vem nos *Aditamentos* ao *N. Dic.* de C. de F.

* anfíbolo, *adj.*

Amphíbolo *ou* Anfíbolo, *m.* Substância mineral, ...— C. de F.

Anfíbolo (estado). *Sin.* estado intercalar. — Período que, na febre tifoide por ex., separa o período de estado do período de defervescência, ...— *Dic. Term. Tecn. Med.*

* anfolofótrico

* anforofonia

* anfótrico

angeíte

Angite, *Med.* Inflamação dos vasos sanguíneos C. de F.

O *Dic. Term. Tecn. Med.* preferiu as formas *angeite* ou *angiite.* Nos Aditamentos já o sr. C. de F. arquivou esta última forma.

* angiocolecistite

* angiocolite

* ângio-hipotónus

* angiolítico (*adj.*)

* angiolupoide

* angiomalácia

angiomatose

Nos *Aditamentos* ao *N. Dic.*, como no *Dic. Term. Tecn. Med.*

* angioneurectomia

* angioneurose

* angioneurótico

* angioparalisia

* angioparalítico

* angioplania

* angioqueratoma

Também, e até preferível, se bem que menos usada, a forma * *angioceratoma.*

* angiorrafia

* angiosclerose

Ambos êstes termos nos *Aditamentos* ao *N. Dic.* tal qual como no *Dic. Term. Tecn. Med.*

* angiospasmo

* angiospástico

* angiossarcoma

* angiossialite

* angiostegnótico *ou* angiosténico

* angiostenose

* angiostrofe

* angioténica (febre)

angiotribo

angiotripsia

Os Aditamentos ao *N. Dic.* de C. de F. já registam êstes dois termos, de conformidade com o *Dic. Term. Tecn. Med.*, acentuando porêm, *angiótribo.*

* angofrasia

anguílulas

De anguílulas o sr. C. de F. no *N. Dic.* apenas cita as das videiras.

O *N. Dic.* cita a *angúlula intestinal,* parasita do homem.

* ângulo esternal

* ângulo facial

* ângulo parietal

angurria

«o mal era a retenção de ourinas, que a Fisica chama angurria». Sousa, *Vida do Arcebispo,* I v. c. 1. — Cit. por C. de F., *N. Dic.* vb. *angurria.*

angústia

Fr. 1.º *angoisse;* 2.º *angustie.*

anidrose

O *N. Dic.* de C. de F. insere *anhydrose* ou *anidrose.*

O *Dic. Term. Tecn. Med.* aponta a etimologia α priv. + ἵδρος, suor, que mostra não poder ser a palavra escrita com *y.*

Nos *Aditamentos* já o sr. C. de F. faz a emenda.

* anidrótica (medicação)

* anilinófilas (células)

aniria,. aniridia

Aniria, *f.* Falta de íris, no ôlho. — C. de F.

Aniridia. *Sin.* irideremia. — Ausência congénita total ou parcial da íris, ... — *Dic. Term. Tecn. Med.*

* aniscúria

* anisocoria

O *N. Dic.* prefere *acória* e *anisocória* para designar respectivamente «falta» e «desigualdade popular», e *acoria* para «fome canina».

O *Dic. Term. Tecn. Med.* registou contrâriamente. V. *acoria.*

* anisometria

* anite

* anodontia

* anomalias mentais

Classificação do Prof. Júlio de Matos nos *Elementos de Psiquiatria.*

* anoniquia

anópsia

Ambliopia. — C. de F.

Cegueira. — *Dic. Term. Tecn. Med.*

* anorquia, anorquidia

* anortografia

anquil...

V. *ancil*...

anquílope

V. *ancil*...

* anterógrada (amnésia)

* anticorpos

apegar

Pop. Contagiar.

apósitos

Definiu o *Dic. Term. Tecn. Med.* o *apósito* como *penso medicamentoso.* — Informa-me o sr. Prof. Pires de Lima de que encontra em António Gomes Lourenço (1790-1794) o termo *apósito* significando *objecto de penso* e em António de Almeida (1825) significando o «conjuncto dos objectos de penso».

arandos

Mirtilos. *Pharm. Port.*

...ário (a desinência)

É comum a muitas palavras que designam estabelecimentos: Ex. *balneário,* estabelecimento onde se tomam banhos, etc.

V. *solário.*

artelhos

É muito frequente ouvir-se dizer *artelhos* como tradução do francês *orteils.*

É erróneo. Teem os franceses uma só palavra para designar os dedos do pé — *orteils;* teem-na os ingleses — *toes;* mas não a possuem os portugueses, que se veem obrigados a usar da expressão triverbal — *dedos do pé.*

Artelhos em português legítimo é outra coisa; é a articulação da perna com o pé, o tornozelo.

ascaridíase

V. *acaríases.*

...ase
...ese
...ise
...ose
} *(as desinências)*

«Cumpre generalizar a grafia desta desinência em todos os casos análogos, seguindo a regra:

1.° Os nomes portugueses apelativos derivados de substantivos gregos acabados em *ασις, εσις* ou *ησις,*

ισις e υσις, οσις ou ωσις, teem a terminação em *ase, ese, ise, ose.*

2.º São todos do género feminino, excepto *Génese* e *Apocalipse,* nas Sagradas Escrituras.» Ramiz Galvão, *Vocabulário,* p. 5.

... ase (o sufixo)

Em muitas palavras de Medicina se encontra o sufixo *... ase: amilase, citase, diastase, lipase, zimase.*

É corrente pronunciar como graves aquelas palavras, mas a pronúncia correcta — dizem os filólogos — seria como esdrúxulas.

aspergilose

V. *acariase.*

astrágalo

"*Astrágalo* é um termo derivado do grego, cuja significação é dado, plinto.

Na prosódia de Bento Pereira, 1683, encontra-se a palavra astrágalo com a significação de dado ou ganiz.

Muitos povos fazem dos ossos do pé, que teem a forma cuboide, uma especie de dados.

O Dicionário contemporâneo faz sinónimo de dado plinto; e plinto é um cubo que serve de base a qualquer objecto.

Os franceses dizem que *astragale* é um termo de

arquitectura; chamam *astragalisme* ao jogo de dados (na Grécia); e chamam astragalomancie a uma adivinhação que os antigos faziam com os ossinhos em que havia letras.

O Dr. Soares Franco, de Coimbra, no seu tratado de Anatomia denominava-o *astragal* e assim pronunciam quási todos os médicos e cirurgiões portugueses: eu, porêm, desde que vi em dicionários portugueses a palavra escrita com acento agudo no 2.º *a*, digo astrágalo e assim o escrevi quando em 1875 redigi uma observação a propósito de extirpar êste osso a um doente». (Prof. Teotonio da Silva, n.º 49, 6-XII-91 da *Med. Cont.*

Arquitetura — moldura em forma de filete que cerca a parte superior do fuste da coluna.

Artilharia - - Ornato em forma de filete que rodeia a peça junto á boca.

«*Astragálo* se diz habitualmente nesta Escola (de Lisboa)..... ao que parece, com melhor fundamento na etimologia grega, deve dizer-se *astrágalo.*» — Serrano, *Osteologia.*

No Pôrto e em Coimbra tem-se dito *astragálo.* Mas não há dúvida que deveria ser *astrágalo,* pois já em latim era *astrágalum* ⇐ gr. ἀστράγαλος. — A. B., *Nomenclatura anatómica portuguesa.*

atardados

Êste neologismo foi criado pelo Prof. Júlio de Matos, se não estamos em êrro, para traduzir os *enfants*

arriérés, de que tanto se tem ocupado a medicina francesa.

Os *atardados* são os indivíduos caracterizados pelo retardamento ou atraso no desenvolvimento físico e psíquico.

Sob o ponto de vista físico temos que considerar nos atardados malformações físicas diversas e estigmas de degenerescência. Citemos: assimetrias faciais, conformações irregulares do pavilhão da orelha, irregularidades de implantação, de volume e de forma dos dentes, etc., etc.—Há os tipos puros, e há os atardados com obesidade, com mixedema, com *feminismo* (com *masculismo,* as mulheres), com *gigantismo,* com *senilismo,* etc., etc.

Sob o ponto de vista intelectual (e é neste apenas que o Prof. J. de Matos os considera, e de que nós hoje nos queremos ocupar) a expressão compreende os *idiotas* e os *imbecis.* — António Barradas, *Palestras Médicas,* pag. 139 e 140.

avariose

V. *sífilis.*

bacidez

Sin. *obscuridade, matidez.* Propriedade do som baço. Fr. *matité.*

bacilose

V. . . . *íase.*

bacteriose

V. . . . *íase.*

ballottement

«O sr. conselheiro Teotonio refere-se à traducção daquele termo por «embalanço» (Lima Leitão) e *rechasso* (Magalhães Coutinho) e dá as razões que, para sua Ex.ª convincentes, o levam a proferir este ultimo vocabulo. — Na traducção da Medicina-Legal, de Sedillot; dá ainda o distincto homem de letras e prof. de clinica medica Lima Leitão outra versão de *bollottement: é succussão» (Medicina Contemporânea,* n.º 50-13-12-911).

básculo, baloiço

Bascule (mouvement de) — Baloiço, e não *básculo* como se dizia... no meu tempo.

(Da *Medicina Contemporânea* de 17 de Janeiro de 1892, artigo de João Semana Júnior).

base

«O medicamento principal que entra na composição de uma fórmula». (Ed. Mota).

V. *excipiente.*

bechico, béquico

Expectorante. — Joam Vigier (1745). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

O *Dic. Term. Tecn. Med.* define a *medicação bé-*

quica como sendo a que tem a propriedade de calmar a tosse.

betesga

Tradução proposta para o francês *cul-de-sac.* — Parece que se usa êsse têrmo em Coimbra. No Pôrto diz-se *fundo-de-saco.* — Cit. pelo Sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. Hosp. P.to*, vol. IV, p. 22.

bexiga

Bexigas ou varíola, em escritores antigos.

bexiga indica

Sífilis. — Duarte Rebello Saldanha (1762). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

Compare-se o francês *vérole,* no artigo *sífilis.*

bicho

Pop. «Na nomenclatura popular portugesa chama-se *bicho* ao *herpes* e a outras dermatoses.» (Ricardo Jorge). — Há a crença de que a lesão é devida à passagem sôbre a pele de bichos peçonhentos (aranhas, centopeias, etc.) — *Dic. Term. Tecn. Med.*

bicho (mal do) *ou,* sómente, bicho

Sin. *maculo* (Angola), *rectite gangrenosa epidé-*

mica; (ant.) *corrupção, corrupção do bicho.* Ano-rectite úlcero-gangrenosa, doença aguda, de prognóstico mais ou menos grave, muitas vezes mortal, oferecendo inicialmente prurido anal e pseudo-disenteria, em seguida paralisia esfincteriana, emissões muco-sanguinolentas, febre, e por fim úlceras ano-rectais, placas gangrenosas, fagedenismo e por vezes prolapso do recto. É provàvelmente uma *miíase*, comum ao homem e aos animais, e tem por área endemo-epidémica a zona tropico-meridional da América e da Africa ocidental. (Aleixo de Abreu, 1623; Ricardo Jorge, 1909). Ingl. *epidemic grangrenous proctitis.*

bicho dos pés

Pulga penetrante do Brasil.

bílis, bile

Não é a primeira vez que se propõe esta modificação. Sá Mattos já dizia, *bile,* como Santucci (1) *(Anatomia do corpo humano,* Lisboa, 1739). Cit. pelo Sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. Hosp. do Pôrto,* vol. IV, p. 22.

biomorfose

«... Chodat, adoptando a rubrica expressiva de

(1) Ouvi muitas vezes o Sr. Prof. Plácido da Costa pronunciar *bile.*

biomorfoses para os «efeitos morfogénicos nas plantas por acção dum ser vivo.»

«Atrevi-me a estender o significado do têrmo, do meio botânico para o zoológico; se me falta a autoridade, tenho por mim a lógica dos factos, e essa bastará».

Biomorfose é portanto qualquer «alteração de forma do vegetal ou animal sob a acção de qualquer ente vivo». (A. R. Jorge, *Biomorphoses,* pag. 4, 5).

* bionte

* biosado

* biose

Vida conjunta de qualquer ser vivo com outro, *vida a dois.*

O hospedeiro será o *biosado,* o hóspede o *bionte.*

Neologismo criado e proposto pelo Dr. Artur Ricardo Jorge, *Biomorphoses,* pag. 8.

bolbo

Bulbo.—No Pôrto pronuncia-se *bôlbo.*—Prof. Pires de Lima, *in Gaz. Hosp. Pôrto,* vol. IV, 1910, p. 22.

bôlsa das águas

É assim que costuma traduzir-se o francês *poche*

des eaux. Todavia, João Semana Junior num artigo da *Medicina Contemporânea* de 17 de Janeiro de 1892 prefere-lhe *fole,* empregado pela gente do campo «termo muito mais expressivo do que *bolsa*...»

«Nascer num fole», «nascer enfolipada» ou «nascer coifada», diz-se da criança que nasce com a cabeça coberta, em parte, pelas membranas, à maneira de uma coifa.

bôrdo

Aos bordos dos ossos chamava Francisco Soares Franco *(Elementos de Anatomia,* Coimbra, 1818) *margens* ou *contornos.* — Cit. pelo Sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. Hosp. P.to,* vol. IV, 1910, p. 22.

boubas

Sífilis. — Duarte Rebello Saldanha (1762). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

No *Dic. Term. Tecn. Med.* define-se *bubas,* que também tem sido escrito *boubas* e *bobas* (*pl.*) Sin. *chintoco.* Designação popular em toda a província de Moçambique e que figura também em a nossa nomenclatura nosológica oficialmente adoptada para designar a doença *pian* (Fr.), *yaws* (Ingl.), *framboesia* (Al.) — É uma doença dos trópicos, crónica, contagiosa, caracterizada por uma erupção cutânea de tubérculos fungosos de superfície granulosa, comparados a fram-

boesas. É considerada uma sífilis exótica, uma sífilis do negro; observa-se mais nos indivíduos da raça negra, mas os europeus não são indemnes. Difere da sífilis pelo seu carácter extremamente benigno e pela sua pouca importância nos destinos da colectividade. Tem-lhe sido atribuído como agente etiológico o *Spirochœte pallidula* e o *Sp. pertenuis.*

C

«A palavra francesa mal formada *kératite* deu lugar a que se introduzisse no português a grafia com *k;* mas a transmutação do κ grego para *c* no latim e nas linguas neo-latinas é regra que não permite excepções (cf. derivados de κουνὸς, κεφαλὴ, κέραμος, etc. e do proprio substantivo κέρας, as palavras *cerasta, ceratina* e *ceroto,* que todas obedecem ao preceito).

Ceratite, conseguintemente deve dizer-se, e da mesma forma com *c* os termos de medicina indevidamente modelados pelos viciosos vocábulos franceses derivados da mesma raiz e escritos com *k.*» R. Galvão, *Vocabulário,* p. 137.

Daí, *cérato-glosso, cérato-faríngeo,* etc., e não *kerato*...

V. também *ancil*...

câmaras, * c. de sangue (ant. e pop.)

O *Dic. Term. Tecn. Med.* inadvertidamente acom-

panha êstes vocábulos da indicação (ant.), quando na realidade êles são também do domínio popular.

canivete

Bistori.

Esta designação é hoje corrente em Lisboa, ao passo que no Pôrto ninguêm a usa.

Informa-me o Sr. Prof. Pires de Lima de que encontra a palavra *canivete* com a significação de *bistori* em Joaquim José de Santa Anna (1795).

cardia

M. ou f.

caria

Cárie. — Manuel de Sá Mattos (1788). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

cariocinese

Karyokinese.

catalepse *ou* catalepsia

cataléptico

cavalo

«F., jornalista e literato, contraira o cancro, ou *cavalo* duro .....

Como diz o dr. Melo Breyner «A palavra *cavalo* não é termo de calão.

Encontra-se nos antigos livros de Medicina nacional para designar as feridas venéreas das partes genitais.

Ouvi empregar êste termo aos professores Magalhães Coutinho e Tomás de Carvalho, duas autoridades em sciência médica e na língua portuguesa. — *Perigos da syphilis.* — Lisboa, 1905.»

Dos *Perigos do Casamento,* do Dr. Carrasco Guerra. — Lisboa, 1908.

cevagem

Trad. do fr. *gavage.*

O *Dic. Term. Tecn. Med.* define *alimentação forçada* como trad. do fr. *gavage,* e em *cevagem* regista o facto de êle ter sido proposto para trad. daquele têrmo.

chamuscar

Trad. do fr. *flamber.* No Pôrto traduz-se por *flamejar.* — Cit. pelo Sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. Hosp. do Pôrto,* vol. IV, 1910, p. 22.

cianúria, cistinúria, etc.

V. ... *uria (a desinência).*

cilindreixo

Vejo as provas de uma tradução portuguesa de um livro de Th. Ribot — *As Doenças da Memória*. A pag. 5 escrevi *cilindreixo*.

É a tradução do francês *cylindre-axe;* em português tem-se usado a forma alatinada *cylinder-axis* e talvez a aportuguesada *cilindro-eixo*. Preferi aglutinar as duas palavras numa só e fiz *cilindreixo*.

Parece-me bem formado e estribado em boas analogias.

cinesiterapia

Kinesitherápia, escrita viciosa.

cirro

Scirrho. — Antonio Ferreyra chama *scirrho* ao cancro não ulcerado e Manuel de Sá Mattos empregava os termos — *chirroso* ou *scirrhoso*. — Cit. do Sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. do Hosp. do Pôrto,* vol. IV, 1910, p. 22.

cisticercíase

Preferível a *cisticercose*. V. ... *íase*.

cisto

Kysto. — Também não é novidade. António de Almeida escrevia em 1825 *cysto* e *encystado*. — Cit. do Sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. Hosp. do Pôrto,* vol. IV, 1910, p. 22.

clido

Cleido. — Ex.: musculo esterno-clido-mastoide. — Cit. do Sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. Hosp. do Pôrto*, vol. IV, 1910, p. 22.

coccidíase

Preferível a *coccidiose*. V. ... *íase*.

coceira

Sarna. — Joam Vigier (1745). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

O *Dic. Term. Tecn. Med.* aponta o vocábulo como sin. pop. de prurido.

cocose

V. ... *íase*.

cola

Kola.

cólera

S. f. em vez de *cholera*, s. m.

colibacilo

Sin. *bacilo de Escherich, Bacterium coli commune*. Bacilo parasita normal do intestino e dos outros segmentos do tubo digestivo do homem e dos animais. Não patogénico no estado normal, determina,

quando adquire virulência ou quando é ingerido virulento com a água que se bebe, vários acidentes locais ou de vizinhança, a que se dá o nome genérico de *colibaciloses*, enterites, gastroenterites coleriformes, peritonites, colecistites, icterícias inficiosa e grave, abcessos do fígado. Parece desempenhar um grande papel na infecção urinária, na produção dos acidentes do estrangulamento herniário, da oclusão intestinal ou da apendicite, acidentes atribuídos à *colibacilemia*, ou seja, à passagem do *c. b.* para o sangue através da lesão intestinal, cujo prognóstico é sempre fatal.

colibacilose

V. *colibacilo*.

combreto

O *combreto* (lat. *combretum*) é uma planta das regiões tropicais, da família das combretáceas, a propósito da qual diz Huchard:

«*Combretum*, planta da familia das combretáceas, cresce no Senegal, Sudão e Congo francês.

Utilizado a princípio na febre biliosa hematúrica dos países quentes, foi empregado nas doenças do fígado por D. Porge e Ch. Benoit. Sem qualquer acção tóxica, êste medicamento é um colagogo poderoso, como tenho verificado há mais de um ano, donde o seu emprêgo na litíase biliar, insuficiência hepática, icterícia catarral, colecistites, enterocolite, e até na constipação. Doses: XX a LX gotas de extracto fluido

em duas ou três vezes e mesmo às colheres de café nos casos graves.

O *combretum* (extracto fluido, tintura nas doses de XX a LX gotas) é um medicamento pouco conhecido ainda e que dia a dia me presta grandes serviços como colagogo e antilitiásico. Dele se tratará adeante». *Les Maladies du cœur.*

congresso

Coito.

constipação

«Diz-se *coriza,* em português, *constipação,* e ainda — escreve o Ferreira Braga — na acepção de *prisão do ventre,* apezar de nada haver de comum entre os dois incómodos, a não ser o *espirro,* embora em tom e com sede diferentes. *Constipação* no sentido de *prisão de ventre* é galicismo desnecessário. Como curiosidade daremos, de passagem, uma amostra do estilo conciso e expressivo do prof. Ferreira Braga. Percorrendo e definindo a escala completa dos gases intestinais, vamos escuta-lo (a vista não tem aqui que fazer): — «os gases contidos no conduto alimentar — *flatus;* rugido ou murmúrio surdo, quando corre pelas tripas — *borborysmo;* a irupção gasosa que sai pela boca com estrépito — *arrôto* (eructatio, rutus); enfiando pelo orifício anal — *ventosidade.*» — Tem farta sinonimia este ultimo termo, e provará esta abundância quanto o nosso fértil idioma se multiplica e ageita

dócilmente às mais instantes urgências e variadas necessidades».

João Semana Junior, n.º 50 da *Medicina Contemporânea*, 13-XII-91.

correctivo

«O (preparado) que lhe (à *base)* pode corrigir propriedades desagradáveis». (E. da Mota). V. *intermédio.*

contagião

V. Ferr. Braga, *Instituições,* pag. 249.

corcova

Curvatura patológica da coluna vertebral. V. 49, Antonio Gomes Lourenço (1790-1794). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

cornête

Corneto. — Ao corneto inferior chamava Santucci *osso turbinado,* e Francisco Soares Franco *turbinado inferior.* — Cit. do Snr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. Hosp. P.to*, vol. IV, 1910, pag. 22.

cornetas

C. Figueiredo diz nos *Vícios da linguagem médica,* pag. 74: A *cornêta* nunca serviu aos anatomistas para

designar certa lâmina óssea, dentro das fossas nasais». Depois propõe que se chame a estes ossos *cornêtes.*

Há engano nisto. Serrano dá a seguinte sinonímia para os *cornetos: turbinados, cornetes,* e antigamente *cornetas* ou *conchas.*

correctivo

«O (preparado) que lhe (à *base*) pode corrigir propriedades desagradáveis». (Ed. Mota).

V. *intermédio.*

* corrupção, corrupção do bicho

V. *bicho.*

costura

Sutura. — Antonio de Almeida (1825). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

Hoje significa *cicatriz* de forma linear.

cotiledóne

Cotyledon.

courbature

Lassidão, cansaço. — V. *abatimento, adinamia, aneurastenia,* etc.

crânio

Serrano na sua *Osteologia* escreve *craneo* e ainda hoje essa escrita errónea é correntíssima entre

nós. Chega-se mesmo a escrever *craneométrico*, com *e*, quando os franceses teem *craniométrique*, com *i*.

Ora a etimologia do *crânio*, do grego κρανιον e do latim *cranium*, patentemente nos revelam o êrro da escrita *craneo*.

crategina

V. *adonidina*.

crossa

Num artigo da *Medicina Contemporânea*, de 26 de Janeiro de 1892, diz o professor Teotónio da Silva:

«*Crossa da aorta*. Um dos meus mestres de anatomia (António Pedro Cardoso) chamava-lhe *báculo da aorta;* efectivamente a artéria aorta tem uma curva semelhante à dos báculos dos Bispos; e crossa não é português.»

Num dos números seguintes da mesma revista o Sr. A. Cirrado, pseudónimo que julgamos encobrir o ilustre professor Ricardo Jorge, responde ao professor Teotónio da Silva, escrevendo:

. . . . . .

A rasoura por vezes é que me parece por demais afiada e cerceante. Aqui está, por exemplo: *crossa da aorta* — crossa não é português, diz. Apelo da sentença; mais uma vez farei de cardeal-diabo a desbalisar aportuguesações apressadas.

Sem a menor dúvida que dizemos todos crossa da aorta sem faro de lusitanismo. A verdade é esta; diz-se crossa porque os franceses, nossos guias, dizem *crosse*. A origem real é pois gafada; mas, coisa notá-

vel, tal qual como o burguês de Molière com a prosa, fizemos português sem o saber. Lá vai a demonstração pelo mesmo método, tam maçador como rigoroso.

Crosse é *apud gallios*, o báculo pastoral; o têrmo aplica-se por analogia a muitos objectos recurvados como cajado de bispo. Os anatómicos viram também na curva da aorta uma *crosse* e disseram *crosse de l'aorte*.

¿Ora de onde vem êste *crosse?* Dizem Littré e outros dicionaristas de tômo que *crosse*, assim como as formas paralelas de outras línguas, promana de um vocábulo muito usado na baixa latinidade com indefinidas variantes. Ao vêr isto engalfinhei-me àquele abundoso *glossarium* de Ducange e dêle derivei com os étimos encontrados até *crosse* e formas linguísticas similares. Darei a reconstituição filológica e genealógica engendrada devidamente. É uma árvore de Jessé autêntica.

O primitivo bordão episcopal era um pobre pau terminado crucialmente em T; representava o símbolo cristão, *crux*, e assim lhe chamavam. Quando à pobreza primeira se substituíram as matérias e os adornos preciosos da igreja triunfante, o báculo encurvou-se em voluta, mudando de forma e de substância, mas não de nome.

Ora do latim *crux, crucis, crucem, cruce*, as corruptelas da ínfima latinidade fizeram sair uma bateria de palavras derivadas. Tais foram as seguintes, que disporei naturalmente em duas séries: a) *crucca, croccus, crocca;* b) *croccia, crocia, croceus, croça, crossea, crossa.*

. . . . . .

Muitas espécies antigas e modernas das línguas bárbaras aqui se entroncam.

Da série a) se fez o alemão *krücke,* o inglês *crook,* e e holandês *kruk,* na acepção de báculo, muleta, gancho (cf. o francês *croc,* português *croque, croca).* Da série b) vem o francês *crosse,* o provençal *crossa,* com significado semelhante.

E assim foi que os franceses, comparando muito bem a aorta a um báculo, disseram *crosse de l'aorte.* Nem todas as outras línguas se valeram do mesmo. Os ingleses dizem *arch of the aorta;* os alemães *Bogen-aorta, Aortenbogen, Krümmen der grossen Schlagder,* arco ou curva da aorta, ou artéria magna; os italianos fazem côro com os dois, expressando *arco dell' aorta;* só os espanhois dizem *cayado aórtico,* cajado que é precisamente recurvado como sceptro episcopal. Apropriando êstes ditos, vê-se que podemos dizer *cajado da aorta,* talvez melhor que o *báculo da aorta,* proposto; e preferiria ainda *arco, arcada, volta* e *curva* da aorta.

Mas é que não é preciso.

Mastigada esta empada poliglótica, não haverá paladar que repugne crossa; não é um galicismo, mas sim um latinismo do derradeiro latim, *crossa* com todas as letras.

Este étimo seria bastante, se não tivéssemos a mais os velhos alfarrábios nacionais, que lhe dão um cunho português genuíno. Vamos ao Viterbo; cá está *coroça* ou *corossa,* designação velha de cajado episcopal. Diziam-se até *encoroçados* ou *encorossados* os be-

nefícios providos em pessoas que neles foram coladas pelo bispo.

Não há pois dúvida alguma — *crossa* é português dos quatro costados. O mais que podem exigir os puristas é que se diga *corossa* ou *coroça* se não tiverem receio de confundir a aorta com uma palhoça.

E agora reparo que para palhada já basta.»

curetagem

V. *legragem* e *reclage.*

cute

Cútis. — Santucci chamava à derme *cute* e à epiderme *cutícula.* — Cit. do Sr. Prof. Pires de Lima, vol. IV, 1910, p. 23 da *Gaz. Hosp. P.to*.

Deontologia, Diceologia

«*Deontologia é a sciência do dever,* mas êste têrmo criado por Bentham, publicista e jurisconsulto inglês, foi únicamente utilizado no fôro médico; por si só êste facto é já bastante para nobilizar a profissão.

Apareceu também a palavra *Diceologia, a sciência dos direitos;* esta palavra porèm caíu logo em desuso e hoje não é empregada nem mesmo é conhecida».

João Saavedra, *Palestras Médicas,* p. 1.

derrancado

Cão *derrancado* é cão *hidrófobo* ou *danado*, isto na linguagem popular de hoje.

Veja-se porêm, o têrmo em A. F. Braga, *Instituições*, p. 28.

deslisamento

V. *maçagem.*

desmame

Trad. do fr. *sevrage.*

discomicose

V. ...*íase.*

distomíase

dracuntíase

V. ...*íase.*

ducha *ou* duche

S. f.—*douche*, s. m.

dural

V. *pial.*

ecomania

«Esta é uma novidade da última hora. Tínhamos já uma longa série de *manias,* desde a inofensiva *micacostrepsomania,* vício que teem muitos adolescentes de torcer constantemente as guias do buço, e

que desaparece com a idade, ou antes, com o crescimento do bigode, até à desbocada *onomatomania,* vício de repetir sempre a mesma injúria, como um estribilho soez a propósito de tudo.

Últimamente os psiquiatras ingleses acabam de classificar uma nova entidade, *ecomania,* ou seja a perturbação que consiste em ser brando e violento conjuntamente. Êste novo têrmo, que vem ingressar no já vastíssimo glossário médico, não é isento de defeitos técnicos. Peca pelo significado scientífico duma das palavras que o compoem; nesta acepção, em que vulgarmente se usa, *mania* quere dizer a repetição mais ou menos freqüente de um acto normal ou anormal — *monomania.* A derivação etimólogica da palavra diz-nos o seguinte: OIKOS quere dizer *casa,* MANIA, loucura. Logo a *ecomania* não é mais do que o facto mórbido de um indivíduo se tornar intolerável *em casa,* quando é uma criatura normal, tratável, cá fora». — João Saavedra, *Palestras Médicas,* p. 23 e 24.

embalanço

«Embalanço (de balança), nome que me parece corresponder exactamente ao que os A. A. franceses aplicam o nome *ballottement.* O dedo indicador introduzido na vagina, tocando o utero e atirando para cima com o feto apoiado sobre o ponto tocado, recebe o choque do feto que, tendo percorrido, em razão do impulso recebido, e de achar-se como boiando nas aguas do amnio, um curto arco de circulo, des-

anda por ele mesmo, e vem colocar-se no ponto que antes ocupava. A esta acção do operador e a estes movimentos do feto chamaram os franceses *ballottement*, que consideram como o sinal ou prova a menos equivoca de prenhez. Os ingleses confessando que lhe não acham em sua lingua sinonimo, conservam-no tal qual e dizem *ballottement*. — Cumpre porem ponderar que ballottement vem de *ballot* (fardo), como se se dissesse acção de atirar com um fardo: esta acção pois existe, quando o dedo impele o feto; mas não é êle só que completa a acção verificadora; falta ainda o essencial, que é o feto desandar para vir bater no dedo que o impeliu, o que não é expressado pelo ballottement, visto que um simples fardo atirado não volta ao ponto de que foi impelido. — O feto aqui faz um verdadeiro movimento de balança, descreve um arco de circulo no sentido da impulsão que lhe foi dada e da curva formada pela parede do utero, e na inversão desse mesmo sentido volta ao primitivo ponto de partida. — O termo português proposto *embalanço* compreende os dois movimentos, o da ida e o da volta; ao passo que o termo francês *ballottement* compreende somente o primeiro. Parece-me por isso mais proprio o nome português do que o francês. Nos nossos dicionarios não ha a palavra embalanço; mas eu formei-a do verbo embalançar, como de balança se formou balanço.» (*Dic.* — L. Leitão).

Ora, quando o parteiro quer empregar o meio explorador a que os franceses chamam *ballottement*, o

feto tem já um certo volume e está mergulhado no líquido amniótico; o dedo introduzido na parte superior da vagina da mãe, de ordinario atraz do colo uterino, aí encontra o pelve ou a cabeça fetal. Aplica o dedo indicador e atravez do utero impele a extremidade do feto; este que está tão leve como Archimedes no banho, sobe rapidamente para cima e um pouco para diante, até tocar com a extremidade oposta à que foi impelida na face interna do utero tenso e elastico, e é imediatamente rechaçado, voltando ao ponto primitivo, onde o dedo do parteiro o encontra.

Mas que acontece a um pelouro da esfera quando se lança numa urna de metal ou de madeira?

A esfera cae na parte inferior, depois resalta e vae depois ocupar o logar de que fora lançada. Ora *ballotter* em francês significa contar os votos, jogar a pela, etc., e tanto as esferas como a pela, quando impelidas, resaltam, reflectem-se: e *rechaço* é a reflexão do corpo elastico. Logo entre embalanço e rechaço, escolho este que dá claramente ideia do facto.» (J. Teotónio da Silva, *Medicina Contemporânea*, n.º 49, 6-12-91.

V. *ballottement*.

empola

Ampolla. — O cirurgião Antonio Ferreyra empregava já o têrmo *empola*, no sentido de *vesícula* ou *flictena*. — Cit. do Sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. Hosp. P.to*, vol. IV, 1910, p. 23.

entorse

«*Entorse. Torsão* (L. Leitão) torcedela (vulg.), torcedura. Diz o Dr. Lima Leitão (Manual Completo de M. G., de Sedillot. trad. do Dr. L. Leitão. Edição de 1841):—«Tem-se introduzido indevidamente entre nós a palavra francesa entorse; este abuso é indesculpável, porque temos a palavra *torção* derivada imediatamente do latim *tortio* donde mais impuramente os franceses derivam *entorse*».

João Semana Junior, n.º 50, 13-12-91 da *Medicina Contemporânea.*

envide

Cordão umbilical. — Francisco Soares Franco (1818). — Informação do sr. Prof. Pires de Lima.

epigástrio

Em vez de *epigastro.* — Bernardo Santucci escreveu *região epigástria.* — Cit. do Sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. Hosp. do Pôrto.* vol. IV, 1900, p. 23.

* epilepse, epilepsia, epiléptico

V. *analepse* e v. pag. 30.

epúlida

Epulide.—Antonio Ferreyra emprega o têrmo

epúlida, assim como Antonio d'Almeida. — Cit. do Sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. Hosp. do Pôrto*, vol. IV, 1910, p. 23.

* equinococcíase

Preferível a *equinococose*. V. ...*íase*.

* ergastenia

V. *surmenage*.

erisípela

«Erisipéla. — Ainda hoje o povo do Minho pronuncia *erisípela*, dando êsse nome a variadas dermatoses. Em geral a moléstia é *talhada* por uma mulher, mas há casos que resistem à singular terapêutica. Trata-se então dum *erisipelão macho*, que só desaparece sendo talhado por um homem...» — Cit. do Sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. Hosp. do Pôrto*, vol. IV, 1910, p. 23.

...*ese (a desinência)*

V. ...*ase (a desinência)*.

esfloramento

Trad. do fr. *effleurement*.

espinhal

Spinal.

* espirilose, * esquistosomíase

V. ...*íase.*

estazamento

V. *surmenage.*

estertor

V. *rala.*

estragado (sangue)

V. *amolecimento.*

* esvaecimento

Trad. do fr. *effacement.* — No Porto traduz-se por *extinção* — extinção do colo, no trabalho de parto. — Cit. do Sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. Hosp. do Pôrto,* vol. IV, 1910, p. 23.

excipiente *ou* veículo

A substância sólida ou líquida, que reduz o agente principal à forma farmacêutica. (Ed. Mota). V. *adjuvante.*

extinção

V. *esvaecimento.*

facies

Costumam os médicos empregar êste vocábulo latino para designar o aspecto fisionómico do doente.

Em latim é êle f.; fazem-no os franceses e portugueses masculino! Ricardo Jorge, fugindo à regra, louvávelmente diz — a *facies*.

Fialho confundia muitas vezes *fascias* com *facies!*

faringe

S. f. — No Brasil há quem diga *o faringe* e *o laringe*. — Antonio d'Almeida escrevia *o larynx* e *o pharynx;* Sá Mattos dizia o *larinx* e *o pharynx;* e Santucci já em 1739 dizia *a pharinge*, e indistintamente *o larynx* e *a larynx*. — Cit. do Sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. Hosp. do Pôrto,* vol. IV, 1910, p. 23.

* feminismo

V. *atardados* e *infantilismo.*

* fendilhada (língua)

Assim traduzem alguns médicos a *langue fendillée* dos franceses, sem se lembrarem de que nós temos já a *língua gretada*... de tanta febre de galicismo.

fervores

Trad. do fr. *râles*. — É evidente que não pode chamar-se *fervores* a toda a espécie de *ralas*. No Pôrto há quem diga *sarridos* e o velho Prof. Antonio Ferreira Braga dizia *ronquidos*. — Cit. do Sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. Hosp. do Pôrto,* vol. IV, 1910, p. 23.

filaríase, filariose

V. ...*íase.*

fimose

S. f. *Phymosis.* — Antonio Gomes Lourenço diz *o fimosis,* e Antonio d'Almeida escreveu *o phymose.* —Cit. do Sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. Hosp. do Pôrto,* vol. IV, 1910, p. 23.

Fisica

Ant. Medicina. V. *angurria.*

flanco

"*Flanco* é galicismo nada preciso. Em português diremos *ilhal* (como queria o prof. Alvarenga) ou *ilharga.*„ — diz João Semana Junior na *Medicina Contemporânea* de 17 de Janeiro de 1892.

No seu *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* o Sr. Cândido de Figueiredo regista também o *flanco* como galicismo, a que se deve preferir *ilharga.*

flatos

Gases intestinais. —José Manuel Chaves (1790). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

* fole das águas (pop.)

V. *bolsa das águas.*

fontanela, moleirinha

João Semana Júnior diz na *Medicina Contemporânea*, de 17 de Janeiro de 1892:

«Nada diremos da vernaculidade de *fontanela* (de *fons*, lat.): temos, porêm, o vocábulo *moleira* (de *mole*) bem português, e *moleirinha*, e até o conhecido rifão: *pôr o sal na moleira.*»

fontículo

A. F. Braga, *Instituições*, p. 25.

fraco (sangue)

V. *amolecimento.*

ftiríase

V. *...íase.*

* gemelar (parto)

Em que nascem dois gémeos.

genital

Pénis. — José Manuel Chaves (1790). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

gestante

Mulher grávida. — Manuel de Sá Mattos (1788). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

giba

Curvatura patológica da coluna vertebral. Sin. *corcova.* — Antonio Gomes Lourenço, 1790-1794). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

* gigantismo

V. *atardados.*

ginsão

«Os médicos chineses conhecem as virtudes curativas de muitas ervas, que possuem no seu consultório. Os mais ricos teem o *ginseng.*

O «ginseng» é considerado um remédio tão caro como eficaz. Só ao Imperador era possível usá-lo. Os modernos formulários europeus não se referem a êste heroico remédio, e se preguntarmos por êle nas farmácias por certo não obtemos resposta. Mas a nossa «Pharmacopêa Portugueza», respeitável velhota que já vem desde 1876 resistindo às fúrias pouco iconoclastas de sucessivas comissões nomeadas para a reformarem, — essa lá cita o ginsão, a que dá por sinónimos «ginseng» e «Chin-seng», em latim, *Aureliastrum, Panax quinquefolius,* Lineu, araliácea vivaz do Canadá e da China».

Tambêm o sr. dr. Julio Dantas nos diz algures que ao sr. D. João V, de saudosa memória, foi mister receitar algumas vezes o benéfico ginsão, ao qual o magnificente monarca deveu a recrudescência freqüente das suas energias freirófilas...» A. B., *O Século,* ed. da noite, de 15-v-15.

gorgereto, gorjureto

Trad. do fr. *gorgeret,* instrumento cavado em forma de garganta (fr. *gorge,* port. *gorja),* usado antigamente na operação da fístula do ânus e da talha. — Antonio de Almeida (1825). — Informação do sr. Prof. Pires de Lima.

gota

O latim *gutta* era no latim da idade média sinónimo de *humor.* A gota era vulgarmente considerada até o sec. XIII como uma diátese, o artritismo, de que as localizações articulares são a manifestação mais freqüente. A linguagem vulgar conservou vestígios desta antiga significação, *v. g.* em *gota serena, gota coral* (v. esta palavra).

O grande Jaccoud definiu a *gota* como sendo uma «doença constitucional, às vezes hereditária, caracterizada por discrasia úrica e por ataques de fluxões articulares específicas, susceptíveis de metástases e de compensação.»

gotta coral

Epilepsia. — Joam Vigier (1745). — Informação do sr. Prof. Pires de Lima.

No livro *O que se não deve dizer,* vol. III, do sr. Dr. Cândido de Figueiredo, lê-se isto:

«... só me ocorre uma conjectura. — Além da *gota coral,* a epilepsia também é conhecida por *gota*

caduca ou *mal caduco.* — Aqui o *caduco* explica-se talvez pelos efeitos da epilepsia: faz *cair;* e, se faz cair, é porque as pernas se não podem manter firmes; e bem podia ser que, assim como se chamou *gota* a uma doença das articulações, *gota serena* à cegueira completa sem lesão aparente, assim os ingénuos físicos de outrora chamassem *gota das pernas,* ou coisa parecida, à doença que faz *cair* com convulsões. Ora a coxa da perna é, em latim, *crus, cruris;* e uma doença das coxas chama-se legitimamente doença *crural.* — Portanto, não repugna a denominação de *gota crural;* como não repugna o abrandamento de *crural* em *cural,* a exemplo de *rostrum,* que deu *rosto.* — Como na escrita a forma *cural* seria estranha, evolucionaria para *coral,* que é forma conhecida e ficar-se-ia chamando *gota coral* o que realmente era *gota crural.*»

Parece-me que isto é realmente coisa *que se não deve dizer,* se atentarmos um pouco na restante sinonímia da epilepsia. A esta chama também o povo *mal* ou *malzinho da gota,* chamou Hipócrates *mal de Hércules* (pois parece ter sido êste herói de prodigiosa fôrça um dos primeiros epilépticos conhecidos), e disseram-na ainda *mal lunático, passio puerilis* (Célio Aureliano), *morbus major* (Celso), *morbus divinus* (Platão), etc. Os romanos chamavam à epilepsia *mal comicial,* designação que ainda hoje é corrente, usando-se até a expressão *um comicial* para designar *um epiléptico em ataque.* A razão do nome *mal comicial* dos romanos parece ser que entre êstes

se suspendiam os comícios quando um epiléptico caía em crise.

¿Será aqui que está o busílis da questão? ¿Não haverá qualquer relação entre o *comício* do *mal comicial* e o *côro* da *gota coral*. O *mal comicial* primeiro observado nas grandes reuniões e ajuntamentos, nos *comícios* que por êle se suspendiam ¿não o seria também nos *coros?* Questão para resolver. A explicação dada pelo sr. C. de Figueiredo parece-me forçada de mais para dever ser aceite. Quanto à significação do têrmo médico *gota,* como resto da antiga doutrina humoral, veja-se o que sob aquela rubrica *(gota)* escrevemos.

gripe

«*Grippe* ou *gripe, f.* Catarro epidémico; inflamação epidêmica de membranas mucosas» (C. de F).

Tal é a definição (?) que nos dá o sr. C. de F. da doença produzida pelo micróbio de Pfeiffer. Cp. *influenza.*

Pela nossa parte, consideramos sinónimos os dois vocábulos, como, cremos, toda a gente faz.

Da *grippe* diz F. Helme:

«De leur côté, nos pères, qui depuis longtemps connaissaient l'importune, la traitèrent plutôt légèrement et lui donnèrent les plus jolis noms du monde: «Petite peste», «petit courrier», «barraquette»; mais que vous semble de «follette»? Un médecin de Mont-

pellier, Sauvages, la baptisa «grippe», à cause de son caractère capricieux, passager, et le sa soudaineté. Le mot fit fortune. «La grippe, en faisant le tour du monde, a passé par notre Sibérie et s'est emparé un peu de ma vieille et chétive figure», écrit Voltaire en 1776».

Acrescenta depois que ela vem do Oriente e nos é trazida quer pelos viajantes, quer pelas mercadorias. Como mostrou o professor Widal, no seu belo estudo do *Traité de Médecine,* a epidemia de 1870 leva seis meses para vir de S. Petersburgo a Paris; em 1837, a viagem passa a durar sete semanas, não mais; em 1889, na epidemia que afectou, pode dizer-se, toda a humanidade, o seu horário, idêntico ao dos grandes rápidos internacionais, reduz o trajecto a dois dias.

Esta nota deixa-nos ver que a gripe, vinda de Oriente, invadiu a Europa atravessando a Rússia, e dá assim razão à designação *peste russa,* que lhe atribui o sr. C. de F.

O nome *influenza,* deram-lho — diz F. Helme — os milaneses, por 1802, para sublinhar o rebate que a doença dá no cérebro, sôbre o qual ela tem muita influência; acrescenta que o termo quási não é empregado senão pelos latinos.

hematemese

Nos *Vícios da Linguagem Médica* do Sr. Dr. Cândido de Figueiredo leio: *hematémese.*

Ora é certo que a pronúncia corrente desta palavra é *hematemese.*

hematopoese

«Também se escreve *hematopoiese,* e se dá a certos órgãos a adjectivação *hematopoiético.* Em todo o caso a palavra vem do grego 'AIMA, ATOS + POESIS. Ora, como POESIS deu *poesia,* 'AIMATOS + POESIS podia dar *hematopoesia* e o adjectivo *hematopoético.*

Bem sei que colidem um pouco a poesia com a medicina.

Paciencia.» — A. B., *Vida Médica,* Dez., 1914.

...ia (a terminação)

«A propósito da ortoépia destas palavras terminadas em *ia,* primam em confusão e arbítrio os lexicógrafos e o uso. A bem da regularidade da língua, acompanhando a sua propria índole e respeitando leis de analogia, pode assentar-se esta convenção: recebem acento tónico no *i* os derivados de raiz grega que significam: moléstia ou defeito físico.» — Ramiz Galvão, *Vocabulário.*

...íase (o sufixo)

«*Filariose,* ou *filaríase,* com acentuação no segundo *i?*» Há na moderna tecnologia médica, o termo *filariose,* designativo da doença produzida pela

filária, verme filiforme, de que há mais de uma espécie. Segundo creio, o têrmo foi inventado há trinta anos, por um médico brasileiro, Dr. Silva Araujo. *Filaríase,* para quê? O sufixo *ose* entra na formação de muitas palavras nossas, eruditas; ao passo que o sufixo átono *ase* só aparece em palavras, formadas dentro do grego.» — C. de F., *Vícios da linguagem médica.*

Falou a teoria. Fale agora a prática.

O meu prezado amigo Dr. Artur Ricardo Jorge, na sua brilhante dissertação inaugural, *Biomorphoses* (Lisboa, 1909) escreve (pag. 84):

«...a terminação ora em *íase,* ora em *ose;* a primeira tende a ser especialmente aplicada ao caso de parasita animal, a segunda ao de parasita vegetal. Entretanto os autores não obedecem a esta norma tácita, como seria regular. Achamos de bom sistema a imposição conforme a designação e a ela submeteremos a rápida sinopse que vamos dar das duas séries».

E assim fala-nos de *acaríases, ftiríases, míases, helmintíases, equinococcíases, distomíases, anquilostomíases, amibíases, tripanosomíases, filaríases, uncinaríases,* e das *micoses, acorioses, aspergiloses, bacterioses, baciloses, cocoses, espiriloses,* etc., etc. e não sei se de *ascaridíases, cisticercíases, coccidíases, dracuntíases, esquistosomíases, hemosporíases, oxiuríases, plasmodíases, sarcopsilíases, sarcoptíases, sarcosporíases, schaudinníases, treponemíases, tricocefalíases, triquiníases,* etc. e das *penicilioses, tricosporoses,* etc.

infantilismo

Êste termo tem sido por vezes confundido com *feminismo.*

O *feminismo,* a que também se chama *androginismo*, é a anomalia de desenvolvimento pela qual um homem fica com um aspecto feminil; ao passo que no *infantilismo* o indivíduo fica com características infantis, quer psíquicas, quer somáticas.

V. *atardados.*

influência

«Doença epidémica, de sintomas análogos aos da gripe e também conhecida por *peste russa.* Cf. FREUND, vb. *influentia.* (Lat. *influentia*).»—C. de F., *N. Dic.*

Certo é que ninguêm em Portugal, creio eu, chama *influência,* mas sim *influenza,* à tal doença.

Influença propõe G. Viana no seu *Vocabulário.*

Vejamos agora o que dizem clássicos da medicina.

Abramos as *Instituições* de velho lente da escola do Pôrto, Ferreira Braga (pag. 248):

«*Influenza,* Nome Italiano equivalente ao nosso *influência, influição;* salvou-se a palavra da proscrição da crença; as estrêlas, os astros perderam o *fôro* de entrar connosco, *influir-nos,* hoje não se conhece o verdadeiro senhorio *dele,* mas o título vai existindo. Nisto de nomenclatura é ir com todos, novos e velhos, se houvesse vontade de ater-nos ao

nosso, talvez *andaço,* junto com algum adjectivo (aqui o *catarroso*), valesse o mesmo para falar naquilo que ninguêm entende.»

Ainda o bom Ferreira Braga não lhe ouvira chamar *gripe*...

instituições

Instituições de Pathologia Geral se chama um livro do velho lente da Escola Médico-Cirúrgica do Pôrto, António Ferreira Braga, em 1840.

É nome que está abandonado, êste de *instituições,* para livros didácticos, desta espécie. E com efeito o têrmo é bem vernáculo e exprime bem o que se quere dizer. Como as *instituições* são as leis fundamentais de uma sociedade política, tambêm podem ser as regras ou normas basilares de um conhecimento scientífico.

intermédio

«A substância que lhe torna possível a divisão ou mistura». (Ed. Mota).

...ise (o sufixo)

V. *...ase (o sufixo).*

...ite (o sufixo)

Designa as afecções inflamatórias: *bronquite, pulmonite, gastrite, metrite,* etc., etc.

lábil

V. *termostábil.*

lactado, lactante, criança lactante

Lactado — criança de mama. — Duarte Rebello Saldanha (1762).

Lactante — criança de mama. — Manuel de Sá Mattos (1788).

Criança lactante. — Antonio Gomes Lourenço, (1790-1794). — Informações do Sr. Prof. Pires de Lima.

laringe

V. *faringe.*

lassidão

Trad. do fr. *courbature.* — Êsse têrmo traduz-se vulgarmente *prostração.* — José Bento Lopes escrevia *laxidão* e José Manuel Chaves *(Febriologia accomodada tambem ás pessoas curiosas,* Coimbra, 1740) chamava-lhe *modorra.* — Cit. do Sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. dos Hosp. do Pôrto,* vol. IV, 1910, p. 23.

lechinos

Objectos de penso. — Antonio Gomes Lourenço (1790-1794). — Em Antonio de Almeida (1825) reaparece o termo com as formas *lichino* e *lichinho,* para designar um rôlo de fios de aplicação análoga à

das chamadas actualmente *pelotas* de algodão ou de gaze. — Informações do Sr. Prof. Pires de Lima.

legra, legrar

Legra — espécie de cureta. — Antonio de Almeida (1825). — Legrar — curetar. — Antonio Ferreyra (1705). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

legra, raspador

Sôbre êstes termos diz o Prof. Teotónio da Silva na *Medicina Contemporânea,* n.º 2, de 10 de Janeiro de 1892, referindo-se a um tratado de operações publicado em 1800 por António de Almeida, professor de medicina operatória no Hospital de S. José:

«No fim do 2.º volume veem os instrumentos desenhados; e na estampa II, n.º 7, está o desenho de LEGRA igual à *rugine* dos franceses.

Na explicação que precede a estampa lê-se o seguinte: «N.º 7 representa uma *legra* ou *raspador,* que, pela sua configuração poupa as *legras* ou *raspadores* de diferentes figuras, e serve não só para *raspar* o periósseo, mas também *cárias* e *esquírolas* dos ossos».

«Note-se que nem todas as legras são semelhantes à que vem desenhada no n.º 7. Há-as de diferentes formas; portanto aquelas com que hoje se raspa o útero e bexiga ainda podem chamar-se *legras.*

Dizem os espanhóis *legrado uterino,* por exem-

plo; acharam-lhe a verdadeira tradução. Seria caturrice propor análoga palavra portuguesa para significar o acto operatório de limpar interiormente cavidades, com colher, cortante ou não *(raclage, curettage)*.

Pois temos cá a palavra rigorosa: *legra* é termo de cirurgia, muito nosso; pelo menos peninsular (traduzem-no os franceses em *rugine)*; e talvez por analogia, se chama legra também à ferramenta com que os fabricantes de colheres de pau lhes escavam o interior.»

... *lise (a desinência)*

Os vocábulos que teem esta desinência, como *bacteriólise, citólise, hemólise,* etc., devem ser esdrúxulos. Cf. *análise, electrólise.*

livores

«É muito usado e em bom português». — Prof. Teotónio da Silva — «Vocabulário Médico» II in *Medicina Contemporânea,* n.º 2 de 10 de Janeiro de 1892.

loculado

Trad. do fr. *cloisonné.*

lues venérea

A. F. Braga, *Instituições,* p. 24.

lunático

«Corre no vulgo a alcunha de lunáticos aos de cabeça tresvariada.» — A. F. Braga, *Instituições*, p. 49.

«Pêle-mêle avec les neurasthéniques on trouve encore des *cyclothymiques* (G. Ballet — P. Kahn), passant tour à tour de la tristesse et de l'indifférence à la gaieté et à l'expansion, malades désignés dans la vie courante par les mots: *lunatiques, originaux, capricieux.*» — A. Vallet, *Les préjugés en médecine mentale*, Paris, 1913, p. 109.

macrocosmo, microcosmo

«O homem *microcosmo* (pequeno mundo) continha o símbolo do *macrocosmo:* o coração competia ao sol, cuja influência recebia. O cérebro à lua (v. *lunático*), que o regulava: os pulmões a Júpiter: o baço a Saturno: os rins a Vénus: os órgãos genitais a Mercúrio.» — A. F. Braga, *Instituições*, p. 49.

maçagem

O sr. dr. Cândido de Figueiredo tem quebrado lanças pela escrita *maçagem*, de preferência a *massagem* por ser esta incorrecta. «*Maçagem* é que é — diz êle. Substantivo verbal de *maçar*, que é um derivado de *maço* ou *maça*, não tem afinidade nenhuma com o subst. *massa*. Êste não produziu o verbo *massar*, mas

sim *amassar*, e dêste verbo derivámos *amassadura, amassadela, amassamento,* e poderíamos derivar *amassagem,* que seria, para o nosso caso, forma exacta, se o tal processo terapêutico tivesse qualquer relação com o substantivo *massa.* Mas não tem nenhuma, nem os médicos escreveram nunca *amassagem.*

Isto é menos verdade porque as formas *amassagem* e *amassadura,* encontram-se em escritores médicos e por isso o *Dic. Term. Tecn. Med.* as registou.

Seria como diz C. de F. se a etimologia da palavra não fôsse discutível e discutida. Mas diz o Garnier & Delamare que sim, que é: «1.º árabe *mass,* palpar, manejar; 2.º μασσειν, amassar.»

Sendo assim, deixam de ter razão de ser as considerações do sr. C. de F.

V. *massoterapia.*

malária

Malaria, vocábulo de origem italiana (mau ar), anda em valor pelo grego μίασμα do verbo μιαίνω, *inquinar, poluir,* e juntando-lhe o qualificativo, *pantanoso* é muito usado. Sófocles no Édipo escreve a pestilência sob nome de miasma, μίασμα χορασέλαύγειν: *apartar da terra a pestilência.* Οδεωϐς τυραννος.

malaxação

Trad. do fr. *pétrissage.* — Antonio José de Sousa Pinto (*Elementos de pharmacia, chymica e botanica,*

Lisboa, 1805) emprega o têrmo *malaxar* no sentido de amassar com as mãos (um emplastro, por exemplo). Essa operação manual dá ideia realmente daquela manobra da maçagem. — Cit. do Sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. Hosp. P.to*, v. IV, 1910, p. 23.

mal de Loanda

Escorbuto. — Joam Vigier (1745). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

mamada

Trad. do fr. *tetée.*

mamilonado — mamiloso

Na *Medicina Contemporânea* de 17 de Janeiro de 1892, diz João Semana Júnior sôbre a tradução de *mameloné:*

«Mamiloso ou mamilhoso e não mamilonado, como ouvimos dizer...

mamote

Trad. proposta para *nourrisson.*

marcha

Diz-se geralmente *marcha* da doença, do sintoma, etc. ¿Porque não havemos de dizer, como aconse-

lhava o professor Alvarenga, e como — muito antes deles — escreveram Lima Leitão, Ferreira Braga e outros — *curso?* Não temos tambem *progressão, seguimento, andamento.* (*Medicina Contemporânea,* n.º 50, 13-XII-91).

* masculismo

V. *atardados.*

mastoideo *ou* mastoide

Mastoidêo ou mastoideu. V. ... *oide.*

massoterapia

Les différentes manipulations du massage sont:

l'effleurage,
le pétrissage,
l'écrasement,
le tapotement.

Dr. de Frumerie, no *Formulaire* de Gilbert et Yvon.

A massagem compreende quatro processos:

o deslisamento,
a fricção,
a amassadura,
as palmadas e *punhadas.*

Dr. Evaristo Saraiva, *Manual para o curso de enfermeiros do Hosp. G. de Santo António.*

mecha

Dreno feito de pano de linho, que se aplicava nas feridas, como actualmente se emprega uma camada de algodão hidrófilo. — Antonio de Almeida (1825) — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

médico

«Hipócrates desejava que o médico, para ser respeitado, andasse limpo, ataviado, e fragante; porque o povo conjectura ser desmazelado com os outros quem consigo não for cuidadoso: composto e sério no rosto, honesto em seus costumes; grave quanto humano, a fim de nem perder a consideração oferecendo e barateando ofícios, nem desmentir os da bondade: olhe o médico qual das duas serve para o caso; na certeza que com as mesmas cousas, e com as mesmas pessoas, fazendo-as esquivas, raras, aumenta-se-lhes a estimação». — A. F. Braga, *Instituições*, p. 64.

micoses

Exemplos: — *actinomicose, botriomicose, dermomicose, discomicose, mucormicose, otomicose, pneumomicose, tricomicose,* etc.

V. ...*íase.*

miíase

V. ...*íase.*

modorra

Letargo, prostração, *courbature.* — Joam Vigier (1745). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

moleira

Trad. do fr. *fontanelle.* — *Moleirinha* é o nome vulgar da *grande fontanela,* a que Santucci chamava *fontainha.* O mesmo anatomista designava o *parietal* pelo nome de *osso da moleira.* Soares Franco usava o têrmo popular *moleirinha.* — Cit. do Sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. Hosp. do Pôrto,* V. IV, 1910, p. 23, 24.

móvito

Abôrto. — Joam Vigier (1745). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

mucormicose

V. ...*íase.*

mula

Doenças híbridas. — É um facto muito curioso que, da mesma maneira que em zoologia dois animais de espécie diferente podem produzir um híbrido, da mesma maneira em patologia, dois vírus diferentes podem aliar-se e actuar em conjunto de tal sorte que a lesão ou a doença produzida resulte dos dois ao

mesmo tempo e apresente caracteres mistos. O exemplo mais célebre é o do *cancro misto;* Rollet demonstrou com provas irrefutáveis que êste cancro é constituído pela aliança dos dois vírus — da sífilis e do cancro mole e que cada uma das doenças evolui na mesma lesão modificando simplesmente os caracteres da sua vizinha. As experiências de inoculações do cancro mole, de Rollet não deixaram dúvidas a tal respeito. Esta descoberta foi a princípio muito criticada e o cancro híbrido de Rollet foi irónicamente qualificado de "*mula*„; mas, como diz Bard, esta mula deu a vólta ao mundo.

. . . . . .

(P. Courmont — *Précis de Pathologie Générale).*

nefrítico

Preferível a nefrético.

neurastenia, neurose, neuralgia, etc.

Preferível a nevrasthenia, nevrose, nevralgia, etc.

* neuropatia colonial

«É certamente desconhecida para muitos médicos esta entidade mórbida; mas ela sugere logo uma série natural de considerações que nos levam fácilmente a reconstituí-la.

O assunto deve interessar um tanto ao nosso país, principalmente agora que se pensa em estudar com vontade o problema complexo e vitalíssimo das colónias. Os médicos, como em tudo, são também chamados a colaborar, e não serão êles os que menor subsídio hão de trazer.

Neuropatia, ou, como ainda muitos dizem, *nevropatia,* costuma exprimir, na generalidade, qualquer perturbação das funções psíquicas; melhor seria chamar-se *psicopatia.* A *neuropatia colonial* é pois o conjunto de perturbações mentais criadas pelas novas condições da vida do colono. São múltiplas essas condições.» — João Saavedra, *Palestras Médicas,* p. 11 e 12.

nourrisson

É curioso que tendo nós para traduzir êste vocábulo francês quantidade de vocábulos nossos: *amamentado, lactado, (criança) lactante, mamote,* etc., — é precisamente na tradução dele que muitos estudantes de medicina e até médicos encontram dificuldades de maior.

O Dr. Samuel Maia traduz essa palavra por *mammote,* numas regras de puericultura que há pouco tempo publicou. Gomes Lourenço dizia *criança lactante* e Sá Matos simplesmente *lactante.* Duarte Rebello Saldanha *(Illustração Medica,* Lisboa, 1762) prefere *lactado.* — Cit. do Sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. Hosp. do Pôrto,* V. IV, 1910, p. 22.

obturador (buraco)

«*Buraco obturador, oval* ou *sub-púbico*, do qual todos êstes nomes são inaceitáveis, o primeiro porque inculca o absurdo de um buraco tapar qualquer coisa, o segundo porque na mulher todos acordam que êle é *triangular* — sendo-o até muitas vezes no homem, o terceiro por exprimir uma inexacta relação com a peça púbica, por detrás, sobretudo, e por fora do qual, e não bem por baixo, se acha colocado, e também por permitir confusão com outro, existente no fresco... A designação de *obturador*, é a que neste século tem obtido preponderância, até aos nossos dias, se bem que por vezes se haja pretendido corrigir a incongruência, chamando *obturado* ao buraco de que se trata. — *Buraco coxal* deve por excelência ser intitulado, como se nomeia *buraco occipital* o maior dêste osso, e *buraco vertebral*, na boa terminologia, o maior da vértebra.» — Serrano, *Osteologia*. — Cit. em A. B., *Nomenclatura anatómica portuguesa*.

oedema

Escrita errónea em vez de *edema*, influência do fr. *œdeme*.

...oide (a terminação)

Na minha *Nomenclatura anatómica* deixei com a mesma forma com que Serrano as escrevia, sem

acentuação, as palavras *mastoideo, mastoidea, glenoidea, pterigoidea, sigmoidea* e similares.

Êle, porêm, na regência da cadeira de anatomia descritiva na Escola Médica de Lisboa, pronunciava-as *mastoideu, mastoideia, glenoideia,* etc., pronúncia que ainda hoje lá se observa, admitindo-se também a forma *mastoide,* etc. para m. e f. O mesmo sucede em Coimbra e Pôrto.

Cândido de Figueiredo, *Vícios da linguagem médica,* pag. 45 e 257, Lisboa, 1910 prefere *mastoide* (como *romboide, hioide, metaloide*), ou antes *mastoídeo* (como *bovídeo, anelídeo*). — Gonçálvez Viana (*Vocabulário ortográfico e ortoépico da língua portuguesa,* Lisboa, 1910) também é da mesma opinião, pois consigna *mastoídeo, glenoídeo, pterigoídeo.* Não cita, porêm, as formas adjectivas *mastoide, sigmoide, pterigoide.*

Os dicionários (excepto o de C. de Figueiredo) não citam *glenoideu,* mas sim *glenoidal.*

«O latim foi a língua geralmente usada nas obras de Anatomia, desde Vesálio até meados do Século XVIII. Foi nessa língua que se fixou a nomenclatura anatómica.

Albinus, por exemplo (*Historia musculorum hominis*), dizia: *Sterno-mastoïdeus, Sterno-thyroïdeus, Sterno-hyoïdeus, Stylo-hyoïdeus, Mylo-hyoïdeus, Genio-hyoïdeus, etc.,* e a moderna «Nomina Anatomica» aprovada pelo Congresso de Basileia, e que foi adoptada nos países de línguas alemã, russa e italiana, estando também bastante divulgada nos países de lín-

gua inglesa, aceitou grande número de palavras com a mesma terminação, como — *Sesamoideus, Sigmoideus, Stylo-hyoideus, Stylo-mastoideus, etc.*

Em italiano aqueles termos foram traduzidos assim: *Stilojoideo, Geniojoideo, Sternojoideo, Omojoideo, Sternotiroideo, etc.* (Chiarugi, etc.), e em espanhol diz-se: *Estilo-hioideo, Milo-hioideo, Esterno-tiroideo, Tiro-hioideo, etc.* (Calleja y Sanchez, etc.)

Os anatómicos portugueses do século XIX sempre disseram: *Pterygoideo, Stylo-hyoideo, Mylo-hyoide, Genio-hyoideo, Omo-hyoideo, Sterno-hyoideo, etc.* (Soares Franco, Serrano, etc.).

Se Albinus e os seus contemporâneos escreviam *Stylo-hyoïdeus*, se os anatómicos portugueses clássicos escreveram *Stylo-hyoideo,* os espanhois dizem *Estilo-hioideo* e os italianos *Stilojoideo,* por que motivo havemos nós de pronunciar *Estilo-hioide* e não *Estilo-hioideu?*» — Extraído de um artigo do Sr. Prof. Pires de Lima, *Portugal Médico,* Fevereiro, 1915.

Parece-me que devemos estabelecer a correspondência do fr. *oïde* para o port. *oide;* do fr. *oidien* para o port. *oideu.* Assim podemos traduzir *apophyse mastoïde* por *apófise mastóide*, isto é, (παστος, mama + ειδος semelhante) em forma de mama, mas *muscle st.-cl.-mastoidien* por *músculo est.-cl.-mastoideu;* — osso *hioide* e não osso *hioideu.*

olécrano

Preferível a olecraneo.

opistótono

Preferível a opisthotonos.

orchiopexia

Orchidopexia.

original

V. *lunático.*

orroterapia

Como a palavra *soroterapia* ou *seroterapia* é um hibridismo, indica o Sr. Dr. A. G. R. Vasconcélloz, na sua *Gramática Histórica da Língua Portuguesa* que se substitua por *orrhotherapia*, do grego ορρος sôro, θεραπεια tratamento. Pode aplicar-se a *serologia*, etc.

ourelo

Trad. do fr. *bourrelet.* — Alguns traduzem êsse têrmo por *bordalete,* que suponho não ser português; outros por *debrum* (debrum cotyloideo). — Cit. do Sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. Hosp. P.to*, v. IV, 1910, p. 24.

O *N. Dic.* (2.ª ed.) já cita *bordalete*, dizendo — o mesmo que *cutidura.* — *Cutidura* define-a — saliência carnosa no bôrdo superior do casco do cavalo.

ourina

Forma antiga, em vez de urina. V. *angurria.*

oxiuríase

V. ...*íase.*

quebradura

Hérnia. — Joam Vigier (8745). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

papos

Luís Gomes Ferreira refere-se aos «papos» peculiares à capitania de S. Paulo, e tamanhos que caíam pelo peito abaixo. — V. Ric. Jorge, *O mal do bicho*, Lisboa 1909, pag. 12.

Patologia

«A divisão da Patologia em Nosologia, Etiologia, Sintomatologia, Semeologia ou Semeoptica *(sic)*, e Terapêutica vogou nas escolas por muito tempo, e ainda hoje se respeita em obséquio da antiguidade e método.» — A. F. Braga, *Instituições*, p. 87.

pelota

João Semana Júnior, na *Medicina Contemporânea*

de 17 de Janeiro de 1892 diz o seguinte sôbre a tradução portuguesa do termo *pelote:*

"*Compresseur à pelote. — Compressor de almofadinha.* Quando eu estudava na escola, diziam-se várias coisas feias do aparelho, cujo nome traduzo: até se dizia de *pelota!...*»

pelve

Pelvis. — No Pôrto diz-se *pelve* e já se encontra êste termo na anatomia de Soares Franco. — Cit. do Sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. Hosp. do Pôrto*, V. IV, 1910, p. 26.

peniciliose

V. ...*íase.*

perinéu *ou* perinêu

E não *períneo.*

periósseo, periósteo

Periósseo encontra-se, por ex., na *Zoologia* de Maximiano Lemos, e foi de lá que C. de F. o colheu para o seu Dicionário.

Periósteo parece, porêm, preferivel, pois nele entram inalterados os dois elementos περι, em volta, e οστεον, ôsso.

peritonéu *ou* peritonêu

Peritôneo. — No Pôrto diz-se *peritonêu* e San-

tucci escreveu *peritôneo.* — Cit. do Sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. Hosp. do Pôrto*, V. IV, 1910, p. 24.

peroneu

Correcção da forma errónea — peróneo.

plasmodíase

V. ...*íase.*

pleuris *ou* pleurisia *e* pleurítico

pleuresia *e* pleurético

Cf. *nefrítico* e *nefrético.*

podal

Podálico.

podendagra

Sífilis. — Duarte Rebello Saldanha (1761). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

Se lermos préviamente as considerações que fizemos sôbre a teoria humoral no artigo *gota* e reflectirmos na palavra *podagra* (de ποῦς, ποδος pé, ἄγρα presa), podemos conjecturar que assim como a *podagra* é uma fluxão articular nos pés, assim a *podendagra,* que melhor seria escrita *pudendagra,* será uma fluxão (?) do *pudendo* ou *partes pudendas* do homem ou da mulher, isto é, *sífilis?*

ponto de reparo

"*Point de repère.*—Ponto de mira, e não *partida*, ou de *reparo*, como temos visto escrito, e ouvido dizer.» —Da *Medicina Contemporânea* de 17 de Janeiro de 1892, artigo de João Semana Júnior.

portador

Em vez da expressão corrente: um doente com sífilis, com uma fractura, com varíola, etc., preferem muitas vezes os médicos esta outra: um doente *portador* de sífilis, *portador* de uma fractura, *portador* de varíola, etc.

Ainda aqui se faz sentir a influência francesa.

pneumomicose

Aspergilose do pulmão.

pneumonite

Pneumonia *ou* pneumonite. — Encontro esta palavra na dissertação inaugural do Sr. Prof. Augusto Brandão, *Do Maravilhoso em Medicina*, Porto, 1871.

polaciuria

Pollakiuria.

policlínica

«E não *polyclínica;* de πολις cidade + clínica. Tratamento dos doentes, ou ensino feito sôbre doentes não hospitalizados.» Roger, *Introdução ao estudo da medicina.*

* *Polyclínica* ou *policlínica.* — Prática da Medicina, aplicada à generalidade das doenças. (De *poly...* + *clínica*).

* *Polyclínico* ou *policlínico.* — Clínico, que trata das doenças em geral, *ou* que se não dedica especialmente a uma. (Cp. *polyclínica*).

Isto é o que diz C. de F. no *N. Dic.* — Roger, porêm, na *Introduction à l'étude de la médecine*, põe o leitor de sobreaviso contra a errónea escrita *polyclinique*, explicando que *policlinique* vem de πολις, cidade + *clinique* ⇐ κλινη, leito.

poples

s. f. Cavado popliteu. — Antonio Gomes Lourenço (1790-1794). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

poplítico *ou* poplíteo *e* poplítea

Em vez de *poplitêu* e *poplitêa*, como se diz em Lisboa. No Pôrto usa-se *poplíteo* e *poplítea*. Gomes Lourenço chama à *região poplítea, a poples;* e Santucci, *o poples* ou *o poplite.* — Cit. do Sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. Hosp. P.to*, v. IV, 1910, p. 24.

pranchetas

Objectos de penso. — Antonio Gomes Lourenço (1790-1795). — A *prancheta* reaparece em Antonio de Almeida (1825) a significar a camada de fios de aplicação análoga à da gaze nos pensos actuais. — Informação do Sr. Prof. Pires do Lima.

prega do cotovelo, do braço

Sôbre esta tradução do francês *pli du coude, du bras,* diz João Semana Júnior na *Medicina Contemporânea* de 17-I-92: "*Flexura, dobra, curva* e não *prega do cotovelo,* do *braço*„.

* preventório

«Os *preventórios* ou *dispensários de higiene social* visam a luta contra a tuberculose. Sob o ponto de vista higiénico ou profiláctico êles correspondem aos *sanatórios* como instituições de cura ou de terapêutica.

São do Dr. Calmette os períodos aqui transcritos:

«Os *preventórios* podem prestar grandes serviços à população operária das grandes cidades e devem ser considerados pelos poderes públicos como o instrumento mais prático, mais barato e mais eficaz da luta social contra a tuberculose.

«O seu fim é a assistência e a educação popular; consiste êle em *procurar, atrair* e *reter* por uma

propaganda activa, por conselhos judiciosamente dados, por meio de socorros, apropriados às necessidades reais e às circunstâncias, aqueles que, entre a gente privada de recursos, estão mais particularmente expostos ao contágio tuberculoso e os que já foram atingidos.» — João Saavedra, *Palestras Médicas*, p. 35 e 36.

procidencia

Prolapso. — Antonio Gomes Lourenço (1790-1794). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

pródromo

Diz-se entre nós correntemente — os pródromos da doença, isto é, os sintomas premonitores; vem do grego προ e δρομος curso.

Por coerência, quem diz *os pródromos da doença* deve também referir-se aos *síndromos*.

prostração

Abatimento, adinamia, amiostenia, aneurostenia, cansaço, fr. *courbature, lassidão, modorra, prostração* e *quebranto* são todos vocábulos que entre si teem relações estreitas.

prurigem

Prurigo.

psilologia

Andando a reler um trabalho do Sr. Prof. Sousa Júnior sôbre *A Peste na Ilha Terceira*, lá se me deparou esta passagem:

«Houvemos de abalançar-nos um pouco a entomologistas, bebendo noções elementares de pulicilogia (será assim que deve formar-se o neologismo?)...»

Não — respondo eu. Não me consta que até hoje se tenha empregado qualquer vocábulo para designar o *estudo das pulgas*.

Mas se acaso os progressos das Sciências Naturais ou os da Higiene tornarem necessária ou cómoda uma palavra para designar aquele estudo, aconselharão decerto os filólogos que essa palavra se não forme híbridamente de elemento latino *(pulex, icis)* e outro grego (λογος tratado) — *pulicilogia;* mas sim de dois elementos gregos (ψυλλα, ης pulga, λογος tratado) e daí *psyllologia,* ou *psilologia,* à moderna.

pterigoídeo *ou* pterigoide

Pterigoidêo, *ou,* melhor, pterigoideu.

pube

Pubis. — Santucci dizia *a pubes.* — Cit. do Sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. dos Hosp. do Pôrto*, Vol. IV, 1910, p. 24.

pulicilogia

V. *psilologia.*

puncionar, punçar

Segundo João Semana Júnior *(Medicina Contemporânea*, n.º 3, de 17-1-92) diz que o francês *punctionner* deve traduzir-se por *punçar* ou *ponturar* e não *puncionar,* como é corrente fazer-se.

4 (o número)

«A doutrina dos antigos, no que dizia aos temperamentos, concordava com os outros dogmas humorais; e mesmo era adaptada aos princípios cosmogónicos ou filosofia da sua idade — 4 humores — 4 temperamentos — 4 estações — 4 sortes de climas — 4 idades.» — A. F. Braga, *Instituições*, p. 58.

quebranto

V. *prostração.*

raclage

«O seu... artigo sobre *curettage* e *raclage* despertou a minha atenção, ou, melhor, veio resuscitar no meu espírito a já apagada ideia, que, há tempos tive, de lembrar a quem para isso tivesse conhecimentos e autoridade, a vantagem que adviria para o ensino das sciências médicas, dum vocabulário bem

português e uniforme para as suas escolas e Universidade.

«O sr. prof. T. da Silva saiu briosamente a campo, e ainda bem que a fez com a sua muita autoridade.

Se V. julgar dignas de publicação as linhas que lhe remeto e que despretenciosamente foram escritas com o fim de chamar a atenção dos competentes para um assunto interessante e de valor, não me despedirei de vez de tão atraente matéria e, em todo o caso, subscrever-me-hei... De v., etc. João Semana Júnior» (*Medicina Contemporânea*, n.º 50, de 13-12-911).

rala, sarrido, estertor

A palavra francesa *râle* com que Laennec designava os ruídos respiratórios anormais descobertos pela auscultação tem tido várias traduções: *estertor, ronquido, fervor, murmúrio, ruído, bulhas, sonido, soído*...

Chegou-se mesmo a aportuguesar a palavra e é corrente o emprêgo do francesismo *rala*.

Subscrito pelo pseudónimo A. Cirrhado que, como dissemos, julgamos ser o ilustre professor Ricardo Jorge, publica a *Medicina Moderna* num dos seus números de Janeiro de 1892, um brilhantíssimo artigo, em que são discutidas essas diversas versões portuguesas do vocábulo francês.

E conclui:

«Ora aqui teem *estertor* e *sarrido*, traduções vernaculas do *râle* francês de Laennec...»

E depois sôbre o emprêgo do francesismo *rala:*

«Não compreendo porque desdenharam os buscadores de boa terminologia médico-lusitana êstes dois castiços portuguesismos; e muito menos perceberei depois que se encarnicem contra a palavra quási corrente *rala,* aportuguesadamente tornada ao francês. *Râle* não foi presente vindo do céu para as Gálias. Deriva do velho radical germânico de que todos se utilizaram: franceses, alemães, ingleses, italianos. Ora ninguêm nos tolhe bebermos na mesma fonte.

Mas sem forragear léxicos de alto ou baixo alemão, de linguagens novas ou velhas, tambêm cá por casa arranjaríamos a que nos arrimar para dizer *rala* sem grave ofensa do lusitanismo.

Lá vai com toda a vénia: *Ralar,* no sentido de *ralar pão* ou *queijo,* exprime um acto, acompanhado de um ruído de atrição, e há umas poucas de palavras semelhantes, de etimologia confusa e que talvez estejam ligadas por êste laço onomatopaico. Assim, chama-se *raleira* a uma espécie de galinha de água a que os italianos chamam *rantolo; ralo* é um insecto muito conhecido que canta um pouco como o grilo; e *rela* chamam a uma rã de terra e a um instrumento de espantar pássaros das sementeiras».

No artigo *Medicina litteris,* I, *in* «Med. Cont.», 1892, p. 22.

raspagem *ou* raspadura

«Estudamos por livros franceses; recebemos, so-

bretudo de França, nomes novos, que sem maior exame adoptamos; uns necessários, por não haver na nossa língua termo correspondente, outros que fácilmente traduziria — até com facilidade — quem quisesse aplicar-se um pouco a isso.

Mas andam os médicos geralmente tam fora de questões filológicas que temos por êsse motivo a mais caótica tecnologia scientífica; chega a ser bárbaro, tam pouco critério determina a escolha dos termos. Cá nos vamos entendendo, porêm. E é isto mais um sintoma de quão pouco cuidamos em conservar autonomia de idioma que não é dos menores característicos das nacionalidades. A educação nas altas classes sociais, sobretudo das senhoras, ensina-lhes tudo, menos a falar português: mestra inglesa, criada alemã, teatro italiano, orações e sermões em francês, leituras de todas as línguas menos da nossa, dão êsse misto poliglota que se ouve por muitas salas.

Nada admira pois que de igual pecha sofra a linguagem médica; raros mesmo conhecem a verdadeira terminologia portuguesa.

De *raclage* fizemos *raspagem;* melhor, *raspadura* pronunciam médicos mais eruditos. Nem uma nem outra, porêm, indica exactamente o acto, que em caso especial de limpar cavidades se chama, ainda em francês, *curettage.*» — *Med. Cont.*, 1891, p. 367.

rechaço

V. *ballotement* e *embalanço.*

rosnadura de gato

«*Frémissement cataire. Rosnadura de gato* (L. Leitão), *rosnar gatesco* (Braga), *tremor de gato* (S. Franco). Nada mais de 3 gatos — e de boa procedência — para escolher.» J. Semana Júnior, *Medicina Contemporânea,* n.º 50, de 13-XII-1892.

Na Faculdade do Pôrto ouvi sempre traduzir *frémito catário.*

sacabalas

Pinça para extrair balas. — Antonio Gomes Lourenço (1790-1794). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

sacarismo

«Neologismo que pode passar a ter foros scientíficos, e que me parece poder justamente ser lançado como tradução de *sucrisme.* Sôbre *sacarismo* — caso não prefiram *açucarismo* — lerão V. Ex.as as notas que seguem.

O Dr. Paulo Carton, médico-adjunto do Sanatório de Brévannes (Sena e Oise), põe-nos ao par dos inúmeros inconvenientes que pode ter o abuso (e até o uso) do açúcar industrial; informa-nos, enfim, de que um flagelo a colocar ao lado do *alcoolismo* e do *carnivorismo* é o — *sucrisme;* — traduzam V. Ex.as como melhor lhes aprouver».

António Barradas, *Palestras Médicas,* pag. 185.

O sr. Dr. Amílcar de Sousa perfilhou a palavra num dos seus últimos artigos no *Vegetariano.*

sânia

Todos os dicionários registam *sânie,* e não mencionam a forma *sânia* empregada por Fialho de Almeida. Esta parece-nos aceitável semelhantemente à *cária,* usada em vez de *cárie* por muitos dos nossos médicos antigos.

sarampo indico

Sífilis. – Duarte Rebelo Saldanha (1762). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

sarcopsilíase, sarcoptíase, sarcosporíase, schaudinníase

V. ...*íase.*

sarja, sarjar

Sarja — Incisão. — Manuel de Sá Mattos (1788).

Sarjar — Abrir, desbridar (uma bcesso, etc.). — Antonio Ferreyra (1705). — Informações do Sr. Prof. Pires de Lima.

sarna das Hespanhas

Sífilis. — Duarte Rebello Saldanha (1762). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

sarrido

V. *rala.*

sedenho

A. F. Braga, *Instituições*, 25.

semiologia

E não semeiologia.

* senilismo

V. *atardados*.

sezonismo

« Em comunicação dada à Sociedade das Sciências Médicas em 1901 propusemos êste neologismo. É de derivação genuinamente portuguesa, e exprime a doença pelo fenómeno especial da sua manifestação que é a *sezão*. Não envolve nenhum prejuízo etiológico, como os outros termos correntes de *malária*, *impaludismo*. ¿ Estará assim legitimada a sua adopção por bocas portuguesas ?

O embargo tam sómente da afrancesada rotina de dizer *paludismo* e *impaludismo* — um êrro hoje crasso de linguagem, pois a *palude* pode não causar febres e estas não provirem da *palude*. Habituados a pensar e a falar à francesa, nem demos tento de que as nações de primado scientífico não usam tal vicioso vocábulo. Perfilharam o italiano *malária*, têrmo que envolve o antigo conceito da malignidade e corrupção do ar, mas que também não desajusta de todo à noção do mosquito que maleficia o ar dos lugares doentios. *Malária* é palavra usável, e hoje cosmopolita.

Paludismo não tem por onde se lhe pegue; só pode exprimir uma qualidade telúrica, o estado palustre. *Sezonismo* é por todas as razões preferente. O vocábulo *sezonático* êsse é até corrente e popular». — Ricardo Jorge, *Sôbre o estudo e o combate do sezonismo em Portugal,* Coimbra, 1903.

sífilis

Esta palavra tem uma etimologia muito discutível e muito discutida. Derivam-na uns de σῦς porco, φιλεῖν amar — amor imundo; outros de σὺν com, φιλειν amar. Finalmente Fracastor propõe o étimo σίφλος odioso.

Sinónimos antigos desta palavra são *morbo gálico, lues venerea e mal luético.* Sinónimo ultra-moderno é a *avaria* ou *avariose* que os franceses criaram, como de direito podem fazer no que é seu de nação *(mal francês).*

Vérole lhe chamam também os franceses em ar de facécia. *Petite vérole* é a varíola (lat. medieval *variola (?);* lat. *varus (?)*, francês antigo *vair* variado; cp. Vénus vária). *Grosse vérole* é a sífilis.

A propósito desta identificação da sífilis com a varíola, compare-se o facto de a sífilis ter sido chamada pelo nosso escritor médico Duarte Rebello Saldanha (1762), *bexiga indiana.*

Como quer que seja o nome latino da doença é *syphilis, syphilidis.* Do nominativo latino derivamos nós e os espanhóis e os franceses *sífilis* ou *syphilis;*

do acusativo derivaram os italianos *sifilide*. Mas o nome *syphilide* não deixa de aparecer também em português; aparece, por exemplo, em Duarte Rebello Saldanha (1762) (informação do Sr. Prof. Pires de Lima); *syphile* encontrei várias vezes na *Gazeta Médica do Pôrto* (pags. 9, 128, 283, vol. VI, 1852).

A terminação da palavra *sífilis* não é terminação de palavra popular portuguesa. Já sôbre êsse assunto fiz considerações (*Vida Médica e Scientífica* n.º 12). Comparem-se *talis* → tal, *débilis* → débil, *pelvis* → pelve, *bilis* → bílis *ou* bile, *pubis*, *rachis*, etc., etc.

Pretendem os nossos filólogos que de *bilis* deve derivar *bile* e portanto de *syphilis* → *sífile*. Mas creio eu que esquecem que do latino *lapis, idis* veio *lápide* e veio também *lápis*. Esta palavra, em que pese aos ditos filólogos passou já ao uso popular e ainda não evolucionou para *lape*... O povo diz *lapes*. ¿Não virá êle também a dizer *biles*, *pubes*, *raques*, se um dia estas palavras se vulgarizarem? E isto dá-nos a vantagem de continuarmos nós a escrever *bílis*, *púbis*, *ráquis*, *sífilis*, embora se pronunciem *biles*, *pubes*, *raques*, *sífiles*, análogamente ao que sucede com *lápis*, *militar*, *feminino*, *ministro*, *vizinho*, etc., que todos escrevemos assim e todos pronunciamos mais ou menos *vezinho*, *menistro*, *femenino*, *melitar*, *lapes*...

A palavra *sifilide* tem em português e castelhano outro significado, assim como *syphilide* em francês: é qualquer manifestação cutânea da sífilis (excepto o cancro). Cp. *artrítide*, *efélide*, *tubercúlide*, e *péstide*, proposto por R. Jorge.

simples

Pop. Débil mental.

sindroma

Quem diz que a cefaleia é um *sindrôma* de muitas doenças, deve tambêm, por coerência, dizer que ela aparece como *prodrôma* de algumas.

syphile

Artigo sôbre tratamento da syphile. *Gaz. Med. do Pôrto,* tômo v, 1849, p. 91.

Outro sôbre *Syphile nas crianças,* idem, idem, p. 142.

sobernal

V. *surmenage.*

sobreparto

Trad. do fr. *suite-de-couches.* — No Pôrto diz-se *posparto.* — Cit. do Sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. Hosp. do Pôrto,* V. IV, 1910, p. 24.

O Sr. Prof. Cândido de Pinho, no seu *Programa da 6.ª cadeira (Obstetrícia)* escreve os seguintes títulos de lições: 23.ª — Seqùelas fisiológicas do parto 24.ª — Seqùelas patologicas.

solário

Já fizemos considerações várias sôbre o sufixo ... *arium* latino, que deu em português ... *ário*.

Digamos agora que visto estar hoje a ter grande voga a helioterapia, justo é que se faça ressuscitar a palavra latina *solarium*, bem como o estabelecimento que êle designa.

Entre os romanos o *solarium* era o recinto em que eram expostos à luz do sol os reumáticos.

solitária, bicha solitaria

V. o que sôbre êste vocábulo ficou dito, p. 35 e 36.

sucussão

V. *ballottement*.

suor anglicano

Trad. de *suette miliaire*. — Manuel de Sá Mattos (1788). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

suor miliar

Trad. de *suette miliaire*. — José Manuel Chaves (1790). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

sura

Barriga da perna, *mollet.* — Bernardo Santucci (1739). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

O Dr. Francisco de Castro, médico brasileiro, propõe *panturrilha.*

surmenage

Para traduzir a palavra *surmenage* propôs um médico brasileiro o vocábulo *ergastenia* ⇐ gr. εργον trabalho, α priv., σθηνος fôrça.

Registou êste alvitre na sua gazeta — *A Medicina Moderna* — o sr. dr. Ferreira de Castro, e para o facto teve a bondade de chamar a minha atenção.

Plácido Barbosa nas *Notas sôbre a terminologia médica portuguesa* propõe a tradução *estazamento.*

Finalmente, no *Novo Dicionário* de Cândido de Figueiredo encontro: * Sobernal *m.* Trabalho excessivo (que os franceses designam *surmenage).* Cf. G. Viana, *Apostilas.* Lat. hip. *supernalis,* de *supernus.*

Já algumas vezes empreguei esta tradução, pois dou a êste último vocábulo a preferência. O facto de êle ter uma sílaba inicial semelhante à do vocábulo francês é para êle uma condição de êxito e se os professores o começarem a empregar, a fortuna dêste vocábulo será rápida.

tampão, tamponamento

"*Tamponnement.* — *Tampão* diz-se, escreve-se,

lê-se e decora-se. Porquê? Alèm de nada eufónico, o vocábulo nem é português, nem exprime ou dá ideia da operação, que pretende designar. E, contudo, temos, em bom português, um têrmo que traduz bem a palavra francesa: é *arrolhamento.* — Parece até impossível que não tenha lembrado (que eu saiba) a tantos ilustres médicos, que escrevem para a imprensa... Pois a primitiva tradução dizem que é do sr. Lopo Vás...» — *Medicina Contemporânea* de 17-1-1892, artigo de João Semana Júnior.

tenta

Sonda, estilete. — Antonio Ferreyra (1705). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

terçol

Antonio d'Almeida diz *torção.* Cit. do Sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. Hosp. Pôrto,* vol. IV, 1910, p. 24.

termostábil

Chama-se *termostábil* qualquer substância sensibilizadora dos sôros antimicrobianos que resista ao calor; ao passo que a *alexina,* substância celulicida e bactericida própriamente dita, é pelo contrário destruída pelo calor, o que lhe fêz dar o nome de *substância termolábil.*

Alíbil, termolábil e *termostábil* são formas eruditas e alatinadas. Temos na linguagem corrente poucos nomes com esta desinência ... *bil: hábil, débil, móbil,* etc.

tifoideu, tifoideia

Estado typhoideo. — A. F. Braga, *Instituições,* p. 28.

Febres typhoideas. — Idem, ibidem, p. 29.

tira, tira fendida

Compressas usadas nas amputações. — Antonio de Almeida (1825). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

tísica

Conheço três únicas escritas legítimas desta palavra, que derivamos do grego φθισις (P'T'ISIS) *phthisica, thisica, tísica* — e conheço uma mais corrente do que qualquer daquelas, mas que só tem o defeito de ser errada — *tysica.* Não há na palavra grega qualquer *υ* que justifique o y em português.

A palavra com a sua forma grega *phthisis* chegou a ser usada, entre outros, por A. F. Braga, *Instituições,* p. 66: «.....a menstruação parava, e dai a outro mês ou dous estava a phtisis declarada:.....».

* toque, * tocar

A operação, que correntemente o parteiro ou o

ginecologista praticam de *fazer o toque* ou *tocar* uma mulher, consiste em introduzir o dedo indicador na vagina e com a sua extremidade palpar, investigando o colo do útero, fundos-de-saco vaginais, bôlsa de águas, etc.

Não encontro estes vocábulos nos Dicionários.

torcicolo

Torticolis.

toxicidade, toxidez

Do adj. *tóxico* deriva o subst. *toxicidade*, como de (hidrogénio). *básico* se fêz *basicidade* (dos ácidos).

Creio mesmo que o Sr. Aquiles Machado criou a palavra *acididade*, derivada de *ácido*, mas que não significa o mesmo que *acidez*.

As palavras terminadas dêste modo, são derivadas de subst. terminados em ... *do*.

Por confusão, tem-se suposto que entra na formação destas palavras um falso sufixo ... *dez*, que tem servido para artificialmente formar outras palavras.

Exemplo: *toxidez*. De *tóxico* usa-se muita vez a abreviatura *toxi*: — *toxi-infecção*, *toxi-hemia*, etc.

Acrescentando ao elemento *toxi*-... o falso sufixo ... *dêz*, formou-se a palavra *toxidez*.

Empregou-a o Professor da Faculdade de Coimbra, sr. Elísio Moura, na sua dissertação inaugural para o acto de conclusões magnas na Faculdade de

Medicina, que intitulou *A Toxidez da Urina*, Coimbra, 1902.

* toxicomania

«Além das intoxicações voluntárias, já banais e em que ninguêm repara, tão conhecidas de todos nos seus efeitos e na sua génese, quais sejam o envenenamento diário pelo *alcool*, pelo *tabaco* e pelo *café*, temos ainda várias outras, desconhecidas por agora entre nós, mas que a civilização nos trará fatalmente um dia, junto com as suas belezas e as suas degradações.

Toxicomania é a impulsão irresistível, a necessidade imperiosa de nos intoxicarmos lenta e progressivamente, de viver sob a acção contínua das sensações anómalas que o veneno em nós produz.

Não é costume englobar o *alcoolismo*, o *tabagismo* e o *cafeísmo* sob a designação de toxicomania, mas é justo que assim se faça, pois que a nenhuma daquelas intoxicações crónicas, voluntárias e imperiosas, falta a característica fundamental das outras toxicomanias.» — João Saavedra, *Palestras Médicas*, p. 5 e 6.

* trabalho de parto

Conjunto dos fenómenos mecânicos e dolorosos que constituem o parto.

tragadeiro

Designação antiga do *esófago*, que muito bem

exprimia a sua missão. — V. Maximiano Lemos, *Zoologia*, Pôrto, 1906.

traqueia

Trachea.

treponemíase, tricocefalíase, tricomicose, tricosporose, tripanosomíase

V. ... *íase.*

tripanosômo

Trypanosoma.

triquiníase

Preferível a *triquinose.*

V. ... *íase.*

trocarte

Esta palavra assim se encontra, com esta forma, em Antonio Gomes Lourenço (1790-1794). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

úmero

Se toda a gente já começa a escrever *ombro*, justo é que por coerência se comece a escrever, nomeadamente nos livros de ensino, *úmero* e não *húmero.*

uncinaríase

O mesmo que *ancilostomíase.*

Forma preferível a *uncinariose.*

V. ... *íase.*

uréter

Uretér. — No Pôrto diz-se *uretér*, e já assim escrevia o grande cirurgião Antonio d'Almeida; em Lisboa diz-se *uretéro*. Fonseca Henriques prefere *uretera* e Santucci *uretere*.—Citação do Sr. Prof. Pires de Lima.

... úria *ou* ... uría

A pronúncia *albuminúria*, que é corrente e já hoje será difícil de substituir, bem como *anúria*, *hematúria*, etc., levou o *Dic. Term. Tecn. Med.* a preferir a forma de esdrúxula para todas as palavras análogas, isto é, terminadas em ... *uria*.

Assim se escreveu *acetonúria*, *albumosúria*, *alcaptonúria*, *amoniúria*, *anaglicosúria*, *anazotúria*, *anisúria*, *aniscúria*, *anúria*, *arenúria*, *azotúria*, *bacilúria*, *bacteriúria*, *calciúria*, que estão de acôrdo com êsse princípio.

V. ...*ia (a terminação)*.

ventas

Fossas nasais. — José Manuel Chaves (1790). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

vergão

Trad. do fr. *vergeture*. — O têrmo *vergão* é usado no Pôrto (vergões da pele do abdómen nas multípa-

ras). — Cit. do Sr. Prof. Pires de Lima, *Gaz. Hosp. Pôrto*, vol, IV, 1910, p. 24.

viável, vitável

É corrente o emprêgo em português da forma *viável*, tradução do francês *viable*, na acepção de *apto para a vida*, referido ao feto.

Na *Medicina Contemporânea* de 10-I-92 o prof. Teotónio da Silva emite a opinião de que é preferível adoptar-se em português a forma *vitável* — de *vita habilis*, que julga ser a tradução perfeita de *viable*, derivado de *vie*, vida. Daí o termo — vitabilidade.

O Prof. Ricardo Jorge objecta, porêm, que a palavra latina *vitabilis* significava *evitável* e que portanto em legítimo português só aquele significado podemos atribuir à palavra *vitável*.

V. *vitabilidade*.

vitabilidade

«O Sr. Dr. Ricardo Jorge, ilustre professor-director da Faculdade de Lisboa, que de tantos e tam bem achados neologismos tem enriquecido a nossa língua, observa-nos que já hoje não perfilha a *vitabilidade* na acepção em que a empregou na sua *Higiene Social*, e que nós citámos na *Vida Médica e Scientífica*, número de Dezembro de 1913.» A. B., *Portugal Médico*, Fevereiro, 1915.

vitiligem

Vitiligo. Cf. *impetigem, impetigo.*

zirbo

Grande epíploon. — Antonio Gomes Lourenço (1790-1794). — Informação do Sr. Prof. Pires de Lima.

Nota. — Este trabalho devia terminar com uma indicação alfabética dos termos médicos franceses cuja tradução se encontra no *Dic. Term. Tecn. Med.*

Devia além disso inserir uma longa lista de palavras ou elementos gregos que entram na formação dos termos médicos. — A precipitação com que teve de ser concluído não o permitiu.

CONCLUSÕES

Notar-se-há que nesta tese muitas vezes se não encontre dada a solução das questões propostas.

É que precisamente o intuito basilar dela é propor um problema, e não resolvê-lo. É pô-lo nos seus justos termos e apresentá-lo, para deixar a sua solução ao cuidado dos competentes.

Não quisemos armar em legislador mas apenas apontar alvitres. Desta questão de linguagem médica que, por assim dizer, eu me proponho fazer renascer, ainda não há o uso, e só êle pode fazer lei.

Mas como mal pareceria não apontar ao menos um alvitre, êle aí vai, como afigurando-se-me da mais fácil e comezinha realização: Para resolver o problema da terminologia médica portuguesa não se faria mister a reunião de um congresso nacional. Bastava que anualmente se ajuntassem em conferência os professores das três Faculdades. Bastava talvez até fazer reuniões parciais, em grupos; nas férias, em Agosto ou Setembro, durante uns breves oito dias, reunir-se-iam nas margens do Douro, do Tejo ou do Mondego os três ou seis professores de Anatomia e trocariam

impressões sôbre nomenclatura e assim se poderia acabar com a pecha inconcebível, e certamente sem paridade em qualquer outra nação culta, de o mesmo órgão anatómico ter nome diferente nos três centros anatómicos do país; confrontem-se *peróneo* e *peroneu, fundo-de-saco* e *betesga, pé-de-pato* e *pata-de-ganso,* etc., etc., etc.

O mesmo fariam os professores dos outros grupos, e, quando sentissem que deviam recorrer às luzes dos filólogos, mal lhes não ficaria dirigirem consultas a Carolina Michaëlis de Vasconcellos, a Adolfo Coelho, a J. J. Nunes, a Gonçalves Guimarães, a António de Vasconcelos ou a Cândido de Figueiredo, com a vantagem de poderem ter junto de cada conselho filológico de Lisboa ou de Coimbra um auditor médico, que podia ser, respectivamente, José Leite de Vasconcellos e A. A. Cortesão. Para o norte aponto o nome de Cláudio Basto.

A quem quer que acusasse êste livro de ser pouco médico, era fácil demonstrar o contrário. Êle dá até mesmo um impulso à medicina, de par que dá outro impulso às letras. *Medicina litteris...*

Tive algumas vezes, ao colhêr exemplos de palavras com certas terminações, de traçar mesmo o catálogo de todas essas palavras, fazer espécie de dicionários de rimas da linguagem médica; quando dizemos *albuminúria, glicosúria, azotúria,* vamos rememorando tudo o que a urina nos pode revelar de produtos de desassimilação; é o mnemonizar de um

conhecimento médico; quando falo nas *distomíases*, *ancilostomíases*, *filaríases*, estou a repetir o capítulo *Protozoarios* da Patologia Geral. Quando, porêm, digo *baciloses*, *cocoses*, *actinomicoses*, não faço mais do que a revisão das bactérias que podem infestar o corpo humano.

O estudo da linguagem médica pode, quando bem encaminhado, ser de relevante auxílio ao professor de medicina; é portanto ainda uma obra de pedagogia, posso afirmá-lo afoitamente, esta que aqui fica esboçada.

É até certo ponto semelhante ao que se dá com a História da Medicina; que sem ser próprìamente um estudo médico é dos de mais fecundos resultados e do mais valioso esclarecimento para a medicina.

E ¡que alta propedêutica de racionalização do espírito e das ideias não é o reparar nos erros e incoerências da linguagem médica! Quando pensamos que se diz *autósito* e *parasita* e que outros dizem *autosita* e *parásito* temos o desejo de pôr ordem nisto; ao reflectirmos na incoerência de pronunciar *pródromo* e *sindroma*, a nossa mente ganha novo desejo de rigor e precisão.

Assim, a Medicina, e o seu ensino, tendo ao seu serviço uma linguagem regular e organizada, ganhavam com isso facilidades grandes, como se nota, por ex., na Química, que sob êsse ponto de vista, se adeantou já muito, pois tem hoje uma nomenclatura expressiva e precisa, com o que muito lucra o seu aprendizado.

Portanto, termino a minha tese com as seguintes

Conclusões e votos

A Linguagem Médica de Portugal e Brasil está caótica, incoerente e mal sistematizada;

Urge pôr côbro a êste estado de coisas até onde fôr possivel;

No Brasil há bastante gôsto pelos estudos desta natureza, o que facilita a tarefa;

Em Portugal há um quási absoluto desprêzo pela questão, o que se revela na raridade de artigos desta especialidade nas revistas médicas, e no desprêzo da correcção e pureza de linguagem, quer sob o ponto de vista morfológico e fonético, quer sintáctico, que se revela nas teses de medicina, nos artigos de revistas e até nos poucos livros didácticos que raros professores escrevem;

A maneira mais prática de começar a resolver a questão seria: 1.º o Ministro da Instrução tomar a iniciativa de convidar os professores das 3 Faculdades a reuniões anuais, em que lançassem as bases de uma uniformização da nomenclatura e terminologia da Medicina, para o que podiam agregar um corpo consultivo de filólogos; 2.º inscrever o grego no quadro dos preparatórios médicos.

*
* *

O ideal na linguagem ainda é, como tam esclarecidamente viu o genial espírito de Broca:

— Que chaque chose ait un nom, et que chaque nom ne désigne qu'une seule chose.

BROCA.

NOTA FINAL

Para a realização dêste trabalho contribuiram, mais ou menos directamente, valiosos auxílios:

O Sr. Prof. Maximiano Lemos, a quem devo, bem como a sua família, inesqueciveis benefícios e carinhoso acolhimento, quis ainda fornecer-me preciosas indicações para as consultas que tive de fazer.

O Sr. Prof. Pires de Lima, além do incentivo que sempre me tem dado para o prosseguimento dos meus estudos de linguagem médica, concedeu-me facilidades grandes para a consulta de numerosas obras na biblioteca da Faculdade, e valiosas informações e esclarecimentos, colhidos na sua vasta leitura de autores médicos, quer para o Dicionário, quer para êste trabalho.

Ao Sr. Prof. Roberto Frias, a cujo brilhante talento e altas qualidades de prelector e de clínico já de há muito me acostumei a prestar homenagem, folgo de agradecer agora a honra concedida de presidir à minha tese.

Ao prezadissimo amigo Dr. João Saavedra, cuja colaboração diligentíssima no *Dic. Term. Tecn. Med.* uma prolongada doença tem feito interromper, devo o concurso de valiosíssimos apontamentos, que não contentes de serem precioso fundo de consulta do *Dic. Term. Tecn. Med.*, ainda para esta obra trasbordaram relevante subsídio. Votos faço pelo seu rápido regresso à vida activa.

Ao inteligente e estimado colega Dr. Vítor Ramos sou devedor de alguns conselhos e alvitres amigos, que não são mais do que o reflexo da colaboração infatigável com que desinteressadamente êle se tem prestado a substituir no *Dic. Term. Tecn. Med.* o colega João Saavedra.

Os meus bons amigos quintanista Hernâni Barrosa e terceiranista Alberto Saavedra, fizeram larga colheita de termos por livros e revistas de medicina, facilitando assim muito a minha tarefa.

A todos GRATIAS AGAMUS.

*

Começou a ser escrita esta tese a 1 de Julho de 1915.

Imprimiu-se a 1.ª folha em 7 do mesmo mês; a última a 17.

Aos Srs. Lemos & C.a, proprietarios da Tipografia e ao Sr. Joaquim Vieira da Silva, seu director, bem como ao restante pessoal gráfico, que dedicadamente se esforçaram por que o trabalho se ultimasse em curto prazo, muitos agradecimentos.

*

Deve ser defendida esta dissertação no dia 28 de julho de 1915 perante um júri a que presidirá o Sr. Prof. Roberto Frias e em que serão argùentes os Srs. Profs. Candido de Pinho e Pires de Lima.

ABREVIATURAS

* (asterisco), anteposto a um vocábulo, designa que o não encontrei ainda registado, pelo menos na acepção em que o tomo, no *Novo Dicionário* do sr. Cândido de Figueiredo.

⇐ Indica que a palavra que está antes deriva da que vem depois do sinal.

A. B. — António Barradas.

C. de F. — Cândido de Figueiredo.

Cir. — Cirurgia,

Cit. — Citação.

Dic. — Dicionário.

Dict. — Dictionnaire.

Dic. Term. Tec. Med. — Dicionário dos Termos Técnicos de Medicina.

f. — feminino

G. D. — Garnier & Delamare — *Dict. Term. Techn. Méd.*

m. — masculino.

Med. — Medicina.

N. Dic. — Novo Dicionário da Lingua Portuguesa, de C. de Figueiredo.

s. — Substantivo.

V. — Veja.

Vol. — Volume.

BIBLIOGRAFIA

BARBOSA (Plácido) — *Notas sôbre a terminologia médica portuguêsa* — Rio de Janeiro, 1906.

BARRADAS (António) — *Nomenclatura anatómica portuguesa — Vocabulário anatómico em três línguas: latim, francês e português.* — I. *Osteologia* — Separata dos n.os 8, 11 e 12, 4.º ano da *Gazeta dos Hospitais do Pôrto* — 1910.

BASILIO (Dr. Pedro António) — *Vícios da nossa Linguagem Médica* — Dissertação apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro — 1904.

BASTO (Cláudio) — Nótulas ao «Novo Dicionário» — 2 vols. — Viana do Castelo, 1914-1915.

BRAGA (António Ferreira) — *Instituições de Pathologia Geral* — Porto, 1840.

FERREIRA (João) — V. *Gazeta Médica do Porto.*

FERRIO (L.) — *Terminologia clínica* — 2.ª ristampa — Torino, 1909.

FIGUEIREDO (Candido de) — *Novo Diccionário da Língua Portuguesa* — Nova ed. — Lisboa, 1913.

FIGUEIREDO (Candido de) — *Vicios da Linguagem Médica* — Lisboa, 1910.

GARNIER (M.) et DELAMARE (V.) — *Dictionnaire des Termes Techniques de Médecine* — 5.ª ed., Paris, 1912.

GOMES (Bernardino Antonio) — *Ensaio Dermosographico*, Porto.

GONÇÁLVEZ-VIANA (A. R.) — *Apostilas aos Dicionários Portugueses* — Lisboa, 1910.

GONÇALVES VIANA — *Vocabulário ortografico e remissivo da língua portuguesa* — Lisboa, 1911.

HAUER (A.) e DUQUE (H.) — *Diccionario Medico Alemão-Portuguez* — Rio de Janeiro.

JORGE (Arthur Ricardo) — *Biomorphoses* — Dissertação apresentada à Faculdade de Medicina de Lisboa — 1909.

JORGE (Ricardo) — *O Mal do Bicho*, Lisboa, 1909.

LEITE DE VASCONCELLOS (José) — *A Evolução da linguagem — Ensaio antropológico* — Dissertação inaugural apresentada à Escola Medico-Cirurgica do Pôrto — 1886.

LEMOS (Maximiano) — *Zoologia* — Porto. 1908.

LIMA LEITÃO — *Diccionario das Sciencias Medicas*, Lisboa, 1839.

Ficou incompleto. — Não consegui consultar, nem sequer ver, êste Dicionario — A. B.

MATTOS (Julio de) — *Elementos de Psychiatria.* — Porto, 1910.

MOTTA (Eduardo Augusto) — Lições de Pharmacologia e Therapeutica — 3.ª ed., Lisboa, 1901.

Pharmacopêa Portuguesa — Lisboa, 1876.

RAMIZ GALVÃO — *Vocabulario Etymologico, Orthographico e Prosodico das palavras derivadas da lingua grega* — Rio de Janeiro, 1910.

RIBOT (Teódulo) — *As Doenças da Memória* — Lisboa, 1915.

RODET (P.) — *Nomenclature anatomique en quatre langues: latin* (nomenclature de Bâle), *français, anglais, esperanto.* — Paris, 1910.

RODRIGUEZ-NAVAS (M.) — *Diccionario Completo de la lengua Española* — Madrid, 1911.

ROGER — *Introduction à l'étude de la Médecine.* — Paris.

SAAVEDRA (Alberto) — *Linguagem Médica Popular.* Separata do "*Portugal Médico*„ — Pôrto, 1915.

SAAVEDRA (J.), BARRADAS (A.) — *Palestras Médicas* — 200 pag. — Porto, 1914.

SAAVEDRA (João) e BARRADAS (António) — *Dicionário dos Termos Técnicos de Medicina* — 1.º tomo — A-D. — 160 pag. — Pôrto, 1913-1915.

SERRANO (J. A.) — *Tratado de Osteologia Humana* — Lisboa, 1895-1897.

SOUSA JÚNIOR — *A Peste na Ilha Terceira* — Cartas dos Açôres — *Gaz. Hosp. do Pôrto*, 1913.

SOUSA MARTINS (J. T.) — *Nosographia de Anthero* — No «In Memoriam».

STEDMAN (Th. L.) — *A Practical Dictionary* — London, 1911.

VASCONCELLOS DE QUEIROZ — *Vicios da nossa Linguagem Médica* — Tese apresentada à Faculdade de Medicina da Bahia.

JORNAIS, REVISTAS, ANAIS E MEMÓRIAS

Anuário da Faculdade de Medicina do Pôrto — Anos de 1907 a 1915.

Gazeta dos Hospitais do Pôrto — 7 anos — 1907 a 1913 — Redactores: Maximiano Lemos, Dias de Almeida, Sousa Júnior, Pires de Lima.

Gazeta Medica do Porto — Periodico de Medicina, Cirurgia, Pharmacia e Sciencias Accesorias, redigido por Januario Peres Furtado Galvão, Luiz Antonio Pereira da Silva e João Ferreira da Oliveira — Tomo I — 1843.

Redigido por J. P. F. Galvão e J. F. S. Oliveira — Tomo II — 1844.

Idem — Tomo III — 1845.

Idem — Tomo IV — 1846.

Publicada por J. Ferreira — Tomo V — 1848-1849.

Idem — Tomo VI — 1852.

Redigido por José Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio — 1.º ano — 1860.

Boletim da Sociedade de Medicina e Cirurgia — Comissão de redação: Maximiano Lemos, Carlos Lima, Perry de Sampaio, António Andrade, Luís Viegas, Clemente Pinto, Evaristo Saraiva, Ramos de Magalhães — 3 vols. — 1897, 1898, 1899, 1900.

Medicina Contemporânea — Hebdomadario Portuguez de Sciencias Medicas. Publicado sob a direcção de Fragoso Tavares, Miguel Bombarda, Belo Morais, etc.

Colaboradores: Profs. Teotonio da Silva, Bettencourt Raposo, J. A. Serrano, Ricardo Jorge; João Semana Júnior, etc., etc.

Medicina Moderna — Pôrto, 1915, 22.º ano — Redactores: Ferreira de Castro, Santos Pereira.

Memórias do Instituto Osvaldo Cruz — Rio de Janeiro.

Porto Medico — Revista Mensal — Redactores: Alfredo Mahalhães, Sousa Júnior, Pires de Lima, 1904 a 1908, 1913.

Portugal Médico — Pôrto, 1915 — Redactor: Almeida Garrett.

Vida Médica e Scientífica — Pôrto, 1914. — Redactor: Almeida Garrett.

PROPOSIÇÕES

Anatomia

O estudo *topográfico* da anatomia é mais razoável do que o *descritivo*.

A freqüência das anomalias anatómicas é a principal condenação do *exagerado* estudo de minúcias em Anatomia.

A nomenclatura anatómica é cheia de inexactidões e contra-sensos: v. g. *buraco obturador, canaliculus innominatus de Arnold*, etc., etc. — As nossas Faculdades podiam perfilhar provisóriamente a de Serrano, que é, pelo menos em grande parte, bem sensata.

Histologia e Fisiologia

A fisiologia ordena ao homem uma cópula mensal. — A época da cópula para a mulher gira em volta do seu período menstrual.

A normalidade, para a mulher púbere, é a gravidez.

É mister que o ensino da Fisiologia tenha um grande e criterioso desenvolvimento, para que assim se abra caminho ao de Clínica Médica. Para isso é necessário que o aluno venha mais preparado de *Preparatórios*.

Farmacologia

Paralelamente à tendência, que modernamente se acentua, de fazer predominar a alimentação vegetal, deve estabelecer-se um regresso à *fitoterapia* de preferência à *quimioterapia*.

A *Farmacopeia Portuguesa* ora em gestação (?) deve inscrever o *combretum*, que é um excelente antilitiásico. Os *arandos*, o *ginsão* e o *hipericão*, que veem inscritos na actual *Farmacopeia* (de 1876!) não se encontram nas farmácias e no emtanto eram bem dignos de mais largo emprêgo.

Tenho visto a *pituitrina* dar óptimos resultados nas hemoptises dos tísicos.

A *endocrinologia* carece por emquanto de bases sólidas; deve, porêm, vir a fornecer fecundos resultados.

Medicina Legal e Anatomia Patológica

A nenhuma proibição que entre nós se impõe ao casamento de *sifilíticos, tuberculosos, alcoólicos, impotentes, precoces, tardios, cancerosos, degenerados*, etc., etc. constitui um verdadeiro ultraje à moral e uma ameaça tremenda ao futuro da raça.

Se no casamento católico é obrigatória para os cônjuges a apresentação de *desobriga* perante um padre que os tenha ouvido de confissão, no casamento civil é urgente que se torne compulsiva a apresentação de desobriga perante dois médicos legistas que os tenham examinado físicamente.

Num convalescente, observa-se sempre sôbre a unha uma depressão transversal correspondente ao ponto que estava em via de formação no momento da doença; a unha é notàvelmente menos espêssa nesse ponto; pouco a pouco, essa parte deprimida é empurrada de cima para baixo por novas camadas e acaba por desaparecer. A medicina legal poderia, em certos casos, tirar partido dêsse facto curioso.

Pela fauna dos cadáveres pode-se calcular muito aproximadamente a data da inumação.

Num futuro, infelizmente ainda talvez longínquo, junto de cada júri criminal haverá um auditor médico

Higiene

O homem domina o morbo. — Pela higiene individual consegue o homem libertar-se das doenças; pela higiene colectiva conseguem as cidades e as nações exterminá-las.

O exterminio *à outrance* das moscas, como êle é feito nomeadamente em Nova-York, em Londres, e mesmo em Paris, deve servir de modêlo a qualquer cidade que queira fazer a profilaxia da tuberculose, da febre tifoide, etc.

A instalação do Liceu Rodrigues de Freitas, do Pôrto, é um verdadeiro escândalo higiénico e pedagógico.

A tolerância das casas de prostituição e a inspecção das meretrizes são enormidades de que a moral do futuro se espantará. — Devia ser urgentemente

pôsto em vigor o projecto de decreto sôbre *Prostituição e Profilaxia antivenérea* do Prof. Ricardo Jorge, de Janeiro de 1911.

Higiene e Bacteriologia

Além do descanso semanal e das 8 horas de trabalho os proletários devem pugnar ainda pelo *week-end* e pelas férias anuais.

O terror da bactéria é ilusório.

A higiene de muitos dos estabelecimentos de instrução em Portugal é, semelhantemente à instrução que neles se ministra, — um mito.

Obstetrícia e Ginecologia

Se hoje é exigido um curso de medicina a quem quere tirar dentes, com muito maior fôrça de razão êle devia ser exigido a quem se propõe aparar crianças.

Anatomia. — O ovário é um anexo do útero.
Fisiologia. — O útero é um anexo do ovário.

É urgente que entre nós se promulgue uma lei idêntica à que em França obriga a parteira a deitar nos olhos do recêm-nascido algumas gotas de nitrato de prata ou de protargol. A cegueira devida às oftalmias purulentas dos recêm-nascidos baixaria então muito, ela que em Portugal atinge uma cifra elevadíssima.

Cirurgia

É conveniente antes de empreender uma operação, que não seja de urgência, corrigir as diáteses existentes nos operandos.

A febre post-operatória tende a desaparecer.

Cirurgia conservadora é um contra-senso em linguagem, mas um grande critério em clínica cirúrgica.

Patologia geral

Não há sintomas patognomónicos.

A Fisioterapia deve prevalecer à Quimioterapia.

Homeopatia e Alopatia não são métodos, mas tendências.

Clínicas

Mais ainda do que dos muitos factos da clínica, é necessário imbuir o futuro clínico da filosofia da sua profissão.

Se algum conhecimento há basilar para o estudo de Clínica Médica, êsse é a Fisiologia.

Deve haver muitas mais doenças *cíclicas* do que as que correntemente são consideradas como tais.

Nas doenças cíclicas a única medicação justa é a higiene, esclarecida pela patogenia.

O importante papel da higiene no tratamento da sífilis tem sido mal pôsto em relêvo.

A sintomatologia nervosa do hidrargirismo é muito parecida com a da sífilis terciária. *Similia cum similibus...*

Ética profissional

A luta da classe médica contra o curandeirismo deve ser feita *intus et extra.*

O médico pode defender a pena de morte como menos hipócrita do que as penitenciárias e as cadeias do tipo da Relação do Pôrto.

Se eu tiver um filho inteligente, fá-lo hei médico; se êle fôr mediano, será cirurgião; se fôr estúpido, terá de ser parteiro (TROUSSEAU).

Eu emendaria: — a um filho inteligente farei *parteiro;* se êle tiver uma sublime *arte de mãos* esclarecida por um são critério e largas vistas, será *cirurgião;* é necessário que seja um génio para poder dar um grande *clínico.*

Se a medicina é um sacerdócio, tem ela que acautelar-se dos erros em que caíu o sacerdócio religioso e dos perigos que daí lhe advieram. — A luta contra o sacerdócio médico está-se esboçando. Veja-se *A Sonata de Kreutzer,* etc.

Especialidades — Psiquiatria

O alienado é o indivíduo que em qualquer das faculdades do seu *eu* apresenta um *deficit* ou um *superavit* notável — intelectual, moral ou da vontade.

A histeria é para a psiquiatria o que o cancro é para a patologia — um grande enigma.

Se o sistema nervoso é o mais *nobre* dos sistemas, a clínica psiquiátrica é a mais *nobre* das clínicas.

Pode imprimir-se.

Pinho.

Visto.

R. Frias.